

UNIVERSIDADE SALGADO DE OLIVEIRA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTORIA -
PPGH
MESTRADO EM HISTORIA
AREA DE CONCENTRAÇÃO: SOCIEDADE E
MOVIMENTOS.

Diogo Marialva Moraes

**A IGREJA ANGLICANA E A
HOMOSSEXUALIDADE: UMA ANÁLISE DOS
DEBATES SOBRE SEXUALIDADE NAS
CONFERÊNCIAS DE LAMBETH ENTRE 1988 A
2008.**

Niterói
2018

DIOGO MARIALVA MORAES.

Linha de Pesquisa: Sociedade, movimentos populacionais e de culturas

Área de concentração: Sociedade e Movimentos.

**A IGREJA ANGLICANA E A HOMOSSEXUALIDADE: UMA ANÁLISE DOS
DEBATES SOBRE SEXUALIDADE NAS CONFERÊNCIAS DE LAMBETH
ENTRE 1988 A 2008.**

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós- Graduação
Stricto Senso em História do Curso
de Mestrado Acadêmico pela
Universidade Salgado de Oliveira,
como parte das exigências para
obtenção do título de Mestre em
História (PPGH).

Orientadora: Professora Mary Muray
del Priore.

**Niterói
2018.**

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Universo
Campus Niterói

M827i Moraes, Diogo Marialva.

A Igreja anglicana e a homossexualidade: uma análise dos debates sobre sexualidade nas conferências de Lambeth entre 1988 a 2008 / Diogo Marialva Moraes. – Niterói, 2018.

100 p. : il.

Bibliografia: p. 95-99.

Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre em História - Universidade Salgado de Oliveira, 2018.

Orientador: Dsc. Mary Murray Del Priore.

1. Brasil - História. 2. Homossexualidade - Aspectos religiosos - Cristianismo. 3. Igreja Anglicana - Brasil - História. 4. Sexo - Aspectos religiosos - Cristianismo. 5. Cristianismo. 6. Igreja Católica. 7. Misoginia. 8. Homossexuais. 9. Conferências de Lambeth. I. Título. II. Subtítulo: Uma análise dos debates sobre sexualidade nas conferências de Lambeth entre 1988 a 2008.

CDD 981

Bibliotecária: Elizabeth Franco Martins CRB 7/4990

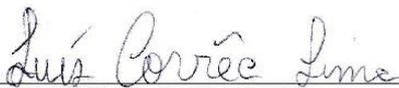
DIOGO MARIALVA MORAES

**“A IGREJA ANGLICANA E A HOMOSSEXUALIDADE: UMA ANÁLISE DOS
DEBATES SOBRE SEXUALIDADE NAS CONFERÊNCIAS DE LAMBETH
ENTRE 1988 A 2008”**

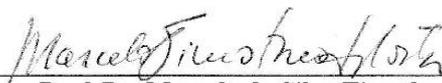
Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Salgado de Oliveira, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em História, aprovada no dia 11 de dezembro de 2018 pela banca examinadora, composta pelos professores:



Prof.ª Dr.ª Mary Lucy Murray Del Priore
Professora do PPG em História da Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO)



Prof. Dr. Luis Corrêa Lima
Professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ)



Prof. Dr. Marcelo da Silva Timotheo da Costa
Professor do PPG em História da Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO)

RESUMO

Esta pesquisa pretende elucidar sobre os novos debates referente a homossexualidade no interior do cristianismo do Brasil, gerando assim a aceitação de homossexuais no clero de algumas correntes do cristianismo, dando destaque para o caso do anglicanismo. Também, é importante ressaltar que este estudo se propõe analisar a influência cristã católica na construção de uma sociedade heteronormativa, lançando as bases para o entendimento da homossexualidade no Brasil, fazendo alusão a criação religiosa dos filhos pautados no machismo e misoginia, assim como os casos de julgamento e perseguição pelo “crime” de sodomia. Por sua vez, este projeto discorre sobre as tensões mais contemporâneas entre instituições religiosas no Brasil e representantes dos direitos das minorias sexuais, identificando as principais reações religiosas as demandas pelo reconhecimento de pessoas não heterossexuais. E por fim, apresenta um estudo sobre o debate nas Conferencias de Lambeth na igreja anglicana, em relação a aceitação de membros homossexuais no clero e entre leigos, assim como a formação histórica da igreja anglicana no Brasil e sua postura com respeito a homossexualidade.

Palavras-chaves: Homossexualidade Conferencia de Lambeth, Cristianismo, Igreja Anglicana.

Abstract

This research intends to elucidate the new debates regarding homosexuality within Brazilian Christianity, thus generating the acceptance of homosexuals in the clergy of some currents of Christianity, highlighting the case of Anglicanism and the schism that the church suffered with the discussion of this topic. Also, it is important to emphasize that this study proposes to analyze the Catholic Christian influence in the construction of a heteronormative society, laying the foundations for the understanding of homosexuality in Brazil, alluding to the religious creation of children based on machismo and misogyny, as well as cases of prosecution and prosecution for the "crime" of sodomy. In turn, this project will discuss the most contemporary tensions between religious institutions in Brazil and representatives of the rights of sexual minorities, identifying the main religious reactions to the demands for recognition of non-heterosexual persons. Finally, he presents a study of the debate at the Lambeth Conferences in the Anglican Church, regarding the acceptance of homosexual members in the clergy and among lay people, as well as the historical formation of the Anglican church in Brazil and its position regarding homosexuality.

Keywords: Homosexuality Lambeth Conference, Christianity, Anglican Church

DIOGO MARIALVA MORAES

**A IGREJA ANGLICANA E A HOMOSSEXUALIDADE: UMA ANÁLISE DOS
DEBATES SOBRE SEXUALIDADE NAS CONFERÊNCIAS DE LAMBETH ENTRE
1988 A 2008**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) no Curso de Mestrado em História, da Universidade Salgado de Oliveira, como parte das exigências para obtenção do título de Mestre em História (PPGH).

Aprovado em _____

BANCA EXAMINADORA

Mary Lucy Murray Del Priore - Presidente
Universidade Salgado de Oliveira.

Marcelo Timotheo da Costa – Titular Interno
Universidade Salgado de Oliveira.

Luís Corrêa Lima – Titular Externo
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

AGRADECIMENTOS

A conclusão desse trabalho foi um desafio, pois muitas vezes estive pressionado e pensei até em desistir. Problemas de saúde, financeiros e sobretudo familiares serviram de grandes obstáculos. Entretanto, tentei me lembrar de tantos LGBTQ+ que mesmo diante do preconceito, jamais desistiram dos seus sonhos, personalidades como Alan Turing, Marsha Thompson, Harvey Milk e tantos outros. Decidi transformar toda dor em combustível para prosseguir, e deste modo finalizei este trabalho.

À professora Mary Del Priore que em nenhum momento desistiu de mim, mesmo nos momentos que não conseguia produzir no ritmo adequado, a professora apostou nesse projeto. Houve momentos em que fraquejei, perdi prazos e a decepcionei, mesmo assim não deixou de confiar e partilhar seu conhecimento e experiência. Aos professores Marcelo Timotheo e Pe. Luis Correa Lima, que aceitaram o convite para fazerem parte da minha banca e contribuírem para discussão desta pesquisa.

Os amigos LGBTQ+ que me apoiaram durante o período do mestrado, nos identificávamos na dor e nos encorajávamos mutuamente, seria injusto colocar os nomes aqui, já que foram tantos e poderia cometer a injustiça de esquecer alguém, mas sempre terão minha eterna gratidão.

Ao CAPES que possibilitou o andamento desta pesquisa ao concederem a bolsa de demanda social. À Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO) pela oportunidade acadêmica. Ao Reverendo Daniel Rangel Cabral e ao Jefferson Fernandes que concederam as entrevistas para realização deste trabalho.

A minha mãe Ivete Marialva que ouviu minhas lamentações e não deixou que o desânimo me esmorecesse. Mesmo inserida em um contexto familiar tão conservador, jamais deixou de me tratar como filho, seu apoio foi fundamental para a conclusão desse objetivo. Ao minha terapeuta Lucia Couto que sempre tentou me mostrar por uma ótica mais otimista a realidade, me ajudando a dar um passo de cada vez.. Muito obrigado.

A todos os LGBT+ que já sofreram algum preconceito, que foram expulsos de casa ou de sua comunidade religiosa, devido sua orientação sexual ou identidade de gênero. Sem o exemplo de vocês, carregado de perseverança, dedicação e amor, eu não teria achado forças para finalizar esta pesquisa.

Abreviaturas

ABGLT, Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis

IEAB – Igreja Episcopal Anglicana do Brasil.

LGBT+ - Vem do termo inglês LGBTQQICAPF2K+, que tenta englobar todos os grupos fora da heteronormatividade nos quais seriam: L – Lésbicas, G – Gays, B – Bissexuais, T – Pessoas Trans, Q – Queer, Q – Questionando-se, I – Interssexuais, A – Assexuados, A – Sem Gênero, A – Simpatizantes, C – Curiosos, P – Panssexuais, P – Polisssexuais, F – Amigos e Familiares, 2 – “Dois-espíritos” e K – Kink.

GLS – Gays, Lesbicas e Simpatizantes.

Lista de Imagens

Figura 1: Vasco Núñez de Balboa lança mortalmente seus cachorros sobre um grupo de homossexuais da América Central.....	17
Figura 2: Bordel masculino inglês ao estilo Molly house.....	22
Figura 3: Lambeth Palace (Palácio de Lambeth).....	28
Figura 4: São Aelred of Rievaulx.....	38
Figura 5: Foto das primeiras bispas consagradas da igreja Anglicana.....	41
Figura 6: Bispos anglicanos reunidos no <i>Lambeth Palace</i>.....	46
Figura 7: Gene Robinson e seu esposo Mark Andrew.....	47
Figura 8: Reunião dos bispos na conferência*de Lambeth*em*2008.....	51
Figura 9: Reverendo Troy Perry realizando casamento.....	65
Figura 10: Paróquia de todos os Santos, localizada em Icaraí/Niteroi.....	74
Figura 11: Uma das campanhas do Movimento Episcopaz.....	83
Figura 12: Discussões promovidas pela Episcopaz com respeito ao casamento igualitário.....	84

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPITULO I	
A perseguição à Homossexualidade: ANTECEDENTES.....	13
1.1. A formação histórica da igreja anglicana.....	26
1.2. A igreja anglicana no Brasil	29
1.3- A igreja Anglicana e os direitos humanos: O início do debate sobre a homossexualidade.....	31
CAPITULO II	
2 - As conferência de Lambeth de 1988, 1998 e 2008: homossexualidade em pauta.	40
2.1. 1988	40
2.2. 1998	43
2.3. 2008: A consagração do bispo Gene Robinson.....	46
CAPÍTULO III	
Avanços dos direitos LGBT+ e o debate sobre a homossexualidade na IEAB.....	55
a) Os anos 80 e a Aids: o vírus da morte e do renascimento.....	55
b)A*IEAB*e*sua*posição*sobre*homossexualidade.....	59
3.1. A teologia Inclusiva e novas interpretações de trechos bíblicos.....	64
3.2 - Entrevista com reverendo da Paróquia de Todos os Santos e na pastoral Episcopaz.....	72
3.2.1 – Paróquia Anglicana de Todos os Santos em Niterói.....	72
3.3*.*Entrevista*com*Reverendo*Daniel*Rangel*Cabral.....	75
3.4. Movimento Episcopaz.....	83
3.5 – Entrevista com Jefferson Fernandes, membro ativo do Movimento Episcopaz.....	86
CONCLUSÃO.....	93
REFERÊNCIA BIBLIOGRAFICA	95

Introdução.

A presente pesquisa tem como temática **A igreja Anglicana e a homossexualidade: Uma análise dos debates sobre sexualidade nas Conferências de Lambeth entre 1988 a 2008**, que considero um desafio e de igual modo um incrível aprendizado, pois a temática da sexualidade tem sido um elemento de constante debate no interior do cristianismo brasileiro, gerando tanto iniciativas inclusivas de certas comunidades eclesiais, assim como discursos intolerantes.

A relação entre a prática homossexual e o cristianismo está no centro da questão deste trabalho, uma vez que ocorrem grandes mudanças neste segmento religioso específico, como a ordenação sacerdotal de homossexuais e a aceitação do casamento entre pessoas do mesmo sexo, gerando um debate que deve ser historicizado e problematizado.

A igreja, como seu discurso de representação oficial da revelação bíblica, passa a se tornar protagonista na interpretação bíblica e da aplicabilidade da sua mensagem na sociedade, sendo assim uma formadora de um imaginário acerca da prática homossexual e da participação de tal indivíduo na sociedade. No decorrer da história percebe-se a participação da Igreja Romana na formação do imaginário da (homo)sexualidade no contexto do Brasil Colonial. Gerando um choque cultural inicial teve lugar com a inquisição, pois, se encarava a prática homossexual de uma forma diversa na cultura local ameríndia; segundo relatos. Assim, cabe a tarefa da análise da inquisição como peça inicial na construção da LGBTfobia no Brasil, já que a igreja continua sendo fundamental para a interpretação bíblica e a análise da sexualidade em nosso mundo pós-moderno.

Todavia, em se tratando de igreja nos dias atuais, observa-se o surgimento das primeiras comunidades inclusivas: igrejas que incluem indivíduos LGBT+ e aceitam sua orientação sexual e identidade de gênero. Como respostas dos movimentos sociais iniciados em 1960, estas igrejas ganharam força e evidência social a partir da Metropolitan Community Churches (MCC), a primeira igreja inclusiva que tem origem nos Estados Unidos. A visão de que os homossexuais deveriam ser incluídos na religião cristã e, especificamente, nas igrejas, foi um reflexo do início da militância política

organizada de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros ou, simplesmente, o movimento LGBT.¹

A intolerância também é assunto inserido no debate acerca da prática homossexual, pois, a diversidade está presente quando tratamos do que é queer, ou, “diferente”. “Diferença” que traz a necessidade de aprimorar diálogos na tentativa de construção de uma sociedade mais tolerante e igualitária. A luta pela diversidade cultural e religiosa propõe, assim, a efetiva participação de todos os cidadãos que são comprometidos com os direitos humanos e com o seu cumprimento.

Rotular a postura cristã neste debate é difícil, tendo em vista as várias manifestações e faces do cristianismo atual, especificamente no Brasil, um país plural onde o cristianismo tem se misturado com outras expressões de fé. Novas interpretações bíblicas e novas afirmações teológicas surgem como resposta ao momento que vivemos. Nestes diversos segmentos do cristianismo, percebemos de modo especial, o caso do Anglicanismo, por se tratar de um acontecimento de cisma tendo em vista a Sagração de um bispo declaradamente homossexual no EUA; reverendo Gene Robinson sagrado bispo de New Hampshire, em 2 de novembro de 2003. Esse fato gerou um grande alvoroço no Anglicanismo Mundial, e atingindo o Anglicanismo Brasileiro.

O Anglicanismo passa a ser visto como um segmento da igreja aberta para revisão das interpretações bíblicas, inclusive acerca da prática homossexual, dos pilares tradicionais da interpretação bíblica em relação a ordenação de homossexuais, do casamento de pessoas do mesmo sexo e da abertura do diálogo com o movimento LGBT+. Desta forma, este trabalho não pretende encerrar – tendo em vista a impossibilidade de tal fato – a discussão, o diálogo e a construção de uma realidade entre a “pluralidade de cristianismos” e a afirmação do movimento LGBT+.

O primeiro capítulo aborda gênese do debate da inclusão dos LGBT+ na comunhão anglicana, sendo o mesmo dividido em 4 subtemas: Antecedentes da homofobia nas igrejas católicas e anglicanas entre durante o século XVI, a formação histórica da igreja anglicana, a história da igreja anglicana do Brasil e o início do debate sobre homossexualidade na igreja anglicana destacando a influencias dos relatórios de Albert Kinsey, o debates nos anos 50 entre alguns teólogos anglicanos sobre uma nova

¹ CÉSAR, Marília de Camargo. Entre a cruz e o arco-íris: a complexa relação dos cristãos com a homoafetividade – Belo Horizonte : Editora Gutenberg, 2013. p.106.

compreensão da homossexualidade e o dialogo sobre o tema na conferencia de Lambeth em 1978.

O 2º capitulo esta subdivido pelos seguintes temas: O avanço da teologia inclusiva e a nova interpretação da bíblia sobre os homossexuais; os debates sobre a homossexualidade nas conferências de Lambeth em 1988, 1998 e 2008; Os desdobramentos da inclusão de homossexuais na igreja Anglicana Brasileira. Também para a escrita deste capitulo, foram realizados levantamentos da documentação eclesiástica anglicana, onde os debates sobre o tema da homossexualidade foram inseridas no anglicanismo, neste caso as Resoluções das Conferencias de Lambeth entre 1978 a 2008, o relatório de Windsor, emitido em 2004 com intuito de levar o clero anglicano a um consenso sobre esta temática, e as cartas abertas de alguns bispos anglicanos no Brasil sobre as resoluções de Lambeth com respeito a homossexualidade.

No ultimo capitulo é apresentado a entrevista com duas lideranças anglicanas. O reverendo Daniel Rangel Cabral, líder da Paroquia de Todos os Santos localizada em Niterói, e com um membro da Pastoral Anglicana Episcopaz que trabalha no combate da LGBTfobia, realizando campanhas em defesa dos direitos humanos. Integrando as respostas das entrevistas com o debate realizado nas conferencias de Lambeth com respeito à inclusão dos LGBT+.

1 – A perseguição à Homossexualidade: ANTECEDENTES

O objetivo da igreja Católica, após a Concílio de Latrão², fez nascer uma nova postura no tocante à sexualidade, sobretudo nas colônias onde a igreja exercia grande influência, como no Brasil. Observavam-se punições mediante a aplicação de legislações religiosas, como as Constituições Primeiras do Arcebispo da Bahia. Neste documento, vários “pecados” são listados, entre estes, o crime de sodomia².

Desse modo, a consciência da sociedade colonial era regulamentada pela Igreja. Esta perseguição tinha maior eficiência devido às constantes denúncias feitas por qualquer indivíduo que suspeitasse de comportamento pecaminoso de outrem, bem como por intermédio do sacramento da confissão, pois, além de permitir que o fiel confessasse seus pecados, tal expediente permitia que este contribuísse para a vigilância e controle da sociedade pela Igreja.³

Em relação a tal controle, Del Priore⁴ afirma:

A perseguição da Igreja Católica às formas de prazer sexual dentro do casamento se enraizou com lentidão, mas de forma definitiva. No confessionário, nas missas dominicais e festas, pecava-se, é fato. Mas absorviam-se, também, os mandamentos das leis de um Deus severo e casto. A vigilância sobre os corpos e a sexualidade conjugal incentivou a dupla moral dos homens. Em casa, faziam filhos.[...] Mas, na rua, eles se divertiam. O sexo masculino ganhava vários nomes: “o Fodedor”, “o Frade”, “o Estoque”.⁵

A respeito da perseguição do tribunal do Santo Ofício Mott⁶ destaca:

Com a instalação em Portugal do Tribunal do Santo Ofício da Inquisição (1536), além de se manter a pena capital contra tais desviantes, a própria família dos sentenciados nos Autos de Fé ficava gravemente estigmatizada, tornando-se seus membros inábeis e impedidos por três gerações seguidas de beneficiar-se de qualquer cargo no serviço público, exército e igreja. Daí a repressão atroz como os pais e demais parentes tratavam seus filhos que ostentassem a

² “Foi o III Concílio de Latrão, de 1179, o primeiro concílio ecumênico a condenar a homossexualidade, estatuinto que qualquer que fosse achado tendo cometido a *incontinência contra a natureza* seria punido, sendo que o grau da pena dependeria da qualidade do transgressor, ou seja, se clérigo ou leigo.” (BONFIM, 2011. p.78.)

³ CARVALHO, Elton Roney da Silva. **(Homo)sexualidade em dialogo: imaginário cristão, intolerância religiosa e cisma anglicano**; UFPB; João Pessoa/CE, 2014.

⁴ DEL PRIORE, Mary. **Histórias íntimas**. 2.ed. São Paulo: Planeta, 2014.p.52.

⁵ Ibid.

⁶ **A igreja e a questão homossexual no Brasil**; Artigo publicado em MANDRAGORA, N.5, 1999, p.37-41

menor tendência em praticar “o abominável e nefando crime de sodomia - o mais torpe, sujo e desonesto pecado, pelo qual Deus manda todos castigos à humanidade”, conforme ensinavam as Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia .

Existem razões históricas e antecedentes que explicam a sexofobia - e sobretudo a homofobia - da Igreja católica e protestantes no Brasil. No Ocidente, relacionava-se com frequência o homoerotismo com a efeminação e a androginia. Não havia, de forma alguma no mundo colonial, ou no Ocidente cristão, espaço para homens-delicados, efeminados, ou seja, para aqueles que sentiam atração por pessoas do mesmo sexo.

De igual modo, pais e mães encarregavam-se de socializar seus filhos varões nos padrões mais extremos do patriarcalismo, com insistente temor, de qualquer gesto ou manifestação homossexual, considerando que esta era uma ameaça à própria sobrevivência dos colonos europeus no Novo Mundo.⁷ Referindo-se ao período do II Império, o historiador Eduardo Schnoor sublinha que:

Mas, sobre a masculinidade não podia pairar a menor dúvida, pois era uma sociedade em que o pai informava não o nascimento de um menino, mas que havia nascido um macho. Uma sociedade em que as mães de meninos com muito orgulho diziam “prendam suas frangas que meu galo está solto”. Uma sociedade em que a homossexualidade era uma anátema. Ter filho adamado era inimaginável. Caso ocorresse esse “problema” em uma família de posses, e ele era mandado para o Rio de Janeiro. Melhor ainda à Europa, bem longe. Quantas importantes famílias do Brasil não tiveram seus tios solteirões morando principalmente em Paris?⁸

Registra-se que há milênios a masculinidade esteve vinculada ao uso de armas. De modo semelhante, também é muito antiga a busca de recursos protetores para os homens considerados destemidos. Por isso, a coragem, característica básica da virilidade, se construía diariamente pelo enfrentamento dos seus semelhantes, amigos ou inimigos. Se para as mulheres essa qualidade tendia a ser um acréscimo bem-vindo, para os homens a coragem era historicamente considerada obrigatória e o elemento central da formação do verdadeiro macho.

No passado, homens sofriam estoicamente doenças ou algum tipo de mal físico, pois se acreditava que a dor poderia endireitar a alma e dar firmeza ao pensamento. As

⁷ Ibid.p.38

⁸ SCHNOOR, Eduardo; “Riscando o chão”: masculinidade e mundo rural entre a Colônia e o Império. Op.Cit. p.95

surras com que os pais castigavam seus filhos eram consideradas indispensáveis para formação de um caráter virtuoso. Com isso, temia-se a autoridade dos pais, numa época onde não se imaginava a discussão dos direitos da criança.

Desde cedo os rapazes eram preparados para todo tipo de enfretamento. Não por acaso, guerreiros e heróis sempre investiam no próprio armamento, na segurança proporcionada por vestimentas, capacetes, botinas e, ainda, patuás protetores. Da mesma maneira, os combatentes anônimos que povoaram o mundo em aventuras ordinárias também elaboraram uma tradição de precauções, cujo saber foi acrescido ao longo dos séculos por lendas e superstições.⁹

Por essas e outras razões, qualquer comportamento frágil ou efeminado era severamente punido desde o seio familiar, visto que antagonizava com a imagem deste homem virial como afirma Sant’anna:

Evidentemente o medo da homossexualidade atormentava as mais ilustres cabeças. Era comum iniciar a vida sexual com prostitutas. No Recife, os pederastas eram chamados de tarugos. Diversos nomes pejorativos faziam parte da cultura popular, destinados à exclusão social dos homens considerados excessivamente delicados. É conhecida a passagem do Romance de Raul Pompeia, na qual se mostra como os rapazes tímidos e ingênuos tendiam a ser “impelidos para o sexo da fraqueza”. Por isso, havia que se mostrar sem receio de falar e, se fosse preciso, bater e lutar.¹⁰

Para ratificar a repressão aos homossexuais, a sodomia foi elevada à condição de crime perseguido e castigado por três tribunais: pela Justiça Real, pela Santa Inquisição e pela Vara Episcopal

Devido a presença da Santa inquisição no Brasil, a percepção da sexualidade ganhou novas conotações. A partir da presença dos europeus em terras brasileiras, as formas de ver e fazer sexo mudaram. Desde uma imposição à cultura indígena (ameríndia) de normas do uso do sexo até uma “romanização/cristianização”, nota-se uma formação religiosa e peculiar impondo-se neste território.

O Tribunal do Santo Ofício formou uma postura no tocante à homossexualidade que não era comum em terras brasileiras antes da chegada dos europeus. Percebe-se que

⁹ SANT’ANNA, D.B. Masculinidade e Virilidade entre a Belle Époque e a República. In: PRIORE, Mary del, AMANTINO, Marcia. História dos homens no Brasil. 1. ed; São Paulo: Editora Unesp, 2013.p.246.

¹⁰ Ibid. 251.

tal posição permanece nos dias de hoje em claro contraste com o que vem ocorrendo ao redor do mundo, isto é, com os movimentos organizados e militantes envolvidos no debate acerca da prática homossexual e da sexualidade de uma maneira geral.¹¹

Por conseguinte, construiu-se, entre a população, a ideia de uma Igreja Católica como a única representante divina na terra. Sendo assim, seguir seus preceitos seria o correto a se fazer. Na Península Ibérica, no século XVI, muitos crimes que eram julgados pela alçada secular passaram a ser condenados em tribunais inquisitoriais como a bigamia, sodomia, bestialidade e afirmações ofensivas às regras morais da igreja.¹²

No Brasil, o Tribunal do Santo Ofício não se instalou, mas fez diversas visitas com a participação de seus representantes. Sobre isso, Ronaldo Vainfas explicita:

“A primeira visitação do Santo Ofício ao Brasil, em 1591, comandada pelo inquisidor Heitor Furtado e Mendonça, se concentrou no Nordeste brasileiro devido a uma forte presença de cristãos-novos e uma grande concentração populacional e de riquezas. Na tentativa de conter os supostos comportamentos heréticos, os inquisidores moveram uma fortíssima campanha moralizante que controlava as condutas individuais. Delitos sexuais como a sodomia, bestialismo e outros contatos sexuais assimilados a heresias, julgados até então pela justiça, foram relegados ao foro inquisitorial a partir de 1553.”¹³

Vale ressaltar que a homossexualidade indígena também aparecia de múltiplas formas e em diversas fontes desde essa época. Feitas de medo e truculência são as descrições da imposição das regras europeias à sexualidade indígena. Um exemplo disso é a descrição que Pietro Martire d’Anguiera traz em seu livro, *De orbe novo* (1516), sobre como o nobre espanhol, Vasco Núñez de Balboa, matou, lançando aos cães, o irmão do cacique de Quaraca e quarenta de seus companheiros, por estarem vestidos como mulheres no Panamá, em 1513.

A cena foi imortalizada por Theodor de Bry em uma de suas gravuras, datada de 1594. Vale salientar que tais cenas são frequentes em diversos relatos e nos dão uma

¹¹ CARVALHO, Elton Roney da Silva. **(Homo)sexualidade em diálogo: imaginário cristão, intolerância religiosa e cisma anglicano**; UFPB; João Pessoa/CE, 2014.

¹² VAINFAS, R. **Trópicos dos Pecados: moral, sexualidade e inquisição no Brasil**/ Ronaldo Vainfas – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.p.22

¹³ Ibid. 251

visão de como o processo da imposição das sexualidades ibéricas nas Américas foi cruel.¹⁴

Figura 1: Desenho de Theodor de Bry (1594): Vasco Núñez de Balboa lança mortalmente seus cachorros sobre um grupo de homossexuais da América Central.



Fonte: <https://www.greatbigcanvas.com/view/the-dogs-of-vasco-nunez-de-balboa-1475-1571-attacking-the-indians,2307745/>

Um caso emblemático acerca da perseguição aos homossexuais foi o do jovem português Luiz Delgado, rapaz de 21 anos, filho de um moleiro, que foi denunciado em 1686, na Bahia como sodomita contumaz. Preso em 1689, depois de longo processo inquisitorial, foi deportado para Angola.

Casos como esses não eram incomuns, já que a intolerância quanto à sodomia se devia muito ao fato de figurar como uma conduta perturbadora para a hierarquia social da época, mesmo que escamoteada e condenada legitimamente pelo discurso religioso.¹⁵

No que diz respeito à ruptura de hierarquia social, Mott explicita:

O que mais irritava, porém, aos baianos no comportamento do fanchono era o desrespeito à distância social, uma das pilasstras da ordem hierárquica desta sociedade estamental, onde pequena elite

¹⁴ FERNANDES, Estevão Rafael; Desmitificando sexualidades: Enquadramentos coloniais e homossexualidade indígena no Brasil e nos Estados Unidos. p.24.

¹⁵ MOTT, Luiz. Bahia: *Inquisição e sociedade*. EDUFBA; Salvador, 2010.p.160

branca a duras penas mantinha imensa população de cor subjugada ao trabalho forçado.¹⁶

A visão dos europeus com respeito ao descobrimento do Brasil foi pautado na ideia de um paraíso, inferno e, até mesmo, purgatório. Seria como uma terra prometida por Deus onde, por sua vez, o Rei de Portugal seria o representante legal divino, para governá-la. Por esse motivo, é tão presente a participação cristã na construção do Brasil, inclusive na normatização da sexualidade que, por várias razões, era normalmente aceita e incorporada pelas populações.

De igual modo, os povos nativos eram vistos como sujeitos incivilizados e sem qualquer ligação com o Deus cristão, cabendo assim aos europeus uma missão civilizadora de natureza religiosa.¹⁷

É fato que o poder da igreja católica diminuiu significativamente após o período do iluminismo, já que com o crescimento das assembleias, a igreja romana diminuía seu poder ideológico. No Brasil, todavia, seu poder político aumentava por meio do próprio estado, já que, em 1824, na Assembleia Constituinte, o catolicismo passou a ser a religião oficial.

Mesmo que posteriormente tenha ocorrido o rompimento entre a igreja e o estado, após a proclamação da República, em 1891, a igreja católica e, paulatinamente, as igrejas reformadas também continuaram como formadoras e participantes do imaginário brasileiro, em específico quanto à rejeição da homossexualidade.¹⁸

Embora a Inquisição ameaçasse os sodomitas sentenciados com duras penas no caso de reincidência no que se cognominava de “mau pecado”, há notícia de muitos amantes do mesmo sexo que não abandonaram a prática do homoerotismo. A estes os inquisidores chamavam de “incurrigíveis” — avaliação que descarta a infundada hipótese de Michel Foucault de que os sodomitas, antes da medicalização da homossexualidade no século XIX, eram tão somente praticantes ocasionais da cópula anal: a documentação inquisitorial comprova cabalmente, quando menos a partir do século XVI, também em Portugal e suas colônias, e não apenas na Inglaterra, França, Espanha e Holanda, a existência de uma estruturada subcultura sodomítica, inclusive com lampejos de afirmação identitária por parte dos sodomitas mais incurrigíveis.¹⁹

¹⁶ Ibid. p.161

¹⁷ CHAUÍ, Marilena. *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*. 5. Imp. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2000.

¹⁸ CARVALHO, Elton Roney da Silva. *(Homo)sexualidade em dialogo: imaginário cristão, intolerância religiosa e cisma anglicano*; UFPB; João Pessoa/CE, 2014.

¹⁹ MOTT, Luiz. *Raízes históricas da homossexualidade no Atlântico lusófono negro Afro-Ásia*, núm. 33, 2005, pp. 9-33. Universidade Federal da Bahia, Bahia, Brasil

Este imaginário construído pela igreja tem reflexos no interior das famílias nos dias atuais como uma herança rígida, monolítica do passado patriarcal. Por isso, ainda é comum ouvir relatos de famílias que internam parentes homossexuais em clínicas quando percebem que eles apresentam qualquer postura diferenciada do padrão heterocêntrico.

Outros homens, por conta da marginalidade e falta de apoio familiar, constroem redes de apoio alternativo com amigos que compartilhem seus desejos sexuais. Muitos homossexuais masculinos do Nordeste, por exemplo, se mudam para grandes centros urbanos, como Rio e São Paulo, desafiando modelos apresentados por sociólogos e historiadores, segundo o qual afirmam, que pessoas mudam de uma área a outra do Brasil, dependendo essencialmente de seus laços familiares.²⁰

Sobre isso Mota²¹ destaca:

O despertar homossexual não é um fato dado na sociedade, e nesse sentido explicita muitas questões que envolvem os efeitos simbólicos no seio da família, passando pelas brincadeiras eróticas da infância, os vínculos de amizade, o projeto de sair de casa, a migração para o grandes centros urbanos, entre outros aspectos que explicitam a dificuldade de ser aquilo que se deseja, ou expressar a sexualidade como estilo de vida onde quer que esteja.²² p.46.)

O autor continua:

Para muitos indivíduos homossexuais, o submeter-se ao “armário” esta calcada na falta de amparo social e de garantias de possibilidades de aceitação social. Assim, o “armário” significa não só a proteção pelo silêncio, mas também atesta a prática subjetiva entre as oposições casa e rua, privado e público, dentro e fora em um todo contexto heteronormativo, permeado pela violência simbólica fortemente caracterizada por homofobia.²³

De igual modo, a igreja protestante no Brasil estava em consonância com a homofobia institucionalizada, inclusive a própria igreja anglicana, que, em concordância

²⁰ GREEN, James Naylor. *Além do carnaval. A homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: UNESP, 2000.p.18

²¹ MOTA, Murilo Peixoto da, 1965- *Ao sair do armário, entrei na velhice : Homossexualidade masculina e o curso da vida / Murilo Peixoto da Mota*. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Mobile, 2014. p.45

²² Ibid: 16

²³ Ibid.p.46

com o governo britânico, apoiava as leis antissodomia. Pode-se afirmar que mais da metade das leis homofóbicas (*sodomy laws, anti-sodomy laws*) em vigência no mundo tenha seu nascedouro nas leis deixadas pelo Colonialismo Britânico, como um legado estrangeiro. Pode-se afirmar que o sistema legal da Europa Colonialista influenciou, neste aspecto, muitos países onde manteve suas colônias.

Por isso, os desdobramentos da união entre Igreja e Estado, são de igual modo verificados nos colonizadores, visto que a dominação e estabelecimento no território dos povos conquistados ou “descobertos” tiveram importante papel na propagação da legislação que vigorava na Europa.²⁴

Apesar de parecer diminuída, a perseguição aos sodomitas com a Reforma Protestante, na verdade deu continuidade a este processo, em virtude da visão distorcida com a qual os principais líderes do movimento percebiam a relação entre conhecidos artistas homossexuais com a Igreja Católica.

Sobre isto Capellano explicita:

Embora tenha havido a Reforma Religiosa, e o surgimento das Igrejas Protestantes, este fato em nada arrefeceu a caça aos “sodomitas”, pelo contrário, recrudesciu-o. As igrejas reformadas terão posturas ainda mais radicais do que o catolicismo em relação aos “pervertidos”, envolvidos no “vício nefando” e no “pecado contra a natureza”. Esta radicalização se deve, em parte, à relativa tolerância de alguns papas, durante o Renascimento Cultural e Maneirismo, que empregaram artistas como Leonardo da Vinci, Michelangelo Buonarrotti, Caravaggio e até Sodoma (cujo codinome não deixa margem a dúvidas) aos seus serviços, identificando para sempre a corte dos papas, no imaginário dos reformadores como Lutero e Calvino, ao “vício grego”.²⁵

A gênese da aversão à homossexualidade pela igreja da Inglaterra pode ser vista, pelo ato do rei Henrique VIII, da dinastia Tudor, em 1533, que já proibia o “vício abominável da sodomia” com a promulgação da *Buggery Act*²⁶.

²⁴ BONFIM, Silvano Andrade. *Homossexualidade, direito e religião: Da pena de morte. A criminalização da homofobia e seus reflexos na liberdade religiosa*. Revista Brasileira de Direito Constitucional. 2011

²⁵ CAPPELLANO, Luiz Carlos. *Breve Histórico da Homossexualidade Humana*. 2004. p.22. Disponível em: <https://sites.google.com/site/lucappellano/breve-historico-da-homossexualidade-humana>

²⁶ CORRÊA, Mariza. *Gênero, genealogias & Novas Famílias*. Revista Mediações. UEL. 2012. p.192.

Esta lei só foi revogada na Inglaterra em 1967. A intenção de Henrique VIII com esse ato era, aparentemente, atingir o clero católico, que, até então, tinha julgamento privilegiado quando cometida “sodomia”, tradução da palavra *buggery* à época.

O monarca transformou proibições eclesiásticas em penalidades legais, perseguindo todas as formas de penetração anal em mulheres, homens ou animais, sujeitando os infratores à pena de morte na Inglaterra, no País de Gales e na Irlanda.

Também é importante ressaltar que, as Leis de sodomia foram aplicadas nas colônias britânicas, como os EUA, por meio do Ato de Sodomia em 1533, que caracterizava práticas homossexuais como sendo contra a natureza. Após a Independência dos Estados Unidos a maioria dos estados manteve a lei de sodomia herdada dos tempos coloniais lei que, previa pena de morte para homens condenados por atos homossexuais.

Em 1779, o então governador do estado da Virgínia, Thomas Jefferson, escreveu uma lei condenando homens que fossem pegos ou condenados por práticas homossexuais à castração. Porém, essa tentativa de “suavizar” a pena para os praticantes de sodomia foi rejeitada pelo Assembleia Geral da Virgínia, que continuou a manter a pena de morte para praticantes da sodomia. As pessoas pegas nessas práticas passaram a ser presas e condenadas a dez anos de prisão, com confisco de todos os bens. Em seguida, outros estados americanos começaram a modificar suas leis, embora alguns, como a Carolina do Sul, por exemplo, continuassem a manter a pena de morte até 1873²⁷

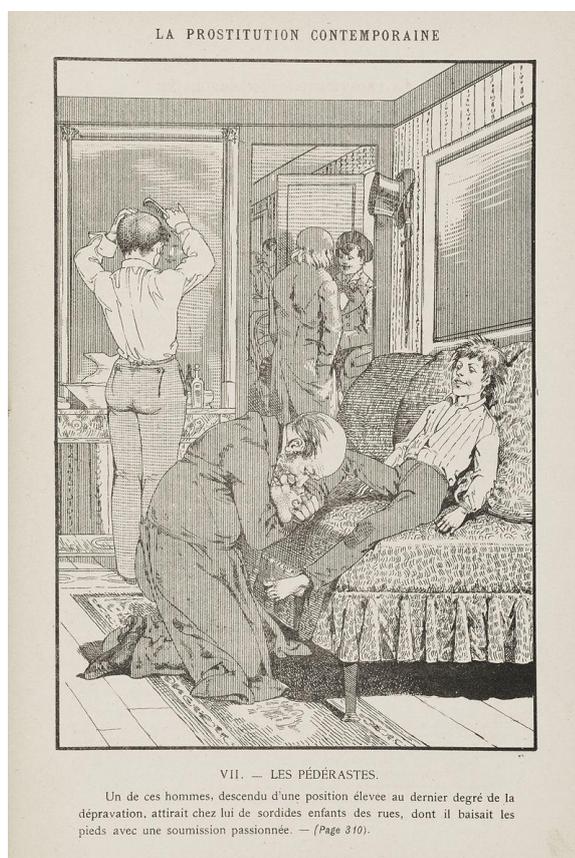
Na Inglaterra, a pena capital persistiu até 1861. As atitudes, porém, mudaram, a partir do século XVII, quando surgiram práticas ligadas a uma subcultura considerada imoral ou "estranha", nas famosas Casas Molly.

Nestes lugares, os lordes podiam relaxar e saciar desejos e fetiches: nas *Molly houses* eles se vestiam de mulher, transformando-se, e aceitavam a corte de seus cúmplices admiradores – tudo devidamente coroado pelo sexo. Findos os encontros, a “vida normal” e as respeitáveis famílias os aguardavam.²⁸

²⁷ Uma História de Orgulho - Matéria - Jornal Cidadania - Fundação Bunge» 10 de maio de 2013 - Consultado em 15 de Novembro de 2017.

²⁸ FERREIRA, Daniel Rogers de Souza; *Ousar dizer o nome: Movimento homossexual e o GRAB no Ceará*. UECE. 2003. p.37

Figura 2: Bordel masculino inglês ao estilo molly house, retratado pelo francês Léon Choubrac na obra *La prostitution contemporaine*, de Léo Taxil, datado de 1884.



Fonte: <https://timalderman.com/2017/10/01/gay-history-crusing-doing-the-beat-in-georgian-london/>

Apesar de vivenciar uma época onde reinava o puritanismo, a prática homossexual florescia. Homossexuais se encontravam em clubes, tavernas e bordéis e travestidos nestas casas. Vale salientar que a maior parte de tais estabelecimentos era administrada por mulheres.

Por conseguinte, era comum, naquela época, que burgueses tivessem jovens criados e solteiros que lhes serviam como amantes. Com muita frequência, a condição de empregado servia como disfarce para que pudessem conviver no mesmo ambiente.²⁹

²⁹ MESQUITA, Teresa Cristina Mendes de. *Homossexualidade: Constituição ou Construção?* 2008. 75 f. TCC (Graduação) - Curso de Psicologia, Centro Universitário de Brasília - UNICEUB, Brasília, 2008

Isso fez com que o governo Britânico, sobretudo em Londres, levasse ao país a implementação de políticas que permitissem à sociedade londrina alcançar os limites do que era socialmente ou moralmente aceitável.

As respostas às relações homoafetivas foram surpreendentemente brutais, pois para combater esta subcultura, a partir de 1690, viu-se o surgimento de uma sociedade pautada na Reforma Protestante, com diversas instituições defensoras de valores tradicionais, como associações de advogados, juízes, clérigos e uma série de informantes com a intenção clara de livrar a Inglaterra dos “vícios pecaminosos”, sobretudo a prostituição e 'sodomia'.³⁰

Para Crompton³¹, a sociedade inglesa conseguiu relativo sucesso em reprimir homossexuais e as Mollies Houses, promovendo centenas de processos nos primeiros quarenta anos do século XVII. Crompton, inclusive, cita um sacerdote anglicano que, em 1698, aprovando a perseguição aos homossexuais, afirmou “*Such monsters ought to be the Detestation of Mankind, pursued by Justice and exterminated from the Earth.*”

Com a Revolução Francesa, a homossexualidade foi, aos poucos, sendo excluída dos códigos penais como crime grave. Em quase toda a Europa, deixou de ser tema de cunho religioso para se tornar assunto das autoridades civis.

Paris figurava como um grande reduto da subcultura homossexual. Presenciava-se menos execuções do que no século XVII, todavia o controle policial continuava rígido. Os homossexuais utilizavam roupas com as quais podiam reconhecer seus possíveis parceiros, mas que serviam, também, para se fazer notar pela polícia. Estas vestimentas, constituídas por casacos, gravatas grandes e laços nos sapatos, era chamada de “uniforme pederástico”. A maioria dos acusados era composta por operários e artesãos, sendo poucos os burgueses ou nobres que eram incomodados pela polícia.³²

Somente com o surgimento do movimento Iluminista, é que se inicia um processo de mudança na visão com relação ao relacionamento homossexual, quando o discurso religioso dá espaço à teoria científica e racional. Com isso, a homossexualidade

³⁰ CHILDS, K. HARRIS, J. CISNEROS, A. *Anglicans and Sexuality: A Way Forward?* Institute f Public Affais.

³¹ CROMPTON, L., *Homosexuality and Civilization*, Cambridge Mass., Belknap Harvard UP, 2003.

³² SCHULTZ, Paulo Luis. *A criminalização dos atos discriminatórios contra a diversidade sexual e transgeneridades a luz do princípio da dignidade humana*. Unisul. 2016.

deixa de ser considerada como uma prática pecaminosa e passa a ser vista como uma doença típica, a qual precisa de tratamento para ser extirpada do contexto humano.³³

Neste contexto, tratamentos surgiram com a intenção de promover uma cura ao comportamento homossexual de forma a trazer de volta o indivíduo afetado ao modo de vida heteronormativo: [...] o indivíduo homossexual poderia ser facilmente curado através da injeção ou ingestão de hormônios. Na lógica desse tratamento, essas pessoas estariam com uma insuficiência hormonal e, logo, a reposição dos hormônios sexuais poderia torná-los heterossexuais. Apesar da lógica científica presente neste tipo de tratamento, ele apresentou uma série de problemas, uma vez que não ocorria modificações na orientação sexual das pessoas tratadas, mas modificavam-se de acordo com os efeitos gerados pela nova quantidade de hormônios presente em seus corpos, como o aumento do apetite sexual e o surgimento de características sexuais secundárias (barba, músculo, entre outros). Revelando sua falta de eficácia, tal tratamento teve de ser abandonado.³⁴

Permaneceu enraizada, todavia, a mesma interpretação quanto às restrições bíblicas e a lei permaneceu implacável contra qualquer liberalização. A única exceção foi a alteração da sentença de morte para os praticantes de sodomia, em 1861.

Registra-se ainda que, em 1835, a lei expandiu-se, a fim de abranger atividades que, anteriormente, não foram criminalizadas e para facilitar a obtenção de condenações, tornando a vida de homossexuais mais difícil.

A “tentativa de sodomia” também poderia ser julgada como uma infração penal. Na Escócia, a “sodomia” foi proibida por lei. A pena de morte foi abolida na Escócia por meio do Ato 1887 do Processo Criminal. No entanto, toda forma de “tentativa de sodomia” foi usada de uma maneira crescente no século XIX para abranger formas mais amplas de atividade sexual entre homens - como masturbação ou sexo oral. Na Escócia, o delito de “indecência desavergonhada” foi usado de maneira crescente.

³³ Ibid.

³⁴ PEDRINI, Mateus Dias; CORREIA JUNIOR, José Agostinho. *Os processos de cura de homossexuais e suas interfaces com os saberes da psicologia: uma reflexão*. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, DIVERSIDADE SEXUAL E DIREITOS HUMANOS, 2. 2012, Vitória. Anais. Vitória: UFES, 2012. p. 1 - 12.

Um dos principais acontecimentos foi a criação do delito de “indecência repugnante” (*gross indecency*) por meio da Lei de Alteração do Direito Penal de 1885, a qual foi aplicada em todo o Reino Unido.³⁵

A seção 11 da lei declarava:

A seção 11 da lei declarou: Qualquer pessoa do sexo masculino que, em público ou em privado, cometer ou fazer parte, procurar ou tentar procurar ter relações sexuais com outra pessoa do sexo masculino será considerado culpada de delito menor e será condenada, a critério do tribunal, a ser presa por qualquer prazo não superior a dois anos, com ou sem trabalho forçado.³⁶

Isso ocorreu no contexto dos movimentos de purificação social liderados pela classe média moralista, que se engajou em campanhas contra a prostituição e pela defesa da família. A “indecência repugnante” foi significativa ao expandir o escopo de aplicação do direito penal: enquanto seu escopo não era especificado em termos de atos sexuais precisos, a terminologia poderia ser interpretada para abranger todos os atos sexuais entre homens.

A nova infração foi inicialmente pouco notada e não se consolidou como algo revolucionário, mas ganhou maior proeminência e uso quando foi aplicada com sucesso para processar o escritor Oscar Wilde, em 1895, por exemplo.³⁷ Outro caso emblemático foi do matemático Alan Mathison Turing, que nasceu em 23 de Junho de 1912, em Maida Vale, um bairro residencial a oeste de Londres. O matemático foi condenado a castração química em 1952 por ser homossexual (configurado como crime no Reino Unido até 1967.). Na época ele se relacionava com Arnold Murray, um jovem de 19 anos. Alan Turing foi encontrado morto em sua casa, na cidade de Wilmslow, dois anos depois (7 de junho de 1954). A causa da morte foi envenenamento por cianeto. Ele mordeu uma maçã mergulhada nessa substância que foi encontrada na mesa ao lado da cama.³⁸

Charles Upchurch³⁹ vê isso como resultado, em parte, da influência do Movimento Evangélico na Igreja Anglicana na primeira metade do Século XIX, e sua

³⁵ WEEKS, J.; HOLLAND, J.; WAITES, M. (eds.). 2003. *Sexualities and Society: A Reader* Cambridge: Polity Press.p.87

³⁶ Ibid.

³⁷ Ibid p.88

³⁸ <https://www.hardware.com.br/artigos/alan-turing-relembra-a-trajetoria-desse-visionario-que-da-nome-a-nova-arquitetura-da-nvidia/> Acesso em 09/01/2019

³⁹ UPCHURCH, C., *Before Wilde: Sex Between Men in Britain's Age of Reform*, University of California Press, 2009

ênfase na moralidade pessoal. Ele considera as atitudes intolerantes em relação à homossexualidade da época, como sintoma de uma identidade masculina renovada por este movimento, que não toleraria o tipo de debate - médico, psicológico, social - em torno da "inversão" sexual prevalecente em outros lugares da Europa.

Entretanto, talvez o elemento mais surpreendente desse debate entre o anglicanismo e a homossexualidade, tenha sido o papel que a Igreja da Inglaterra desempenharia para o fim das leis antissodomia no Reino Unido no século XX.

1.1 - A formação histórica da Igreja Anglicana.

Quando as pessoas perguntam pela origem da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil (IEAB), logo querem saber quem foi o seu fundador. A resposta, geralmente encontrada nos livros de história, é que foi fundada pelo Rei Henrique VIII.

Esta resposta não corresponde à verdade, pelo simples fato de que o controvertido rei não podia fundar algo que já existia. A primeira referência histórica sobre a existência de cristãos na antiga Bretanha romana foi registrada por Tertuliano que, em 208 DC, fala de regiões da ilha que haviam se convertido ao cristianismo. Pouco se sabe sobre esses cristãos durante o terceiro século. O certo é que, em 314 DC, três bispos ingleses participaram do Concílio de Arles, no sul da França. Esse fato mostra que já havia uma igreja organizada na grande ilha.⁴⁰

Do surgimento do cristianismo até a Reforma Anglicana, a Igreja da Inglaterra como era conhecida, passou por momentos difíceis, principalmente pela sequência de invasões que a ilha sofreu, e que quase eliminaram o cristianismo daquela região. Sobre este conturbado período na gênese da igreja Anglicana Cescani⁴¹ destaca:

No começo do século V, os romanos abandonaram a *Britannia*, permitindo a invasão dos anglo-saxões, que destruíram as igrejas e reduziram a prática da fé cristã durante quase 150 anos. Em 597 DC, o Papa Gregório enviou uma comitiva de 40 monges para converter os bretões, chefiada por Agostinho que se tornou o primeiro Arcebispo de Cantuária em 597 DC. A obra missionária iniciada por Agostinho foi consolidada por uma segunda missão romana liderada por Teodoro de Tarso. No final do século X, os dinamarqueses invadiram a ilha e destruíram quase tudo, deixando a impressão que Deus havia se ausentado do mundo.

⁴⁰ CESCANI, Luis Filipe Paganella. *Os Direitos Humanos e a Igreja Episcopal Anglicana do Brasil (IEAB)* – Diocese do Recife. João Pessoa .UFPB. 2003.p.11

⁴¹ Ibid.

Entretanto, em 1016, houve uma segunda invasão normanda, mas com a diferença de que o rei era cristão e, por isso, protegeu a igreja. Doze séculos depois de ter sido parte da Igreja Católica Romana e reconhecer o Papa como seu chefe eclesiástico, a igreja da Inglaterra viu a necessidade de romper com Roma. Portanto, a história da Igreja da anglicana é marcada por grandes oscilações em relação ao catolicismo romano ou ao protestantismo.

Quando Henrique VIII separou a Igreja da Inglaterra do catolicismo romano (1534), todos compreendiam que a mudança fora apenas de mandatário: passou-se de um papa para um rei. Mas a liturgia e a estrutura hierárquica continuavam as mesmas. Posteriormente, por intermédio de contatos com luteranos e calvinistas, a liturgia anglicana tomou forma com a declaração doutrinária, os “39 Artigos de Religião”.⁴²

Logo, percebeu-se a aceitação das ideias protestantes que rondavam a Europa, houve um significativo acolhimento dessas doutrinas nas universidades, como Oxford e Cambridge. O desejo de independência do Sacro-Império Romano e do Papado já estava presente, antes do surgimento da igreja anglicana, considerando também que o nacionalismo crescia em muitos lugares da Europa, assim como ideias parlamentaristas.

Sobre isso Jorge Aquino afirma:

“Quando o rei Henrique VII sobe ao trono em 1509, a Inglaterra vivenciava, de um lado, a predominância do espírito de contestação quanto à interferência da fé romana nos negócios da igreja da Inglaterra e, por outro lado, a reverberação das ideias reformistas de Wyclif, sempre presentes através da pregação dos lóardos. Outro fato incontestável é que as ideias de Martinho Lutero começavam a se espalhar por todo o país, principalmente nas universidades, influenciando homens como Thomas Cramner, Mathew Parker e Hugh Latimer, que mais tarde ocuparam cargos eclesiásticos.”⁴³

Desde o século XVI, o anglicanismo tenta se equilibrar entre o peso de tradições pré-reformadas (sobretudo na liturgia) e a influência de grupos protestantes às vezes bastante radicais. Essa atitude receberá mais tarde a designação de “via média”,

⁴² CALVALNI, Carlos Eduardo B. *Anglicanismo no Brasil*; REVISTA USP, São Paulo, n.67, p. 36-47, setembro/novembro 2005

⁴³ AQUINO, Jorge. *Anglicanismo: Uma introdução*. Recife: Perfilgráfica e Editora, 2000.p.21

expressão a partir da qual se busca a identidade do anglicanismo com base no meio-termo entre o catolicismo romano e o protestantismo clássico.⁴⁴

Atualmente, a totalidade de igrejas nacionais que preservam a herança da Reforma Inglesa relaciona-se mutuamente em processos de consulta e companheirismo. A isso se chama “Comunhão Anglicana”. Para ser parte dessa “comunhão” as igrejas nacionais (chamadas “províncias”) precisam reconhecer a primazia de honra do arcebispo de Cantuária (a mais antiga diocese da Inglaterra), colaborar financeiramente de acordo com seus recursos para a manutenção do escritório central da Comunhão Anglicana, enviar bispos para representá-la na Conferência de Lambeth⁴⁵ (reunião de todos os bispos anglicanos a cada dez anos), designar ou eleger um bispo-primaz que representará a igreja local no encontro bienal dos primazes e designar ou eleger representantes (bispos, clérigos ou leigos) para fazerem parte do Conselho Consultivo Anglicano.⁴⁶

Figura 3: Lambeth Palace (Palácio de Lambeth) é a residência oficial em Londres do Arcebispo da Cantuária. Fica localizado em Lambeth, um dos 32 distritos da cidade de Londres, na margem sul do Rio Tâmis, a curta distância do Palace of Westminster. Foi adquirido pelo arcebispado por volta do ano 1200.

⁴⁴ Ibid. 38

⁴⁵ As Conferências de Lambeth (Lambeth Conferences, em inglês) são assembleias dos bispos anglicanos, as autoridades eclesiais da Comunhão Anglicana, realizadas a cada dez anos desde 1867, capitaneadas pelo Arcebispo da Cantuária. As Conferências de Lambeth são um dos "Instrumentos da Comunhão", assim como os Encontros de Primazes e o Conselho Consultivo. A origem do nome está associada ao Lambeth Palace, em Londres, residência oficial do Arcebispo da Cantuária. Durante as Conferências de Lambeth são debatidas resoluções que influenciarão sobre a Doutrina anglicana em todo o mundo, sendo esta assembleia de caráter "colaborativo e consultivo", uma vez que a Comunhão é, na verdade, uma associação de províncias autônomas. Os debates na conferência são de temas relacionados às questões morais, doutrinárias e administrativas da Igreja. Fonte: <http://www.anglicancommunion.org/structures/instruments-of-union/lambethconference.aspx>

⁴⁶ Ibid 39



Fonte: <http://www.london-se1.co.uk/news/view/8239>

A Igreja Anglicana somente se definiu a partir do reinado de Elizabeth I, em 1559, que, com base no controvertido “Ato de Uniformidade”, devolveu à Rainha o mesmo poder que tinha Henrique VIII e Eduardo VI. Elizabeth foi excomungada pelo Papa Paulo IV (1555-1559), que promulgou leis contra os romanistas e puritanos e iniciou um período de apogeu na Inglaterra: a chamada era elizabetana.

O ato de uniformidade criou três correntes antagônicas entre si: a Igreja oficial, os romanistas e os independentes, ou não conformistas. Muitos dos insatisfeitos mudaram-se para a América. Em 1607, o Reverendo Robert Hunt celebrou a primeira Santa Comunhão no rito anglicano em solo americano, e a Igreja permaneceu sob a jurisdição de Londres até a independência dos Estados Unidos em 1776. Já em 1823, foi fundado o Seminário Teológico de Virginia de onde saíram os missionários, Lucien Lee Kinsolving e James Watson Morris, para estabelecer a igreja no Brasil.⁴⁷

1.2 – A igreja Anglicana no Brasil.

⁴⁷ CESCANI, Luis Filipe Paganella. *Os Direitos Humanos e a Igreja Episcopal Anglicana do Brasil (IEAB) – Diocese do Recife*. João Pessoa .UFPB. 2003.p.11

Em diversas partes do mundo, as Igrejas anglicanas se tornaram independentes, ou seja, igrejas nacionais ou regionais, formando o que hoje se chamam províncias anglicanas ou igrejas anglicanas em permanente comunhão com Cantuária. Esse conjunto de províncias, igrejas nacionais ou regionais formam a grande Comunhão Anglicana.

No Brasil, a Igreja Anglicana se chama Igreja Episcopal Anglicana do Brasil. A expressão episcopal indica que é governada por bispos e aponta para a grande grupo cristão internacional. Os anglicanos celebram a sua liturgia em terras brasileiras desde o século XIX.⁴⁸

Em 1810, Portugal e Inglaterra estabeleceram um tratado comercial que incluía a permissão para o estabelecimento nos territórios do reino de Portugal de cemitérios, hospitais, clubes e igrejas, desde que essas realizassem os cultos em inglês, fossem frequentadas apenas por britânicos e não tivessem aparência exterior de templo.

Assim, em 1819, foi inaugurada em solo brasileiro a primeira capela não-católica romana, a Christ Church (localizada até hoje na Rua Real Grandeza, em Botafogo, RJ) e, posteriormente, a St. Paul's (São Paulo), Holy Trinity (Recife), St. George (Salvador), St. Mary (Belém), All Saints (Niterói), Capela dos Marinheiros (Santos) e a Capela da Companhia de Mineração (São João Del Rey, MG). Várias outras foram se estabelecendo durante a primeira metade do século XIX.

Sobre as primeiras missões anglicanas no Brasil, Cavalcanti destaca:

“A capelania Britânica de Pernambuco teve início no ano da nossa independência, 1822, tendo como seu primeiro titular o Ver. John Penny, seguido do Ver. Charles Adye Austin, que construiu o templo, a partir de 1838, na rua da Aurora, esquina com a então Rua Formosa, onde hoje se encontra o Cinema São Luís. A casa pastoral ficava em uma transversal da Rua Formosa, denominado, por isso mesmo de ‘Beco do Padre Inglês’ (ministro anglicano), posteriormente Rua do Padre Inglês.”⁴⁹

Eram capelas frequentadas por britânicos, com clérigos enviados diretamente da Inglaterra para atendimento das famílias e jurisdicionadas às dioceses britânicas.

⁴⁸ Ibid.

⁴⁹ CAVALCANTI, Robinson. *Doutrina Anglicana IX – O anglicanismo e sua história*. Disponível em <http://www.dar.org.br/biblioteca/65-doutrina-anglicana/552-doutrina-anglicana-ix-o-anglicanismo-e-sua-historia.html>.p.1

Muitas delas, até hoje, celebram missas em inglês e não têm qualquer preocupação proselitista.⁵⁰

Entretanto, a Igreja voltada especialmente para os brasileiros começou intencionalmente, em 1890, quando os missionários americanos Lucien Lee Kinsolving e James Watson Morris estabeleceram a primeira missão em Porto Alegre. No ano seguinte, chegaram William Cabell Brown, John GawMeem e a professora leiga Mary Packard. Esses cinco missionários podem ser considerados como os primeiros fundadores da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil.⁵¹

Sobre isso Cavalcanti afirma:

A face missionária do anglicanismo no Brasil só aparecerá no Brasil Império. Em 1889, dois missionários norte-americanos (Lucien Lee Kinsolving e James Watson Morris) chegaram ao Brasil. Eram jovens recém-formados no Seminário Teológico de Virgínia, ligado à Igreja Protestante Episcopal dos Estados Unidos da América (nome que o anglicanismo teve que adotar nos EUA após a Guerra da Independência) e inflamados pelo ardor evangelístico que tomou conta das igrejas protestantes norte-americanas na segunda metade do século XIX. Após breve estadia no Rio de Janeiro e em São Paulo rumaram para Porto Alegre, onde realizaram o primeiro culto em português para brasileiros em 1º de junho de 1890.⁵²

A partir de sua autonomia, a Igreja Episcopal do Brasil foi reconhecida pela Comunhão Anglicana como uma província autônoma (igreja nacional) e assumiu posicionamentos polêmicos como a ordenação feminina antes mesmo da Igreja da Inglaterra.

Atualmente, a Igreja Episcopal Anglicana do Brasil é formada por oito dioceses e dois “distritos missionários” (áreas onde a presença anglicana é menor e carece de recursos próprios para seu autossustento). Tem 13 bispos (sendo cinco aposentados) e cerca de 150 clérigos, também chamados “padres” ou “pastores (as)”, dependendo do local.⁵³

⁵⁰ Ibid. 40

⁵¹ CESCANI, Luis Filipe Paganella. *Os Direitos Humanos e a Igreja Episcopal Anglicana do Brasil (IEAB) – Diocese do Recife*. João Pessoa .UFPB. 2003.p.14

⁵² Ibid.

⁵³ CALVALNI, Carlos Eduardo B. *Anglicanismo no Brasil*; REVISTA USP, São Paulo, n.67, p. 36-47, setembro/novembro 2005. p.40

1.3 – A igreja Anglicana e os direitos humanos: O início do debate sobre a homossexualidade.

O primeiro envolvimento da Igreja na questão da homossexualidade, possivelmente, ocorreu antes de começar o debate sobre a admissão de homossexuais no ministério ordenado tenha sido na década de **1950**. Nessa época, as práticas homossexuais eram proibidas por lei no Reino Unido e em grande parte da Europa. Na Dinamarca, homossexuais poderiam até mesmo ser punidos com a castração, enquanto que, na Inglaterra, eram aprisionados. Em 1952, o Conselho para o Bem-Estar Moral, da Igreja da Inglaterra, iniciou um programa de estudo sobre a questão.

O resultado do estudo foi aprovado pelo Sínodo da Igreja. Como consequência destes estudos, o governo britânico nomeou uma comissão (*Wolfenden Committee*) para tratar do assunto de modo que, em 1967, a lei que tratava as práticas homossexuais como crime foi alterada.⁵⁴

No mesmo documento sobre a homossexualidade, a Igreja da Inglaterra já reconhecia a existência de sacerdotes gays na Igreja, que, ou escondiam seus sentimentos, ou se casavam para manter as aparências. Ainda que a homossexualidade não fosse mais considerada crime, a participação de seus praticantes na hierarquia eclesiástica era inaceitável. O então arcebispo de Cantuária, Michael Ramsey, afirmava que havia distinção entre o que a lei permitia e o que era moralmente aceitável pela Igreja.

É interessante notar, contudo, que a preocupação da Igreja pelos direitos dos homossexuais expressarem sua sexualidade sem serem punidos com prisão, aconteceu quatro anos após a publicação do relatório de Kinsey, em 1948, após 10 anos de entrevistas pessoais nos Estados Unidos.⁵⁵

O relatório Kinsey e, em seguida, os grupos gays de militância que se organizaram na Europa e Estados Unidos, derrubaram muitos mitos que existiam em relação à homossexualidade, mostrando que esta prática estava longe de ser meramente

⁵⁴ RIBAS, Mario. Revista inclusividade nº 2, O Debate sobre a Homossexualidade na Comunhão Anglicana e a “Nova Moralidade” de John Robinson Centro de Estudos Anglicanos.p.1.

⁵⁵ SENA, Tito. Revista Fazendo Gênero nº 9, Os Relatórios Kinsey: Práticas sexuais, estatísticas e processos de normali(ti)zação. p.2.

apresentada como um conjunto de casos isolados de desvios da norma sexual estabelecida.

A obra está dividida em três partes e 23 capítulos que abordam os tipos e fatores que afetam os atos sexuais, além das causas do orgasmo, sejam eles provenientes de relações pré-matrimoniais, matrimoniais, extramatrimoniais, homossexuais ou masturbação.

Mesmo não sendo da área clínica, Kinsey esperava que, com sua ampla descrição das variações dos comportamentos sexuais dos norte-americanos, pudesse informar aos que consideravam as condutas anormais que elas não eram “tão anormais” quanto se podia supor.

Como consequência, os clínicos (psiquiatras e psicólogos) deveriam levar em conta até que ponto seus interesses em modificar o comportamento individual não significariam modificar o comportamento de todo um grupo.

{...} vimos, recentemente, distinções mal-estabelecidas entre o que é normal e o que é anormal conduzirem a formulações de leis de psicopatologia sexual que não são reais, não podem ser impostas e são incapazes de fornecer a proteção que a organização social foi levada a crer que elas pudessem fornecer. Não pode haver prática médica sadia ou bom planejamento de leis sexuais antes de compreendermos mais adequadamente as origens do comportamento sexual humano{...}.⁵⁶

No tocante à homossexualidade, a pesquisa de Kinsey chegou à conclusão que, dos homens inseridos na pesquisa, 37 % relataram ter tido alguma experiência homossexual e 10 %, entre 16 e 55 anos, eram predominantemente homossexuais. Já entre as mulheres, 13 % relataram ter tido experiências homossexuais.

Para o biólogo, o conhecimento verdadeiro dos fatores biológicos, psicológicos e sociais das atividades sexuais é o caminho para o ajustamento entre a natureza sexual do homem e as exigências sociais. Ao se referir às limitações impostas pelos códigos sexuais judaicos e cristãos, manifesta sua contrariedade com as criminalizações de atos cotidianos e frequentes (conforme apontado em seus inquéritos) tais como masturbação, contatos buco-genitais, contatos homossexuais e outras práticas ilícitas que contrariam a função procriadora do sexo.

⁵⁶ KINSEY, Alfred; POMEROY, Wardell & MARTIN, Clyde. Conducta sexual del Varón. México: Editorial Interamericana, 1949.

O primeiro teólogo anglicano a questionar o moralismo vitoriano e defender a necessidade de uma nova ordem foi o Bispo John Robinson, na década de 60, quando ainda era bispo de Woolwich na diocese de Southwark em Londres.

O seu livro, *Honest to God*, causou grande desconforto nos círculos eclesiásticos, pois foi recebido como uma obra que colocava em descrédito os princípios cristãos tradicionais, incentivando a diversidade.

Ao tratar de moralidade, Robinson tenta estabelecer novo conceito de moral baseado somente no amor. O amor é a essência de tudo. A presença ou ausência do amor em determinadas ações é o critério para julgar se elas são certas ou erradas. No que concerne às relações sexuais, ele argumenta da seguinte maneira:

Pois nada em si mesmo pode sempre ser rotulado como “errado”. Ninguém, por exemplo, pode começar da posição de que ‘relações sexuais antes do casamento’, ou ‘divórcio’ são errados ou pecaminosos em si mesmas. Tais situações podem existir em 99 ou 100 por cento dos casos, mas, mesmo assim, não poderão ser julgadas intrinsecamente más, porque o único mal intrínseco é a falta de amor.⁵⁷

Ainda que Robinson não tenha tratado do tema da homossexualidade diretamente, seus escritos impulsionaram este debate que, mais tarde, encontraria seus maiores expoentes nos bispos John Spong e Richard Holloway, que defenderiam abertamente a homossexualidade nas Conferências de Lambeth, em 1978.⁵⁸

Contudo, Robinson não foi a única voz que convidou a Igreja da Inglaterra a revisar seu pensamento sobre a homossexualidade. Em 1955, o reverendo Derrick Bailey escreveu o livro chamado “Homossexualidade e tradição cristã ocidental”, onde apresenta novas interpretações dos versículos da bíblia que condenam a homossexualidade.

Bailey⁵⁹ acredita que muito do preconceito cristão contra a homossexualidade é o resultado de um mal-entendido sobre a história de Sodoma, descrito na bíblia no livro de Gênesis 19.

E antes que se deitassem, cercaram a casa, os homens daquela cidade, os homens de Sodoma, desde o moço até ao velho; todo o

⁵⁷ ROBINSON, John A.T. *Honest to God* (Londres: SCM Press, 1963), p. 118.

⁵⁸ *Ibid.*, p.3

⁵⁹ BAILEY, D. Sherwin. "Homosexuality and the Western Christian Tradition" (London: Longmans, Green & Co., 1955; reprint, Hamden, CT: Shoestring Press, 1975). p.5.

povo de todos os bairros. E chamaram a Ló, e disseram-lhe: onde estão os homens que a ti vieram nesta noite? Traze-os fora a nós, para que os conheçamos. Então saiu Ló a eles à porta, fechou a porta atrás de si e disse: Meus irmãos, rogo-vos que não façais mal; Eis aqui, duas filhas tenho, que ainda não conheceram homens; vo-las trarei para fora, e fareis delas como bom for aos vossos olhos; somente nada façais a estes homens, porque por isso vieram à sombra do meu telhado. Eles, porém, disseram: sai daí. Disseram mais: como estrangeiro este indivíduo veio aqui habitar, e quereria ser juiz em tudo? Agora faremos mais mal a ti do que a eles. E arremessaram-se sobre o homem, sobre Ló, e aproximaram-se para arrombar a porta.⁶⁰

Na clássica interpretação da história bíblica, Sodoma estava próxima de ser destruída pelos inúmeros pecados ligados a prática do sexo anal, sobretudo entre homens. O quadro de devassidão e pecado despertava a ira divina. Por causa desta situação, por intercessão de Abraão, Deus decidiu mandar dois anjos à cidade. Os seres angelicais tinham como objetivo tentar localizar ao menos dez justos entre a população. Caso as exceções fossem encontradas, o território seria salvo.

Os anjos, por sua vez, foram hospedados na casa de Ló, sobrinho de Abraão. Entretanto, seduzidos pela beleza dos anjos, homens novos e velhos de Sodoma tentaram invadir a casa a fim de abusar dos seres celestiais. Em um tenso diálogo, Ló ofereceu suas duas filhas virgens para que seus hóspedes não fossem atacados. Todavia, sua oferta foi recusada e os anjos então os cegaram para que não entrasse na casa de Ló. O patriarca e suas filhas fugiram da cidade e ela foi destruída.⁶¹

No entanto, Bailey argumenta que os homens de Sodoma estavam ansiosos por interrogar os estranhos, a fim de saber se eles eram espiões. Assim, ele pondera, a história não se refere à homossexualidade.

Para o teólogo, o relato não envolvia homossexualidade, muito menos um estupro grupal. Ló havia enfurecido esses residentes por receber forasteiros cujas credenciais não foram examinadas. Os homens estavam furiosos por esta omissão e estavam demonstrando uma extrema descortesia diante dos visitantes por pedir suas credenciais.

Bailey argumentou que o pedido dos homens de Sodoma de “conhecer” os estrangeiros na casa de Ló não significa nada mais que o desejo de “serem apresentados

⁶⁰ Bíblia. Genesis 19:4-9. Versão Almeida corrigida e revisada. Sociedade Bíblica do Brasil.

⁶¹ JR, Robert Daibert; Entre homens e anjos: padres e celibato no período colonial no Brasil. In: Op Cit. p.50.

a” eles. O problema, argumenta Bailey, era nada mais nada menos que falta de hospitalidade.

A história bíblica demonstra a seriedade com que estes antigos orientais tomaram os importantes costumes da hospitalidade. Parece que, se necessário, eles até permitiam que suas filhas fossem abusadas sexualmente a fim de proteger os visitantes.⁶²

A obra de Bailey foi tão importante que contribuiu também para a retirada da homossexualidade da categoria de crime no Reino Unido. De modo semelhante, o surgimento da possibilidade do livre exercício da fé e da sexualidade começavam a ser concretizados na igreja Anglicana.⁶³

Ainda com os interesses voltados para as questões de direitos humanos, na Conferência de Lambeth, de 1978, dois bispos americanos - John Coburn, de Massachusetts, e Paul Moore, de Nova York -, encaminharam propostas para que o assunto da homossexualidade fosse estudado.

Esse encaminhamento serviu como alavanca para que os debates sobre a homossexualidade na Comunhão Anglicana deslanchassem. O relatório da Conferência apresentou a questão da seguinte maneira:

Hoje não se espera que todos se conformem a uma norma – uma espécie de qualidade média de ser humano – mas antes se regozijem na diversidade. Assim, o *status* e os direitos dos homossexuais estão sendo reconsiderados⁶⁴.

Os continuaram os convites para o debate sobre a questão da homossexualidade:

A homossexualidade é raramente compreendida pela igreja e pela sociedade. A despeito de muitas pesquisas, há ainda uma divergência considerável sobre a sua natureza e causa. Ela é referida comumente como sendo um desvio. Todavia, muitos homossexuais acreditam ser normais. Eles ou elas não pedem simpatia, mas reconhecimento do fato que sua relação homossexual pode expressar amor mútuo próprio para as pessoas envolvidas tanto quanto os heterossexuais. A maioria dos cristãos não quer concordar com esta posição. Contudo, afirmamos que não haverá uma compreensão adequada da sexualidade, tanto na sociedade como um todo, quanto entre os cristãos, até que abordem a questão sem preconceito e com

⁶² Ibid.p.5

⁶³ FEITOSA, Alexandre. Conhecendo a Teologia Inclusiva: Um retorno ao evangelho. Oasis Editora. 2012. p.6

⁶⁴ Anglican Consultative Council, *The report of the Lambeth Conference 1978* (Londres: ACC, 1978), p. 64-65.

compaixão. Questões relacionadas com a homossexualidade são reconhecidamente complexas, e observamos que estão sendo objetos de estudos sérios em algumas partes da Comunhão Anglicana. É responsabilidade de cada igreja local tornar-se uma comunhão/comunidade afetuosa, centrada em Cristo e eucarística, para que cada tendência encontre sua verdadeira unidade e comunhão dentro da família total de Cristo, onde todos são pecadores, todos podem encontrar a graça e o perdão de Cristo em sua comunidade acolhedora.⁶⁵

Percebe-se no relatório que uma abertura está acontecendo em várias partes da Comunhão Anglicana e as igrejas sendo orientadas a realizar estudos contínuos, profundos sobre a homossexualidade, levando em consideração tanto os estudos da bíblia quanto as pesquisas científicas e médicas que evidenciam a sexualidade humana.

Sobre isso, o documento da Conferência de Lambeth, em 1978, chega à seguinte resolução:

A Conferência alegremente afirma os ideais cristãos de fé e castidade tanto dentro como fora do casamento, e convida os cristãos de todo lugar a viver vidas em santidade, disciplina e serviço ao mundo, e recomenda à Igreja:

- a necessidade de um estudo teológico da sexualidade, na perspectiva de vincular o relacionamento sexual com a totalidade da vida humana, a qual deriva do próprio Deus, o qual é a origem da nossa masculinidade e feminilidade;

- a necessidade de programas diocesanos que: a) promovam o estudo e o desenvolvimento do ideal cristão de matrimônio e vida familiar, e examinar os meios pelos quais aqueles não casados possam descobrir a completude que Deus deseja para todos os seus filhos; b) providenciem ministérios de apoio compassivo para aqueles que sofreram quebra de relações matrimoniais e familiares; c) enfatizem a sacramentalidade de toda a vida humana, os problemas morais inerentes ao aborto clínico e as possíveis implicações da engenharia genética; Enquanto reafirma a heterossexualidade como norma escriturística, reconhece a necessidade de profundo e desapassionado estudo da questão da homossexualidade, o qual tome seriamente tanto a Escritura como os resultados da pesquisa médica e científica. A Igreja reconhecendo a necessidade de preocupação pastoral para com aqueles que são homossexuais, encoraja o diálogo com eles.⁶⁶

Já não se trata apenas de cuidado pastoral para com os homossexuais, mas do reconhecimento de que as relações homoeróticas têm o seu significado.

⁶⁵ Ibid.p.63-64.

⁶⁶ Anglican Consultive Council Relatório “The Truth Shall Make you free, Church House Publishing, 1988. p. 237.

No entanto, nenhum passo ainda havia sido dado no sentido da Igreja legitimar estas uniões sacramentalmente, por meio de cerimônia específica, igual às que existem para os casais heterossexuais. Muito menos se ventilava a possibilidade de ordenação de pessoas que se encontrassem nessa condição, apesar da Igreja da Inglaterra já reconhecer a existência de homossexuais no sacerdócio.

Ao cercar-se de referenciais científicos, a Igreja deixou de ser refém unicamente do texto bíblico e da tradição para se posicionar diante de questões complexas de moral e ética, às quais nem sempre pode oferecer uma resposta ampla. Passou também a considerar as transformações sociais, de forma que pudesse ter uma revelação clara e concreta para situações específicas em cada contexto.⁶⁷

Vale ressaltar que a obra do historiador John Boswell, “Cristianismo, tolerância social e homossexualidade”, publicada em 1980, fortaleceu muito o debate das Conferências de Lambeth, em 1988, já que provocou impacto por conta dos seus trabalhos historiográficos sobre a homossexualidade medieval, sob forte influência de Michel Foucault e dos seus estudos sobre a história da sexualidade em épocas remotas. Frutos dessas discussões e influências fizeram com que fossem iniciados debates sobre as categorias da sexualidade, gênero e da própria homossexualidade como campo discursivo.

Segundo Boswell, há sinais de uma homoafetividade latente entre o Cristo e seu discípulo preferido, João. Sugere também que uma amizade apaixonada, era comum entre o clero monástico no período medieval.

O autor cita a história de São Aelred of Rievaulx, um personagem do clero medieval, que se envolveu abertamente, sem nenhuma culpa, em paixões e relacionamentos homossexuais, bem como passou a figurar, na história da tradição eclesiástica, como o defensor do amor cultivado a partir dos relacionamentos.

Figura 4: Em 1134, aos 24 anos, Aelred entrou para a Ordem Cisterciense. Treze anos depois, tornou-se abade na cidade inglesa de Rievaulx, onde viveu como monge celibatário pelo resto de sua vida. Em seus escritos, prevenia ardentemente seus companheiros de clausura sobre as dificuldades da abstinência sexual – agravada, no seu caso, por sua inclinação bissexual.

⁶⁷ Ibid. p.4.



Fonte: <http://communio.stblogs.org/index.php/2009/01/saint-aelred-of-rievaulx/>

Por isso, Boswell é considerado o autor do tratado mais importante e polêmico em defesa da tolerância da cristandade frente à homossexualidade. O argumento principal do autor era de que na Idade Média, após um período de tolerância, seguiu-se uma época de perseguição e condenação de homossexuais à morte na fogueira. Evidentemente, Boswell quer provar que a cristandade na Idade Média tolerava a homossexualidade⁶⁸

Nos anos posteriores, o debate sobre homossexualidade será tema predominante nas Conferências de Lambeth, reverberando no Brasil dos anos 90, tanto com demonstrações de apoio, quanto com reações de desaprovação.

Portanto, como podemos perceber, sempre existiram, ao longo dos séculos, divergências entre cristianismo e diversidade sexual, mas sem grandes preocupações. Da idade média até então, ocorreram mudanças e as passagens bíblicas sobre as relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo passaram a ser lidas e interpretadas literalmente, sendo veiculadas à moral sexual da igreja católica na época. O que acabou, mais tarde, também sendo feito pelas igrejas cristãs protestantes.

A homossexualidade, no caso, foi criminalizada, perseguida, depois patologizada e os homossexuais vistos como pervertidos e doentes. Entretanto, depois

⁶⁸ SOUZA, Felipe Nicodemos de; CABRAL, Newton Darwin de Andrade; **Fragmentos, imagens e ideologias da sexualidade gay: Uma historia da homossexualidade no ocidente cristianizado**. Unicap. 2010. p.333.

dos anos 70, a homossexualidade, finalmente, saiu da marginalidade, e do ‘*hall*’ das doenças mentais, sendo percebida como uma forma de expressar a sexualidade.

A sociedade entra em um processo de aceitação da homossexualidade. No entanto, como o preconceito é algo internalizado, os conceitos e as imagens negativas, que por séculos foram passados via discurso religioso e junto com os discursos estatais, demoram a ser substituídos.

2 - As conferência de Lambeth de 1988, 1998 e 2008: homossexualidade em pauta.

2.1 – 1988.

Naquele ano é reafirmada a declaração de 1978, reconhecendo a contínua necessidade do estudo profundo e persistente da homossexualidade, levando em consideração tanto o ensino da Bíblia quanto os resultados de pesquisas científicas e médicas”.⁶⁹ Logo, a conferência também reafirmou a posição que havia sido tomada anteriormente, mas dessa vez considerando as questões de direitos humanos para pessoas de orientação homossexual⁷⁰.

É preciso lembrar que o assunto que dominou a agenda desta conferência foi a ordenação feminina. Nos anos seguintes, contudo, o debate sobre homossexualidade ganharia maiores proporções. Mas, se analisarmos como as questões relacionadas com a ordenação feminina foram abordadas a partir da Conferência de 1988, percebe-se uma enorme diferença deste debate em relação ao da homossexualidade, como se o último tema fosse algo delicado, sobre o qual o clero anglicano resistia a debater.

⁶⁹ Anglican Consultative Council, Relatório ‘The Truth Shall Make you free, p. 237.

⁷⁰ A Conferência de Lambeth de 1988 reafirma a declaração de 1978, reconhecendo a contínua necessidade de estudo profundo e desapassionado, para a próxima década, da questão da homossexualidade, que leve em consideração tanto o ensino da Escritura quanto o resultado da pesquisa científica e médica.

Recomenda com urgência que tal estudo e reflexão leve em consideração pesquisas psicológicas biológicas e genéticas que estão sendo realizadas por outras agências, bem como fatores socioculturais que gerem diferentes atitudes nas Províncias de nossa Comunhão. Convoca cada Província (Igreja) a reavaliar, à luz de tal estudo e de nossa preocupação com os direitos humanos, o cuidado com e a atitude para com as pessoas de orientação homossexual. Anglican Consultative Council, Lambeth Conference 1988. (Londres: ACC, 1988), relatório 64.

Figura 5: Foto das primeiras bispas consagradas da igreja Anglicana, presentes na conferência de Lambeth em 1988. A conferência deste ano teve como marco principal a permissão para o ordenamento de mulheres para qualquer cargo eclesiástico dentro do anglicanismo.



Fonte: <http://justus.anglican.org/resources/Lambeth1998/Lambeth-Daily/27/womenbishops.html>

Este contraste pode ser verificado no modo como os assuntos são tratados em relação à Bíblia e à tradição. Se para muitos a ordenação das mulheres na liderança sacerdotal era condenada pela Bíblia, o texto foi considerado como simbólico, carregado de implicações culturais da época em que foi escrito. Esta mesma lógica não se aplicou à questão da homossexualidade, permanecendo o combate à inclusão de LGBTs, com suposta base bíblica, cujos textos sobre o tema são tomados de forma literal, não considerando todas as implicações que os permeiam. Apoiando a ordenação de mulheres ao sacerdócio, a Conferência de Lambeth reconheceu que a Escritura, apesar de não ser completamente maleável, foi endereçada a um contexto particular que, quando desconsiderado, a torna abstrata.⁷¹

Portanto, a igreja anglicana começou a interpretar as Escrituras à luz da Razão da Tradição, de modo que distinga seu contexto originário e entenda seu significado para a atualidade. Entretanto, restavam dúvidas sobre qual o instrumental ou metodologia a ser usada para definir o que deve ser interpretado literalmente e o que

⁷¹ RIBAS, Mario. Revista inclusividade nº 2, O Debate sobre a Homossexualidade na Comunhão Anglicana e a “Nova Moralidade” de John Robinson Centro de Estudos Anglicanos. p.6.

pode ser interpretado de forma simbólica. É claro que é possível perceber o interesse da instituição em se preservar contra o que poderia colocá-la em descrédito

No início da década de 1990 o bispo John Spong apresenta a Declaração de Koinonia às Igrejas dos EUA. Esta carta serviu de base para o discurso da homossexualidade nos EUA. O documento foi elaborado como uma declaração de fé ressaltando a beleza e santidade das relações sexuais praticadas no contexto do amor.⁷² Essa declaração afirma o seguinte:

Cremos que o sexo é dom de Deus. Cremos que alguns de nós fomos criados heterossexuais e outros foram criados homossexuais. Cremos que a homossexualidade e a heterossexualidade são moralmente neutras, que ambas podem ser vividas com beleza, honra, santidade, e integridade e que, por outro lado, podem também conter elementos destrutivos. Cremos que, nos momentos em que a sexualidade for vivida de maneira destrutiva, esta Igreja deve testemunhar contra ela. Opomo-nos a todas as formas de sexo promíscuo e predatório, bem como contra o sexo que não honra o companheiro com compromisso e amor. Cremos que o matrimônio deve ser mantido com honra, pois representa a forma mais alta de compromisso que o homem e a mulher são capazes de assumir. Cremos que através do casamento marido e mulher são chamados à santidade. Cremos que o celibato é uma vocação honrosa para algumas pessoas, e os que escolheram viver no celibato por quaisquer razões possuem dons para dar que enriquecerão tanto a Igreja quanto a ordem social. Mas também cremos que gays e lésbicas que não escolheram viver sós, mas decidiram se relacionar com companheiros de sua própria escolha, podem ser fiéis, monogâmicos, compromissados e santos e que assim devem ser honrados. Continuaremos a nos relacionar com esses casais, dando-lhes todo apoio, cuidado pastoral por meio de orações e reconhecimentos, em qualquer forma que seja apropriada, pois Deus está verdadeiramente presente nas suas vidas.⁷³

Esta carta revela o quanto a prática homossexual estava em debate em meados dos anos de 1990, além de esclarecer a importante questão da hermenêutica bíblica para a interpretação de um texto, pois sabe-se que a interpretação bíblica pode ser privilegiada ou manipulada segundo os interesses do leitor.

Em 1996, os Bispos Peter Lee e Jack Spong, a pedido do então Arcebispo de Cantuária, George Carey, escreveram o documento “Uma catequese para a homossexualidade”. A proposta de ambos no texto era de que Lambeth não aprovasse nenhuma revolução a favor ou contra os tópicos referentes à homossexualidade. De acordo com a argumentação do texto, qualquer resolução aprovada teria um efeito

⁷² SPONG, Jack; LEE, Peter J. Uma catequese sobre a homossexualidade. Centro de estudos anglicanos. 1996. Traduzido pelo bispo emérito da IEAB Sumio Takatsu.

⁷³ The Rt. Rev John Shelby Spong, ‘*Statement of Koinonia*’: To the Mbers of the House of Bishops, and through them to the whole Church (Newark: Episcopal diocese of Newark, 1994).

desastroso na Comunhão Anglicana. Os bispos reunidos em Lambeth 98 não atenderam à solicitação do texto, e contestaram a conhecida resolução sobre o assunto que, desde então tem sido o ponto de maior polêmica na Comunhão Anglicana.⁷⁴

a) Acreditamos, primeiramente que as pessoas homossexuais são filhos e filhas de Deus que, com toda a família humana, participam do amor de Deus e que devem, portanto, ser tratados com imparcialidade, justiça e igualdade diante da lei. Repugnamos a hostilidade com que os gays e lésbicas têm sido tratados pelos cristãos e não cristãos no decorrer de nossa história. Homossexuais têm sido mortos, espancados, despedidos de seu trabalho, expulso de suas famílias simplesmente por serem o que são. Também, deploramos aqueles tempos quando a retórica dos cristãos sugeria que a conduta destrutiva e degenerada que todos nós condenaríamos seria a conduta padrão de todos os homossexuais.

Reconhecemos que ofensa à criança é um mal do qual os heterossexuais e homossexuais têm sido culpados. A ofensa à criança não é a inclinação de todos, nem da maioria dos homossexuais e nem mais do que os heterossexuais. Todas as vezes que a nossa retórica sugere o contrário somos culpados de espalhar a ignorância e preconceito. Chamamos a Igreja ao arrependimento onde essas representações errôneas tenham ocorrido e à sensibilidade e exatidão em todas as futuras conversações. Acreditamos que o povo cristão em ambas as partes de nosso presente debate pode encontrar acordo significativo em torno destes primeiros princípios.⁷⁵

A interpretação bíblica é de extrema importância neste caso, pois, mediante o entendimento do texto bíblico, se chegará à determinada posição teológica, garantindo o futuro da igreja em relação à aceitação da homossexualidade e como uma determinada parcela do Anglicanismo agirá a respeito deste comportamento.

A leitura da Bíblia geralmente é orientada por uma determinada visão, por uma formação essencialmente ideológica. Por isso, há sempre um conhecimento prévio que influencia diretamente a interpretação textual. Portanto, neste contexto, o reconhecimento ou não da prática homossexual como algo permitido pelas Escrituras dependem de uma interpretação bíblica específica.⁷⁶

2.2 - 1998

A Conferência de Lambeth de 1998, diferentemente das anteriores, foi dominada por discussões em torno da sexualidade humana. As teses defendidas por liberais e conservadores serviram para acirrar os ânimos, e a indisposição da ala conservadora

⁷⁴ Ibid.

⁷⁵ Ibid. pag 5.

⁷⁶ CARVALHO, Elton Roney da Silva. **(Homo)sexualidade em diálogo: imaginário cristão, intolerância religiosa e cisma anglicano**; UFPB; João Pessoa/CE, 2014. p.16.

para dialogar sobre o assunto, fez com que um clima tenso se abatesse sobre Cantuária. Após debates calorosos sobre o assunto foi aprovada na seção plenária sobre os direitos humanos, a seguinte resolução:

- a) recomenda à Igreja o relatório da subseção sobre sexualidade humana
- b) em vista do ensino das Escrituras, defende a fidelidade no casamento entre um homem e uma mulher numa união indissolúvel, e acredita que a abstinência é adequada para aqueles que não são chamados para o casamento.
- c) reconhece que há, entre nós, pessoas que receberam orientação homossexual. Muitas delas são membros da igreja e buscam atendimento pastoral, orientação moral da Igreja e o poder transformador de Deus para viver suas vidas e ordenar seus relacionamentos. Nós nos comprometemos a ouvir as experiências homossexuais e desejamos assegurar-lhes que são amados por Deus e que todos os batizados, pessoas fiéis e crentes, discriminados com relação a sua orientação sexual, são membros plenos do Corpo de Cristo”.
- d) ao mesmo tempo que rejeita a prática homossexual como incompatível com as Escrituras e solicita a todos que auxiliem de maneira sensível e pastoral todas as pessoas, independente de sua orientação sexual, escondem o medo irracional aos homossexuais, a violência no casamento e toda banalização e comercialização do sexo;”

Pela primeira vez o anglicanismo afirmou, em um evento internacional, que os homossexuais também se tornam membros em plena comunhão com a Igreja. Mas, igualmente colocava o direito de negar-lhes o exercício de sua sexualidade, apesar de, no ano anterior, a Aliança Evangélica do Reino Unido haver afirmado que no momento do batismo não há distinção de pessoas porque “nossas afeições sexuais, assim como nossa classe, raça ou nacionalidade, não podem definir quem somos. No aspecto ontológico mais profundo, portanto, não existem ‘homossexuais’ ou ‘heterossexuais’; existem apenas seres humanos, macho e fêmea”.

A exclusão de alguém LGBT+ começa mais tarde, quando as tendências sexuais dos indivíduos se manifestam, de forma que, quando esta orientação pende para a homossexualidade, eles são forçados a não desfrutar dos prazeres do sexo, e viver uma vida de abstinência, sublimando parte de sua própria humanidade, sem considerar que o direito à afetividade também lhes foi negado.⁷⁷

⁷⁷ St. Andrew’s day statement’, in Timothy Bradshaw (ed.) *The Way forward?* (Londres: Hodder &

Ainda que o relatório da Conferência condene todo o “medo irracional de homossexuais” e reafirme o compromisso da Igreja em manter o diálogo com esse grupo, a postura dos bispos revela que não houve qualquer esforço para investigar como as pessoas são criadas individualmente ou em grupos, separando a sexualidade da identidade ou inclinação natural. Com esse relatório, a Igreja acabou caindo no descrédito de muitas pessoas que nela buscavam o apoio moral e espiritual. A Conferência havia novamente se isolado atrás dos muros dos dogmas, a fim de preservar a instituição de tudo aquilo que atingiria a estrutura corrompida pelo dualismo agostiniano.

Os reformadores procuraram restaurar o sentido do prazer, do companheirismo e da intimidade nas relações sexuais que haviam sido condenadas pela tradição da Igreja medieval. Já o teólogo anglicano Matthew Fox encoraja os homossexuais a assumirem sua posição, não apenas para o bem deles mesmos, mas também para restaurar a atitude da sociedade em geral em relação ao sexo e à sensualidade, pois tanto a sociedade quanto a Igreja tem sido dominadas pelo ‘sadismo’ e pela ‘insensibilidade’.⁷⁸

Até o momento em que a Igreja considerava a homossexualidade a partir das questões dos direitos humanos, era possível acreditar que ela estava realmente disposta a confrontar o sadismo e trabalhar na implantação de uma nova ética baseada na lei do amor. Lei que se preocupa com o ser humano acima de qualquer tradição moral engessada pelas ideias provenientes das ditas frustrações sexuais de Santo Agostinho.

No entanto, os bispos de Lambeth preferiram continuar acreditando que as complexidades da vida humana se resolveriam facilmente através de “receitas”, como se os humanos fossem máquinas que precisam de manual para operá-las e que cada botão, apertado na devida ordem, faz com que tudo funcione adequadamente, proporcionando vida plena.⁷⁹

Figura 6: Bispos anglicanos reunidos no *Lambeth Palace* na Conferência de Lambeth em 1998.

Stoughton, 1997), p. 7.

⁷⁸ Matthew Fox, *Whee! we, wee all the way home: a guide to sensual, prophetic spirituality*, p. 237.

⁷⁹ *Ibid* 16.



Fonte: <https://www.dailymail.co.uk/news/article-3394803/Welby-Church-split-gays-not-disaster.html>

A Conferência de Lambeth de 2008 ocorreu, porém, em uma formação muito diferenciada, sem a participação da grande massa anglicana mundial. As decisões seguiram uma continuidade das anteriores, entretanto a pouca participação gerou uma crise maior ainda quando bispos chamados conservadores, os que não apoiam a prática homossexual, não foram convidados para este importante momento da história do anglicanismo mundial.

2.3 – 2008: A consagração do bispo Gene Robinson.

A ruptura ou gênese da crise anglicana em relação à homossexualidade ocorreu em 2003 nos Estados Unidos e no Canadá, quando as igrejas anglicanas desses países, também chamadas de “episcopais”, deliberaram em seus órgãos máximos de poder (e operacionalizaram em seguida aquilo que deliberaram), sagrar bispo um homossexual praticante, não-celibatário, e assumido, bem como unir em matrimônio um casal de pessoas do mesmo sexo.⁸⁰

⁸⁰ CAVALCANTI, Edward Robinson. **Reforçando as Trincheiras: análise da problemática do homossexualismo à luz do cristianismo histórico.** São Paulo, Editora Vida, 2007. p.26

Figura 7: Gene Robinson e seu esposo Mark Andrew.



Fonte:<http://www.doistercos.com.br/festival-mix-brasil-tera-sobre-padre-gay-que-se-tornou-bispoassista-ao-trailer/>

Tais decisões e práticas, sacramento/ordenação e casamento de homossexuais, engendram a crise institucional porque, na perspectiva dos anglicanos mais “conservadores”, **elas** violam e transgridem tanto uma regra de moral (baseada em postulado teológico: a vontade da divindade revelada no texto sagrado condena a homossexualidade), como um costume (tradição) consubstanciado no preceito estatuído do direito canônico (a interdependência entre as províncias anglicanas).⁸¹

Tanto no caso norte-americano como no canadense as decisões de ordenar e casar pessoas do mesmo sexo, foram tomadas de forma legal, isto é, de acordo com o direito canônico provincial: o Sínodo Geral, órgão máximo de poder provincial, deliberou de acordo com as normas exaradas em seus cânones. A decisão, portanto, é expressão tanto de legalidade como da construção de um consenso pela parcela majoritária de leigos, clérigos e bispos da Igreja Anglicana naqueles países.

O processo que culminou na aprovação da ordenação e casamento de gays, tanto nos EUA como no Canadá, transcorreu por três décadas de diálogo e debate interno até concluir-se (deliberação calculada e consciente, portanto) nos eventos concretos e

⁸¹ ROBINSON, B. A. (2006a). Activities Related to the consecration Of Bishop-Elect Robinson. **The Episcopal Church (USA) and Homosexuality (Part 10)**, Ontario Consultants on Religious Tolerance. Disponível em: http://www.religioustolerance.org/hom_epis10.htm. Acesso em: 16/01/2008.

particulares da sagração de D. Eugene Robinson nos EUA e da celebração da primeira bênção matrimonial de um casal homossexual no Canadá.

As “autoridades” desafiadas com tais decisões são aquelas que representam e lideram províncias de matiz conservador e que se constituem em maioria na Comunhão global, tendo em vista que nas duas últimas Conferências de Lambeth (1988 e 1998), a proposta de condenação bíblica para os gays foi aprovada com cerca de 90% de apoio do episcopado anglicano mundial. Enquanto o ato desafiador é feito em nome da autonomia provincial, o sentir-se desafiado configura-se em nome da interdependência provincial. Um e outro princípio enaltecido é enfatizado a reboque do interesse ideológico de cada facção.

De qualquer forma, mesmo que os “liberais” sejam minoria no contexto da Comunhão Anglicana global, não se deve desprezar o fato de que a Província anglicana dos EUA ocupa um lugar de destaque único, em termos de peso econômico, político e teológico, no espectro anglicano mundial.⁸²

Sobre esse tema Soares afirma:

A Igreja da Inglaterra [*ecclesia anglicana; Church of England*] ocupa o primeiro lugar em importância no anglicanismo mundial, afinal possui a tradicional relevância histórica (lá se originou a Igreja e de lá ela se expandiu pelo mundo), o peso institucional (é igreja estatal e conta com seus 30 milhões de membros, mesmo que a maioria seja “nominal”); bem como, desfruta da natural posição de foco da Comunhão Anglicana global (o Arcebispo de Cantuária e sua sé episcopal, bem como o *locus* da Conferência de Lambeth).

Em segundo lugar vêm a Igreja Episcopal dos EUA [TEC: *The Episcopal Church*], tanto por ter sido, em ordem cronológica, o segundo pólo de grande expansão da igreja, bem como por seu trabalho missionário, o que lhe facultou poder de interferência e influência ainda hoje em muitas províncias. A província brasileira, p. ex, foi fundada pelos norte-americanos e até hoje mantém laços muito próximos com eles (parcerias entre dioceses, bolsas de estudo para sacerdotes estudarem em seminários norte-americanos, etc.).⁸³

Historicamente, o anglicanismo sempre conviveu com partidos ou facções internas. As mais famosas e clássicas são: *high church* (tendência predominantemente católica romana), *low church* (tendência predominantemente protestante/evangélica) e a *broad church* (via-média liberal entre as duas anteriores e mais aberta a revisões

⁸²SOARES, Aldenor. **A igreja Anglicana e o conflito ritual a respeito da ordenação e casamento de Homossexuais**. 26ª. Reunião Brasileira de Antropologia. Porto Seguro, Bahia, 2006

⁸³ Ibid. p.7.

dogmáticas, em virtude da influência científica). No contexto de embate em torno da questão gay, essas correntes criam uma nova forma de aliança: conservadores anglo-católicos e angloevangélicos (anti-gays) tendem a se unir e formar uma frente anti-gay contra os liberais (pró-gays).

Assim que os anglicanos norte-americanos e canadenses instauraram a prática pró-gay pela via ritual (ordenação e casamento) em 2003, os protestos mundo a fora se acumularam e, logo em seguida, os membros mais importantes do anglicanismo mundial entraram em cena para administrar a crise: o Arcebispo de Cantuária, líder mundial da Comunhão Anglicana global, pediu calma e diálogo a todos e tratou de nomear uma comissão, composta pelos membros mais representativos, em termos teológicos, de ambas as facções, para formular diretrizes para o diálogo.⁸⁴

Tal Comissão preparou e publicou o célebre “Relatório de Windsor” em 2004, texto oficial concebido para a condução das discussões no âmbito geral da Comunhão Anglicana global. Nesse *report* – que recebeu críticas de ambas as facções, pois tentou, em linhas gerais, agradar a gregos e troianos; embora tenha se posicionado mais ao lado dos gregos do que dos troianos –, a Comissão nomeada pelo Arcebispo reconheceu a violação do princípio da “interdependência” pelos anglicanos norte-americanos e canadenses, bem como lhes pediu uma “moratória”: que parassem temporariamente com a prática pró-gay até que a temática fosse melhor discutida no âmbito da Comunhão Anglicana global; ao tempo que reiterou a posição das duas últimas

Nele está referido, na sessão D, que existem algumas ameaças principais à unidade da Igreja Anglicana no mundo. Duas delas dizem respeito à homossexualidade: (1) A ordenação de um bispo vivendo abertamente um compromisso numa relação homossexual; (2) A autorização de Ritos Públicos de Benção de Uniões de casais do mesmo sexo, sobre isso:

“O Relatório argumenta em cada caso que essas circunstâncias devam parar: que deveria haver uma moratória sobre ações futuras. Embora ele não peça ao bispo de New Hampshire para desistir, o relatório solicita que mais nenhum bispo com esse estilo particular de vida possa ser eleito ou consagrado. O relatório solicita que seja posto um fim nos ritos públicos de uniões de casais do mesmo

⁸⁴ SOARES, Aldenor Alves (2003a). **Sociologia do Anglicanismo**. Olinda: Editora Livro Rápido.

sexo a menos que a Comunhão Anglicana, como um todo, possa ser persuadida que isto é uma evolução que pode ser justificada pela bíblia e pela tradição.”⁸⁵

Nas Conferências de Lambeth de 1988 e 1998 a prática homossexual é avaliada como sendo incompatível com o “texto sagrado” (Bíblia), que é aquele repositório revelador da vontade da divindade ética, cultuada na cultura religiosa anglicana. Em seguida, logo em 2005, outro mecanismo é ativado para contornar a crise: a “Reunião dos Primazes”. Tal instância, composta pelos bispos presidentes de cada província anglicana (também denominados de arcebispos ou bispos primazes), assume a mesma postura da Comissão nomeada pelo Arcebispo de Cantuária: ratifica a postura anti-gay das duas últimas Conferências de Lambeth (1988 e 1998), aponta e reconhece como sendo grave⁸⁶

Então nós continuamos com nossas próprias reflexões sobre essas respostas. Há um grande número de coisas que são bem claras. Muitos primazes têm ficado alarmados que o padrão do ensino cristão sobre as questões de sexualidade humana, expressas na Resolução 1.10 da Conferência de Lambeth de 1998, que deveriam ser respeitadas como uma posição majoritária adotada pelos bispos da Comunhão Anglicana, têm sido seriamente soterradas pelos recentes acontecimentos na América do Norte. Ao mesmo tempo, é reconhecido que esses acontecimentos na Igreja Episcopal dos Estados Unidos (ECUSA) e na Igreja Anglicana do Canadá aconteceram inteiramente de acordo com seus processos e exigências constitucionais (vi). Nós também desejamos deixar bem claro, que em nossa discussão e avaliação da moral apropriada aos comportamentos especificamente humanos, continuamos claramente comprometidos com o apoio pastoral e cuidado aos homossexuais. A injustiça e discriminação dos seres humanos cujo afeto possa ser oferecido a pessoas do mesmo sexo é um anátema para nós. Nós asseguramos aos homossexuais que eles são filhos de Deus, amados e importantes para Ele, e merecedores do nosso melhor cuidado pastoral e amizade (vii).⁸⁷

Após toda essa movimentação ao redor da consagração do bispo Gene Robinson, das resoluções contidas no relatório de Windsor e da reunião dos primazes, acreditava-se que a comunhão anglicana chegasse a algum consenso sobre o tema da homossexualidade ou à sua cisão definitiva, por isso houve grande expectativa na conferência de Lambeth em 2008.

⁸⁵ Relatório de Windsor. Fonte <http://sn.ieab.org.br/tag/relatorio-windsor/> Acessado em 31/04/2018.

⁸⁶ REUNIÃO DOS PRIMAZES DA COMUNHÃO ANGLICANA (2005). **Declaração dos Primazes da Comunhão Anglicana**. Porto Alegre: Igreja Episcopal Anglicana do Brasil. Documentos. Disponível em: http://www.ieab.org.br/documentos/dec_primates05.pdf. Acesso em: 31/04/2008.

⁸⁷ Ibid p.6

Figura 8: Reunião dos bispos na conferência de Lambeth em 2008.



Fonte: <https://kids.britannica.com/students/assembly/view/136278>

A reunião de bispos anglicanos, que foi iniciada na Inglaterra em 16 de julho, terminou 03/08/2008 sem que fossem superadas as diferenças em relação à ordenação de clérigos homossexuais ameaçando esta igreja com um cisma. O primaz anglicano e arcebispo de Cantuária, Rowan Williams, decidiu não convidar para essa reunião da Comunhão Anglicana, realizada a cada dez anos, o primeiro bispo anglicano abertamente homossexual, Gene Robinson.

Com essa medida, Williams tentou preservar a unidade do anglicanismo, dividido também entre os partidários e detratores da ordenação de mulheres para o bispado. No discurso de fechamento desta Conferência de Lambeth que aconteceu na Universidade de Kent em Canterbury, sul da Inglaterra, o primaz admitiu que não foram resolvidos os problemas pendentes.

O líder anglicano também se dirigiu aos 200 bispos que boicotaram a conferência em protesto contra a ordenação de bispos homossexuais, entre eles os representantes de

Nigéria, Ruanda, Uganda e Quênia, assim como de alguns países latino-americanos. Os tradicionalistas anglicanos defendem que várias passagens da Bíblia claramente proíbem a homossexualidade, enquanto o setor liberal alega que a mensagem geral da Bíblia é a de que todo o mundo deveria ser incluído na Igreja.⁸⁸

Consenso não houve, é verdade, mas alguns passos significativos foram dados, de acordo com o porta-voz da Conferência, Arcebispo Philip Aspinall. Pelo menos o tom das discussões avançou muito em termos de respeito e sincera escuta do outro.

A expectativa de que seria revisitada a resolução 1.10 da Conferência passada não teve fundamento. A questão da sexualidade humana, segundo o arcebispo, não era algo que poderia ser definido em uma forma simples. A Igreja deve continuar a discutir o assunto num permanente processo de escuta. Onde não há consenso, o melhor caminho é continuar a conversa. Por isso deixando em aberto a inclusão de LGBTs no clero anglicano.

Aqui e ali, durante o dia, muitas falas um tanto desejosas de uma definição ou regulação mais definitiva foi ouvida. O campus da Universidade de Kent estava cheio de seguranças e policiais, temendo talvez manifestações mais exaltadas de grupos mais conservadores ou liberais. Mas não houve nenhum episódio de confronto. Foi só uma questão de prevenção da parte da organização do evento.⁸⁹

Nas resoluções da assembleia de 2008 sobre sexualidade o documento chega aos seguintes termos:

117. Para muchos Anglicanos, la ordenación de un obispo viviendo en una unión homosexual es vista como cuestionando la autoridad de la escritura y de la lectura tradicional de la Iglesia en estos asuntos.

Llama a cuestionar la enseñanza moral tradicional concerniente a la naturaleza del matrimonio. La pregunta para muchos es: “Si la Biblia transforma a la cultura o la cultura está autorizada a transformar la Biblia”.

118. La ordenación de un obispo viviendo en una unión homosexual y la bendición abierta de las relaciones del mismo sexo ha tenido muchos resultados negativos incluyendo:

_ El compañerismo en misión se ha perdido y dañado, en la medida en que nos desviamos de nuestro foco primario. En algunos lugares la iglesia es

⁸⁸ Fonte: [Último Segundo - iG @ http://ultimosegundo.ig.com.br/mundo/reuniao-episcopal-anglicana-nao-supera-cisao-sobre-homossexualidade/n1237692601513.html](http://ultimosegundo.ig.com.br/mundo/reuniao-episcopal-anglicana-nao-supera-cisao-sobre-homossexualidade/n1237692601513.html) acessado 31/04/2018.

⁸⁹ Fonte: <http://sn.ieab.org.br/2008/08/01/lambeth-2008-e-a-sexualidade-humana-ainda-nao-ha-consenso/>. Acessado em 31/04/2018.

ridiculizada como la “iglesia gay”, por lo que se ha perdido membresía. En algunas regiones el tema se ha vuelto un test de ortodoxia y la base de acciones hostiles.

- Las relaciones ecuménicas e inter-religiosas han sido dañadas. Algunos participantes ecuménicos han subrayado este punto.

- Los obispos no pueden ser símbolo de unidad cuando su propia consagración divide a la iglesia. El único foco para la catolicidad en la Comunión se ha perdido. La confianza en la validez de la Comunión Anglicana, los lazos de afecto y mutua interdependencia están severamente dañados.

- Deshonra decisiones de anteriores Conferencias de Lambeth.

119. También se reportó que ha habido efectos positivos en partes de Canadá, los Estados Unidos, el Reino Unido, Méjico y América Central y en otras partes del mundo, cuando las personas homosexuales son aceptadas como hijos de Dios, son tratadas con dignidad y eligen entregar sus vidas a Cristo y vivir en la comunidad de fe como discípulos de Jesucristo con fidelidad y compromiso.

Posibles Caminos por Delante

120. Hay varias visiones que compiten sobre cómo la Comunión debería manejar responsablemente nuestra situación actual:

_ “Si tu ojo es para ti una ocasión de pecado, arráncalo...30” – acción decisiva

_ “Dejemos a Dios ser Dios” – permitir que Dios transforme nuestras actitudes y conductas mientras buscamos mayor comprensión.

- “Si es de Dios perdurará” – el consejo de Gamaliel puede ser seguido aquí, así que esperemos.

- Algunas personas están buscando una dirección clara por parte de la Comunión y de esta Conferencia, en la forma de una carta pastoral o directiva.

- Se necesita más “escucha” en la que el propósito no sea “Yo gano, tú pierdes”, sino “Nadie gana, nadie pierde” y crecemos juntos en Cristo.

-El diálogo en curso es un “testimonio Cristiano” en sí mismo. La Comunión necesita una “paciencia católica”.⁹⁰

Como visto neste trecho do documento da conferência da Lambeth de 2008, houve uma reafirmação das resoluções de Lambeth de 1998 fazendo oposição a ordenação e realização de matrimônios de homossexuais, entretanto deixou-se um caminho aberto para que sempre haja um diálogo sobre este tema nas comunhões da igreja anglicana.

O bispo Dom Orlando Santos de Oliveira, bispo da diocese de Porto Alegre, em entrevista ao Instituto Humanitas Unisinos no dia 02/09/2008, resume os principais pontos discutidos referentes à homossexualidade na conferência. Ele relatou que houve

⁹⁰ Lambeth Conference 2008 Reflections – Spanish. Disponível em: http://www.anglicancommunion.org/media/72581/documento_de_reflexiones.pdf
Acessado em 31/04/2018.

um depoimento dramático de dois bispos norte-americanos, sendo uma bispa do Canadá, em que puderam expor como estão vivendo a questão da inclusão de LGBTs em suas igrejas, e o porquê a Igreja acolheu esta realidade. Este fato foi importante, porque criou-se a possibilidade para tratar do tema sem aquela emoção em que não se quer escutar o outro. Segundo o religioso a ala mais progressista da igreja anglicana pode dizer suas razões, dizer como sua Igreja está vivendo esta realidade.

É como se a Comunhão anglicana estivesse dizendo que respeita a diversidade sexual, mas ao mesmo tempo pede cautela, para não ocorrer uma cisão. Foi acordada neste conferência uma espécie de moratória, pedindo que, enquanto esta situação esteja ainda em discussão não se ordenem mais bispos nesta condição, para que a Comunhão possa ter tempo para discutir o assunto, entender esta realidade. Até mesmo por parte do Canadá houve esta sugestão de esperar um pouco. É interessante ressaltar que algumas dioceses aceitam a ordenação de homossexuais e não toda a Comunhão, sendo este atualmente o maior desafio para a igreja anglicana manter a diversidade na unidade.⁹¹

Entretanto nem tudo foi resolvido no diálogo na conferência de 2008, pois houve um boicote por um grupo significativo de bispos. Sobre esse tema delicado o bispo Dom Orlando afirma:

Quatro primazes formalmente disseram que não iam participar da Conferência de Lambeth: foram os primazes da Nigéria, da Uganda, do Cone Sul – este acabou indo, e o outro era do Quênia. Mas havia na Conferência bispos de todos estes países. O primaz da Nigéria realmente boicotou e como lá têm mais de 100 bispos foi um a ausência muito sentida. Foram só uns quatro ou cinco. Realmente foi uma ausência muito sentida. Também o Quênia como um todo também esteve muito ausente, mas tinha um ou dois deles de lá. A Província do Cone Sul engloba Uruguai, Paraguai, Chile, Argentina, Bolívia e Peru e tem sua sede em Buenos Aires. Aqui na América Latina temos duas províncias, a do Brasil e a do Cone Sul. A Província do Brasil é uma só, devido à dimensão. Todos os bispos daqui do Brasil estavam na Conferência.

O tema da sexualidade se transformou num tema da divisão da Comunhão. Mas os que apostavam que a Conferência seria o fim da comunhão tiveram uma surpresa. Porque, ao contrário, os bispos saíram da Conferência fortalecidos na ideia e na permanência da Comunhão, com sua diversidade, e na compreensão de que essa é a riqueza da Comunhão Anglicana. É a unidade numa diversidade. Acontece que é muito mais difícil manter essa diversidade: normalmente se quer uniformizar tudo.⁹²

⁹¹ <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/16430-conferencia-de-lambeth-entrevista-especial-com-dom-orlando-santos-de-oliveira>

⁹² Ibid.

3 - Avanços dos direitos LGBTQ+ e o debate sobre a homossexualidade na IEAB.

Vale ressaltar que no Brasil as propostas dos direitos dos homossexuais no anglicanismo também ganharam força a partir da década de 90. Entretanto não foram somente os debates nas Conferências de Lambeth que influenciaram a IEAB a ter uma posição a favor dos homossexuais, os avanços da direitos LGBTQ+ no Brasil foi de extrema importância para que isso acontecesse.⁹³

a) Os anos 80 e a Aids: o vírus da morte e do renascimento

Os anos 80 vão proporcionar um momento inusitado ao movimento dos homossexuais em todo mundo. Ao mesmo tempo em que o advento da Aids veio colocar em pauta a questão do comportamento homoerótico, deu forças ao preconceito e intolerância e contribuiu para reorganização dos homossexuais no Brasil.

Os primeiros casos da doença foram notificados em **Los Angeles** e Nova Iorque, em 1981. Logo no início, a epidemia ficou conhecida como “câncer *gay*” ou simplesmente “peste *gay*”, já que a doença havia se manifestado, sobretudo, em homossexuais. Os setores conservadores da sociedade, aproveitando-se deste fato, passaram a considerar a doença como “vingança da natureza”, “castigo divino” contra os sodomitas.

As respostas à epidemia dadas pelas entidades governamentais não correspondiam às reais necessidades dos seus principais atingidos. Spencer (1999) afirma que os homossexuais concluíram que estavam sendo ignorados em virtude da opressão que já sofriam e passaram a se auto-organizar contra a indiferença das autoridades. Para Costa (2002), sobreviver à Aids significava um ponto ganho na luta contra a intolerância e a discriminação. O Grupo Terrence Higgins, fundado no final de 1982, em memória do primeiro britânico a morrer de Aids, organizou a primeira

⁹³ MENEZES, R. A. ; DUARTE, L. ; GOMES, E. ; NATIVIDADE, M. **Valores Religiosos e Lesgilação no Brasil**. Garamond. 2009.

conferência nacional sobre o assunto em 1984. Um ano depois, obtiveram os primeiros recursos públicos para a causa ⁹⁴

No Brasil, o movimento encontrava-se desmobilizado após a dissolução do Somos⁹⁵. Coube às poucas forças militantes que restavam organizar um sistema de prevenção da Aids e tratamento das vítimas.

Da militância homossexual sobraram ativistas perplexos, dentro de grupos pouco representativos, esvaziados e sem condições de reflexão ou, menos ainda, de mobilização – com algumas exceções, por sua regularidade e contundência, como foi o caso do *Grupo Gay da Bahia (GGB)*, fundado em 1980 e talvez o primeiro grupo de direitos homossexuais a ser registrado como sociedade civil, ainda em 1983. Em São Paulo, por exemplo, a pensão da travesti Brenda Lee, passou a abrigar travestis infectados e doentes de Aids. Os militantes se misturavam às equipes do Ministério da Saúde, atuando em locais de frequência de *gays*, distribuindo material informativo e camisinhas.

Os grupos de defesa homossexual, a partir deste período, passaram a se estruturar como Organizações Não Governamentais (ONGs), o que proporcionou uma relação diferente com as entidades do governo. Este tipo de organização permitia que fossem destinadas verbas públicas às ONGs para que fossem desenvolvidos projetos de esclarecimento e prevenção sobre a doença. Segundo algumas lideranças *gays* do país, esta nova modalidade de relacionamento com o Estado, trouxe implicações negativas à organização do movimento.⁹⁶

A maioria dos grupos gays do Brasil colocam em seus estatutos que são ONGs Aids, pensando assim em disputar o dinheiro público com aquelas que efetivamente surgiram em decorrência da epidemia. A bem da verdade, são grupos gueis que só querem mais dinheiro público, e assumem quaisquer papéis para garanti-lo. É submissão total. Acabam compactuando com campanhas

⁹⁴ SPENCER, Colin. **Homossexualidade: uma história**. Tradução de Rubem Mauro Machado. Rio de Janeiro: Record, 1999.

⁹⁵ O Grupo Somos(Grupo de Afirmação Homossexual) foi fundado em 1978, e conhecido como primeiro grupo de defesa dos direitos LGBT+ no Brasil. Um de seus fundadores foi James Green, historiador e militante LGBT+. O grupo durou uns três anos, mas foi reconhecido pela sua luta à visibilidade LGBT no país. O Somos era formado por artistas, estudantes e intelectuais da época e buscava trazer diálogo e visibilidade LGBT na cidade de São Paulo. No dia 13 de junho de 1980 a entidade organizou uma marcha contra a violência à população homossexual (LGBT). Consultado em <https://parada24.wordpress.com/2016/11/13/grupo-somos-primeiro-grupo-de-afirmacao-gay-lgbt-no-brasil/> no dia 07/11/2018.

⁹⁶ TREVISAN, J. Silvério. **Devassos no Paraíso: A Homossexualidade no Brasil da Colônia à atualidade**. Rio de Janeiro: Record, 2000. P.365.

conservadoras, como redução de número de parceiros e a monogamia como métodos de prevenção.⁹⁷

Se na década de 80, Cazuzza, destacou-se no cenário artístico nacional em meio ao debate da homossexualidade, os anos noventa também contaram com as atitudes afirmativas de cantores renomados como Renato Russo e Cássia Eller. Renato Russo, líder da banda Legião Urbana, veio a falecer vítima da Aids.

Cássia Eller era uma cantora assumidamente lésbica. Viveu um relacionamento com sua companheira Maria Eugênia Martins, durante 14 anos, e moravam juntas com um filho da cantora, Francisco Eller, conhecido pelo apelido de Chicão. Quando Cássia Eller morreu em dezembro de 2001. Iniciou-se um debate intenso na sociedade a respeito da guarda de seu filho, que tomou grande parte da mídia brasileira. O pai da cantora, o senhor Altair Eller, chegou disputar a guarda do neto.

Numa atitude inédita na Justiça Brasileira, tomada pelo juiz Leonardo Castro Gomes, da 1ª Vara da Infância e Juventude, do Rio de Janeiro, decidiu-se que a criança deveria ficar com a viúva da mãe. Para além da visibilidade adquirida pelo movimento a partir da onda de mercado e pela questão das paradas, vitórias foram conquistadas e avanços foram obtidos. Uma outra conquista foi a retirada da homossexualidade do hall de doenças.⁹⁸

Já em 1993, a Organização Mundial de Saúde eliminara a homossexualidade seu CID (Cadastro Internacional de Doenças). Na mesma esteira, o Conselho Federal de Psicologia, que tem poder de vigilância ética em sua área profissional, promulgou a resolução nº 1, de 1999, repudiando a discriminação de homossexuais, a partir de fatos denunciados pelo Grupo Gay da Bahia, sobre psicólogos que assessoravam igrejas pentecostais na 'cura' de homossexuais.⁹⁹

Neste mesmo ano foi eleita no interior do Piauí, na cidade de Colônia a primeira vereadora travesti, Kátia Tapeti ou José Nogueira Tapeti Sobrinho. Sendo reeleita nas eleições de 1996. No ano de 1995, foi fundada a ABGLT, Associação Brasileira de *Gays Lésbicas e Travestis*, a fim de buscar implementar políticas públicas e coordenar ações em todo país. As Comissões de Direitos Humanos passaram a incluir em suas

⁹⁷ GOLIN, Célio., WEILLER, Luís Gustavo (Orgs.). **Homossexualidades, Cultura e Política**. Porto Alegre: Sulina, 2002. p.169.

⁹⁸ FERREIRA, Daniel Rogers de Souza; **Ousar dizer o nome: Movimento homossexual e o GRAB no Ceará**. UECE. 2003. p.58.

⁹⁹ Ibid p.383.

discussões a questão da homossexualidade. Itens antidiscriminatórios por orientação sexual foram incorporados em diversas Leis Orgânicas Municipais e Constituições de estados brasileiros.

Em 1999, em São Paulo, foi criado o Fórum Paulista de *Gays*, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros. No Rio de Janeiro, a Secretaria de Segurança Pública inaugurou o Disque-Denúncia Homossexual e o Centro de Acompanhamento de Crimes e Discriminação contra Homossexual. Em Brasília foi realizado o Seminário Nacional de Cidadania Homossexual, no Auditório da Câmara Federal. O evento foi promovido por entidades de Direitos Humanos e pela ABGLT.

Já no ano 2000 Marta Suplicy foi eleita prefeita da cidade de São Paulo, abertamente favorável às causas do movimento homossexual brasileiro, durante a campanha recebeu apoio de *gays*, lésbicas, bissexuais e transgêneros. Em abril desse ano, o resultado de uma ação civil pública movida contra o Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS), a partir de uma denúncia feita pelo Grupo NUANCES de Porto Alegre, decidiu pela extensão dos benefícios previdenciários aos casais de pessoas do mesmo sexo.¹⁰⁰

Nos anos 90, ocorreram várias tentativas para criminalizar a homofobia na esfera federal. Em 1995, Marta Suplicy apresentou um projeto de emenda constitucional (PEC – 139/1995) que visava incluir a “liberdade de orientação sexual dentro os objetivos de promover o bem de todos, sem preconceito”, arquivado em 1999. Nesse mesmo ano, Nilmário Miranda elaborou um projeto de Lei (PL – 1.904/1999) com proposta semelhante, visando alterar o artigo 1º da lei 7.716/ de 1989. A proposta objetivava determinar como crime o preconceito contra a orientação sexual. Apesar de pareceres positivos e da aprovação em várias comissões por onde passou, o projeto foi arquivado em 2004.

Os arquivamentos destes projetos se deram principalmente devido a militância de grupos religiosos conservadores. Uma carta veiculada no site da organização ABRACEH (Associação Brasileira de Apoio aos que desejam Voluntariamente deixar a

¹⁰⁰ Ibid. p.95.

Homossexualidade) escrita pela psicóloga cristã Rosangela Justino reflete o teor deste movimento:¹⁰¹

“Não apoiamos a discriminação em nenhum aspecto, tanto é que lutamos para que as pessoas que deixaram ou querem voluntariamente deixar a homossexualidade não sejam discriminada pelo Poder Público, pela nova ciência e pelos ativistas do movimento pró-homossexualismo, que insistem em desconhecê-los em não aceitar a mudança que promoveram em sua orientação/comportamento. {...}. Como cidadãos desse país, defendemos o direito dos que voluntariamente não querem vivenciar a homossexualidade e dos que já saíram dela, muitos com famílias constituídas. {...} contamos assim com nossos representantes legais, ou seja, o (a) senhor (a), para que os integrantes dos movimentos de apoio e seus apoiadores não sejam perseguidos, talvez até mais do que os próprios ativistas GLBTs (sic) dizem ser, pois somos um grupo de excluídos dentro de um grupo que já se considera minoria. Estão cerceando nosso direito de nos reunir em grupos de ajuda mútua, em igrejas e o direito à psicoterapia. O que mais irão nos tirar? Nosso livre-arbítrio (sic)?¹⁰²

Esse discurso coloca em evidência a dimensão moral da atuação religiosa contrária aos direitos das populações não heterossexuais. A associação entre homossexualidade e pedofilia é recorrentemente utilizada como um dispositivo discursivo que colabora para a construção do homossexual como um personagem perigoso. Comparece também neste universo, uma representação da homossexualidade como algo não domesticável, desregrado.

Como prática moralmente condenável e, sobretudo, perigosa à coletividade, a homossexualidade deve ser objeto a sujeição e controle. E é neste contexto de polarização entre os discursos de ativistas LGBT e frentes religiosas conservadoras que a IEAB precisa tomar uma decisão importante com respeito à inclusão de LGBTs na comunhão anglicana.

b) A IEAB e sua posição sobre homossexualidade.

No Brasil as propostas dos direitos dos homossexuais no anglicanismo também ganharam força a partir da década de 90, com os trabalhos de Marta Suplicy⁴⁴. Ainda no ano que 1997, a IEAB publicou uma carta pastoral sobre a sexualidade humana.

Nela esta o seguinte conteúdo:

¹⁰¹ NATIVIDADE, Marcelo. LOPES, Paulo Victor Leite. Os direitos das pessoas GLBT e as respostas religiosas: da parceria civil á criminalização da homofobia. In: MENEZES, R. A. ; DUARTE, L. ; GOMES, E. ; NATIVIDADE, M. **Valores Religiosos e Legislação no Brasil**. Garamond. 2009.

¹⁰² Disponível em : <http://www.abraceh.org.br/v2/index/index.php>. Acesso em 31/03/2018.

1. Afirmamos que a sexualidade é um dom de Deus e que as relações sexuais, exercidas no contexto do amor e do respeito mútuo, não só devem ser aceitas, mas também consideradas como as coisas boas que Deus criou. Por outro lado, a promiscuidade sexual entre pessoas do mesmo gênero ou gêneros diferentes deve ser combatida, por ser contrária ao ensino das Escrituras.

Entretanto, a Igreja deve receber com amor pessoas de qualquer raça, cultura, classe social ou orientação sexual. Afinal, como cristãos, somos portadores da promessa do Espírito Santo, que nos conduz à Palavra feita carne, que acolhe os abandonados, os incompreendidos, os marginalizados, que demonstra amor e compaixão à mulher apanhada em adultério, que conversa com a mulher samaritana e afirma a santidade do homem e da mulher em santo matrimônio.

2. A sexualidade é parte integrante do ser humano. Essa realidade abençoada se expressa em atos de conduta, que se convertem em atos de afeição, relação mútua e conhecimento recíproco entre homem e mulher. Isso envolve sempre uma comunidade. Por isso, o povo bíblico estabeleceu um determinado padrão de conduta, porque as relações sexuais não realizam toda sua potencialidade, se não levar em consideração o amor e a justiça em relação às outras pessoas. Portanto, os atos de violência sexual são iníquos.

3. A Conferência de Lambeth de 1988, no que concerne a família e matrimônio, não conseguiu eliminar a confusão, provocando ensino sobre sexualidade humana. Algumas províncias vêm afirmando que o homossexualismo (sic) é pecaminoso, enquanto outras adotam uma atitude pastoral contextualizada. A questão sexual, que abrange todos os aspectos da vida social e individual, ainda não está de todo resolvida. Os estudos dos fatores que contribuem para as diferentes compreensões em relação ao homossexualismo (sic) continuam; e, como bispos, recomendamos o diálogo, o bom senso e a preocupação pastoral com as pessoas de orientação homossexual na comunidade.

Não podemos assumir posições finais sobre a ordenação de homossexuais ou a **bênção** de uniões de pessoas do mesmo sexo, porque na própria Comunhão o assunto ainda está em processo de amadurecimento.

A Bíblia, em alguns textos, condena explicitamente o relacionamento homossexual, embora, em sua maioria, seus textos condenam a promiscuidade, a orgia ou o deboche. Entretanto, devemos entender que Bíblia não é um ditado de Deus, mas sim a Revelação de Deus carregada pela interpretação de seus autores, que trazem nela as influências de sua cultura e época (viviam eles numa sociedade patriarcal e machista).

4. É necessário que a Igreja Episcopal Anglicana do Brasil inclua em seus programas educacionais e pastorais estudos e orientações sobre a sexualidade humana, levando em conta o ensino das Escrituras, o conhecimento das ciências humanas, a experiência da tradição anglicana e uma compreensão contextualizada da controversa questão, para que os seus eclesianos, livres de idéias pré-concebidas e na visão de uma sexualidade cristã sadia, possam assumir o dom da sexualidade no contexto da comunidade da fé e respeitar os outros.¹⁰³

Essa postura sobre a sexualidade no anglicanismo brasileiro atual é a própria formadora de um debate que não cresce em diálogo e resoluções. A homossexualidade, neste caso, é rotulada como um problema que divide a comunhão anglicana quebrando, assim, sua comunhão. “O resultado dessa longa herança reflete-se hoje na incapacidade

¹⁰³ Carta Pastoral dos Bispos da IEAB, 1997. Igreja Episcopal Anglicana do Brasil. www.ieab.org.br acesso em 21/04/2018.

que temos de lidar com assunto tão relevante, da vergonha e excesso de discrição que temos ao comentar nossos próprios dilemas sexuais ou nossas fantasias”.

No documento expressa-se que a sexualidade é, em um primeiro momento, vista como uma benção, uma coisa boa que Deus criou, depois, é ressaltada a questão da problemática que ela, na expressão homossexual, estava gerando no diálogo religioso. A recomendação quanto à preocupação pastoral demonstra o quanto o tema trazia uma nova questão teológica e comportamental para este ramo cristão. A partir desta colocação, podemos perceber o quanto a questão da homossexualidade se tornou uma geradora de grandes debates, reuniões, repressões, intolerância e divisões. A sexualidade ganha prioridade nas discussões e as reflexões ganham espaço. A homossexualidade, especificamente, passa a ser vista com um olhar especial.¹⁰⁴

Por sua vez, a IEAB em 2007, ratifica sua visão progressista com respeito a homossexualidade:

Celebramos os 10 anos da I Carta Pastoral dos Bispos da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil sobre a Sexualidade Humana. O que nela foi dito ainda é atual para a Igreja hoje. No entanto, diante dos acontecimentos posteriores àquela época, que implicaram na deserção de um bispo e de vários clérigos no Nordeste e noutras partes da Comunhão Anglicana no mundo, resolvemos voltar ao assunto, divulgando de novo aquela carta e chamando a atenção para sua leitura e aprofundamento.

Faz parte da tradição em nossa Comunhão o respeito às diferenças de opinião em relação a questões que não são essenciais ao princípio da Revelação divina. Este princípio diz que “Deus estava em Cristo reconciliando o mundo consigo mesmo.” Tudo que a Bíblia diz que não se refira à essência desta Revelação é secundário, ou seja, faz parte da cultura e dos costumes daqueles que foram instrumentos de Deus para a redação dos textos escriturísticos. Para nós, a Bíblia é a Palavra de Deus no sentido de mensagem de Deus e não ditado de Deus. Por isso, ao longo dos séculos, a Igreja vai discernindo o que é essencial e o que é secundário, o que é revelação divina e o que é mediação humana, sempre ligada a cada época e cultura. Esse discernimento não se faz simplesmente por opiniões de indivíduos ou de grupos. Para isso, todo o povo da Igreja é chamado a colaborar com seu “senso de realidade” e seu “bom senso”, formado pela fé e pela própria experiência de vida. A Tradição é isso, é a Bíblia sendo lida, ao longo dos séculos, na vida do povo de Deus, sob a guia do Espírito Santo. A luz da Razão também nos é de grande auxílio. É necessário examinar as Escrituras com a ajuda da reflexão teológica e das ciências para discernir, em cada tempo, o que Deus nos quer dizer, para que possamos experimentar na vida a obra divina da reconciliação.

¹⁰⁴ CALVANI, Carlos Eduardo B. **Sexualidade – o prazer que liberta**. Revista Inclusividade – Centro de Estudos Anglicanos – Ano I – Julho de 2002. Disponível em <http://centroestudosanglicanos.com.br/site/revista-inclusividade/inclusividade-numero-2/> . Acesso em 21/04/2018.

Vemos que em nosso seio têm surgido elementos cismáticos e desagregadores que não se conformam com o fato de que há na Comunhão Anglicana correntes que divergem de seu modo de pensar. Percebemos que há quem tenha convicções autênticas; a esses, o nosso respeito, com a afirmação de que são nossos irmãos e irmãs. Há quem se dedique a fomentar a divisão por razões não teológicas, tais como orgulho e anseio pelo poder ou fatores de outra natureza. Ora, isso gera perversas distorções, tanto em relação à natureza da comunhão da Igreja (Eclesiologia), quanto em relação à maneira de interpretar a Bíblia (Hermenêutica). Tanto uns como outros, chamamos ao bom senso e à união. Não é da nossa Tradição a submissão a uma Cúria ou qualquer outro órgão autoritário de doutrina ou prática. cremos na liberdade de pensamento, pois “a verdade nos libertará”. cremos na virtude da tolerância, tão característica do Anglicanismo, que é capaz de sustentar a comunhão em redor da mesa do Senhor e o companheirismo na missão de Deus. Isso é um processo que se desenvolve e amadurece lentamente, com diálogo e paciente escuta uns dos outros, e resulta naquilo que a Igreja chama de *sensus fidelium*, isto é, o sentir comum do povo crente.

Reafirmamos que cremos na inclusão. O estabelecimento de fronteiras ou divisões entre as pessoas, os grupos e os povos é fruto da exclusão que nos cega dentro de nossos limites e do dogmatismo fanático e inibidor da liberdade humana. Sob o amor ilimitado de Deus devemos construir os alicerces para a concretização de nossos sonhos. O Espírito Santo age por meio deles na construção de uma nova humanidade. Esta nova humanidade se realiza na aspiração de Nosso Senhor Jesus Cristo de que “todos sejam um”.

Nas linhas de nossa I Carta Pastoral foram expressadas as conclusões de nossos I e II Congressos sobre Sexualidade Humana. Reconhecemos que há ainda entre nosso povo muitas dúvidas sobre questões de sexualidade humana. Por isso, recomendamos ao clero que se aprofunde em seu conhecimento sobre o assunto para que tenham instrumentos pastorais adequados no atendimento de suas congregações.¹⁰⁵

A interpretação bíblica é de extrema importância neste caso, pois, mediante a interpretação se chegará a determinada posição teológica, garantindo o futuro da igreja em relação à aceitação e prática da homossexualidade e como uma determinada parcela do Anglicanismo agirá em relação a este comportamento.

Toda leitura é orientada por uma determinada visão, por uma formação essencialmente ideológica. Há sempre um conhecimento prévio que influencia diretamente na interpretação textual. Isso também ocorre, inevitavelmente, com o texto bíblico. Portanto, neste contexto, o reconhecimento ou não da prática homossexual como algo permitido pelas Escrituras dependem de uma interpretação bíblica específica. A questão sobre a interpretação correta dos textos bíblicos é formador da intolerância ou da tolerância no que diz respeito à prática homossexual dentro da Igreja Anglicana mundial, uma vez que é a partir do texto bíblico que as práticas são construídas. Uma

¹⁰⁵ Carta Pastoral dos Bispos da IEAB, 2007. Igreja Episcopal Anglicana do Brasil. www.ieab.org.br acesso em 21/04/2018.

visão preconceituosa é sempre baseada em uma interpretação feita de determinado pensamento.

Em um tempo de grande produção de informação e circulação de conhecimento, além do acesso ao encontro com outras culturas e formas de pensar e viver divergentes da própria de qualquer indivíduo, o anglicanismo brasileiro se adaptou. Suas ramificações, como sabemos, aprovam e reprovam a prática homossexual. Entretanto, a formação intolerante nunca é um bom posicionamento em uma sociedade democrática e pós-moderna, onde existe a pluralidade de ideias, conceitos e valores, como também o conceito de “verdade” é relativizado. Sendo assim, o tema e os debates não avançam porque esta questão parece ser mais de ordem prática, comportamental do que de conhecimento e teoria.

O cenário cristão brasileiro ainda é dominado por vertentes que expõem uma ala conservadora onde não existe abertura para o debate, a repressão é clara e a intolerância é presente; pensamentos que formam um moralismo onde não se abre espaço para a construção de conceitos próprios de cada grupo e a opinião diversa é excluída das possibilidades. Uma construção social onde qualquer opinião diferente daquilo que se espera é condenada. A posição conceitual não importa, se ela for contrária já não interessa e deve ser reprimida.

Portanto, a IEAB segue um caminho diferenciado da corrente hegemônica do cristianismo brasileiro, ao considerar a sexualidade humana, deva ser amplamente debatido, assim como deve-se exercer um acolhimento pastoral aos LGBT+.

Sempre vista como um tabu e reprimida em vários aspectos, a sexualidade deve ser um tema abertamente debatido e compreendido pelos cristãos. Entretanto, não é este o cenário que encontramos no Brasil. Minorias se propõem a discutir e construir conceitos bem elaborados sobre a sexualidade humana e as relações afetivas. A construção da identidade é perpassada pela sexualidade, o que afeta significativamente a formação de uma pessoa.

Debater a sexualidade abertamente é lidar com as diferenças e afirmar seus próprios conceitos pessoais, sem denegrir ou interferir na opinião diversa. Entretanto, como dito, o cenário construído no contexto da igreja cristã e, especialmente no anglicanismo, é polêmico, apesar dos importantes trabalhos que são desenvolvidos por uma minoria que deseja construir uma relação saudável com a sexualidade.

3.1 - A teologia Inclusiva e novas interpretações de trechos bíblicos.

Apesar de não ter sido o motivo principal para a criação da teologia inclusiva, o debate no anglicanismo teve sua influência para as novas interpretações da bíblia com respeito à homossexualidade, tendo como ponto principal a publicação do livro homossexualidade e tradição cristã de Derick Bailey que, por sua vez, serviu de base para o nascimento da teologia inclusiva.

Em 1954, Derrik Bailey lançou o livro *Homosexually and Western Christian Tradition*, o qual chamou a atenção a vários assuntos negligenciados, como registros, testamentos de herança, legislação de imperadores cristãos, registros penitenciários e a relação entre a heresia e a sodomia. Com isso, Bailey chegou à conclusão de que biblicamente, a homossexualidade não era pecado. O teólogo compreendeu que a leitura de Genesis 19 e outros textos bíblicos eram extremamente tendenciosos e limitados. Para eles estava entendido que a destruição de Sodoma e Gomorra deu-se devido à falta de hospitalidade, e não por causa da homossexualidade.

Em meados de 1968, com base nos escritos de Bailey, e após ser destituído como clérigo por uma denominação Pentecostal por causa de sua homossexualidade, o reverendo Troy Perry deu origem a primeira igreja inclusiva, chamada de ICM (Igreja da Comunidade Metropolitana) em uma reunião de doze pessoas em sua casa em Huntington Park, Califórnia. Formalmente, a ICM foi estabelecida no cenário mundial em 6 de Outubro de 1969, surgindo, assim, a Fraternidade Universal da Igreja da Comunidade Metropolitana, FUIMC, e que hoje está inscrita no Conselho Nacional de Igrejas.¹⁰⁶

A Igreja foi organizada para atender às necessidades religiosas, espirituais e sociais da comunidade homossexual de Los Angeles, mas eu esperava que crescesse para alcançar os homossexuais onde quer que estejam. Deixei claro que não éramos uma igreja gay – éramos uma igreja cristã [...] eu também disse a eles que nós seríamos uma igreja protestante geral e totalmente inclusiva.¹⁰⁷

Figura 9: Reverendo Troy Perry realizando casamento de Larry Uhrig e Alan Fox, em 1970 em umas das Igrejas da Comunidade Metropolitana.

¹⁰⁶ WILSON, Nancy. **Nossa Tribo**: gays, Deus, Jesus e a Bíblia. Rio de Janeiro: Metanoia, 2012.

¹⁰⁷ PERRY, Troy. **História da MCC**: compilação de entrevistas e escritos. 2004. p.8 Disponível em: < <https://www.google.com.br/search?q=PERRY%2C+Troy.+História+da+MCC%3A+compilação+de+entrevistas+e+escritos.+2004&oiq=PERRY%2C+Troy.+História>>. Acesso em: 20 Maio 2018.



Fonte:<http://notchesblog.com/2014/10/14/a-protestant-history-of-same-sex-marriage/>

No Brasil, os primeiros grupos inclusivos surgiram na década de 1990, mas somente a partir dos anos 2000 é que as igrejas inclusivas começaram a tomar forma que conhecemos hoje. Em 27 de maio de 2002, o pastor Victor Orellana, oriundo da Assembleia de Deus, fundava em São Paulo a Igreja Cristã Acalanto, primeira denominação inclusiva brasileira. A Acalanto abriu as portas para que outras denominações inclusivas se estabelecessem no Brasil.

As igrejas inclusivas estão concentradas principalmente no eixo Rio de Janeiro-São Paulo, entretanto já estão presentes em capitais importantes como Belo Horizonte, Porto Alegre, Natal, Maceió, Fortaleza, São Luís, Brasília e Goiânia.

A teologia *inclusiva* sugere a necessidade de se institucionalizar valores que vão de encontro àqueles usados anteriormente como dispositivo de exclusão do indivíduo que é crente e homossexual. Assim, a partir desta teologia, entende-se a pessoa homossexual como sujeito afetivo criado e amado por Deus e, ao mesmo tempo, injustiçado e oprimido, mas com condições de superação através da conscientização, reflexão e ação.¹⁰⁸

¹⁰⁸ FEITOSA, Alexandre. Introdução a teologia inclusiva: Bíblia & Homossexualidade. Oasis editora. Brasília-DF. p.11.

Assim, há um fortalecimento da autoestima dos membros destas igrejas, dado que, graças a esta aceitação por parte de Deus, têm condições teológicas de fazer valer seus interesses e anseios religiosos. A inclusão dos LGBTs concorda com a construção de vidas que procuram superar uma série de preconceitos e experiências de intolerância vividas no passado e no presente.

São preconceitos advindos de ambientes e áreas diversas como a família, a escola, o trabalho, a psicologia, a medicina, a academia, a mídia e, claro, a doutrina das igrejas católica e evangélica. Grande parte destes preconceitos é reforçada pela interpretação de versos e trechos da Bíblia, e esta proposta teológica tem como cerne relativizá-los e contextualizá-los a partir de uma hermenêutica fundamentada no método histórico-crítico, com o objetivo de auxiliar as pessoas a desconstruir preconceitos (muitas vezes internalizados) e conscientizá-las acerca da urgência na aceitação do próximo com suas diferenças.

A teologia *gay* e a teologia lésbica procuram partir das histórias vividas pelas pessoas homossexuais como forma de devolver-lhes a palavra e responder aos seus desejos e inquietações. Escutando e narrando estas histórias, o indivíduo vai percebendo e elaborando a sua trajetória, compreendendo melhor sua identidade, questionando o saber convencional, fomentando novas formas de pensar e agir e apontando para a tolerância. É assim que a experiência homossexual é fundante para esta teologia: esta vivência proporciona um olhar interpretativo diferenciado sobre as Escrituras, sugerindo uma hermenêutica que liberte não somente quem é homossexual, mas todas as pessoas, dado que os textos são iluminados de novas maneiras.¹⁰⁹

Sobre a teologia inclusiva Muskoff afirma:

repetidamente se reflete sobre os 6 textos que (supostamente) condenam a homossexualidade – os chamados “textos de terror”. Aí se busca esclarecer o contexto no qual são desenvolvidas as leis do levítico que falam sobre abominação refletindo sobre o código de pureza que rege tais leis, afirmar que a narrativa de Sodoma e Gomorra em Gênesis 19 não se refere a questões de sexualidade, mas à falta de hospitalidade e solidariedade do povo dessas cidades e apontar para os termos imprecisos e até confusos utilizados pelo Apóstolo Paulo em Romanos 1 e para o fato de que as situações mencionadas por ele não se referem a pecados mas a atos moral e culturalmente reprováveis, entre vários outros argumentos e explicações. A ideia é que, uma vez explicados esses textos em seu contexto, a

¹⁰⁹ MARANHÃO, Eduardo Meinberg de Albuquerque. Teologia Queer e **Cristrans**: transições teológicas nas igrejas da comunidade metropolitana. Revista Mandragorá, v.22. n. 2, 2016, p. 155.

homossexualidade deixar de ser vista como algo contrário à vontade de Deus pelas Igrejas.¹¹⁰

Outro ponto importante sobre a teologia inclusiva é sua interpretação da Bíblia. Para Retamero¹¹¹ não há outro método para uma leitura inclusiva da Bíblia, senão o método histórico-crítico de análise dos textos que a compõem. A leitura inclusiva da Bíblia pressupõe que o leitor ou o pregador bíblico assumam a tarefa de desconstrução do pensar teológico e a partir daí a construção desse novo edifício que chamamos de Teologia Inclusiva.

Sendo assim, um dos princípios preliminares que o método histórico-crítico utiliza e que fundamenta a Teologia Inclusiva é a crítica textual. É preciso analisar as escrituras bíblicas com um olhar crítico e racional, a ocasião e o propósito do escrito, bem como o ambiente literário, a fim de se compreender o escrito bíblico que vem de um contexto literário e época da antiguidade¹¹².

Outro aspecto importante do método histórico-crítico é reinterpretar a linguagem da igreja para que possa refletir adequadamente a fé. Para Retamero¹¹³, a igreja tem que refletir a fé que tem por missão expressar, entretanto, consciente de que toda expressão da revelação é historicamente condicionada e, portanto, limitada. Deste modo, possuímos um número limitado de informações e capacidades de processamento, o que faz com que os indivíduos não conheçam todas as alternativas que expressam adequadamente a fé. Segundo Xavier¹¹⁴, “o método histórico-crítico é um método de interpretação das Escrituras Sagradas que pressupõe a libertação de premissas dogmáticas e que adota a razão como principal critério de avaliação do texto bíblico”.

Pautada nessa corrente, a teologia inclusiva faz novas interpretações de textos bíblicos, usados frequentemente para condenar homossexuais. Portanto, ao utilizar o método histórico-crítico, o aprofundamento no texto bíblico acontece e esses textos, que antes eram lidos de forma condenatória, como por exemplo, Romanos 1, 21-28,

¹¹⁰ MUSSKOPF, André Sidnei. A sistematização do pensamento teológico gay no Brasil, 2010. In: CALVANI, Carlos Eduardo (org.). *Bíblia e sexualidade* – abordagem teológica, pastoral e bíblica. São Paulo: Fonte Editorial, 2010. p.259 – 260.

¹¹¹ RETAMERO, Marcio. *Manual de Liturgia*. Igreja da Comunidade Metropolitana. Apostila impressa e divulgada no Retiro de Páscoa da igreja em 2010.

¹¹² JOSEPH, Augustine; FITZMYER, S. J. **A interpretação da escritura**: em defesa do método histórico crítico. São Paulo: Editora Loyola, 2011.

¹¹³ Op.Cit. *Crônicas de um pastor gay*. Rio de Janeiro, Metanóia Editora, 2011. p.12.

¹¹⁴ XAVIER, Luiz Felipe. O método histórico-crítico: origem, características e passos metodológicos. p.1. **Revista Davar Polissêmica**, vol 3, n 1, 2012. Disponível em: <<http://sistemabatista.edu.br/SEER/index.php/teo/article/view/95/85>>. Acesso em: 26 Maio. 2018.

Levítico 18, 22 e 20,23 Gênesis 18-19, 1 Coríntios 6, 9-10 e Timóteo 1, 10 podem ser reinterpretados e compreendidos na totalidade de seu significado trazendo a possibilidade da inclusão.¹¹⁵

Como já foi sublinhado, um dos casos bíblicos mais polêmicos e utilizados no debate acerca da homossexualidade por adeptos e não adeptos da prática homossexual é, sem dúvida, o caso de Sodoma e Gomorra. Em Gênesis 19 é relatada uma história das cidades de Sodoma e Gomorra, cujo castigo, segundo alguns interpretes, é atribuído à condenação à homossexualidade, o que nos traz uma ampla construção de reflexões acerca das relações homossexuais. Inclusive, a obra *Gomorrianus*, de Pedro Damiano, produzido na Idade Média, é inspirado neste acontecimento bíblico. Mesmo sendo de difícil relação entre esse texto e outros textos bíblicos a respeito da homossexualidade, têm se criado diversas interpretações acerca da prática homossexual mediante este texto.

Contudo, para a teologia inclusiva, há uma má interpretação do pecado de Sodoma. Tal interpretação teve início no período intertestamentário, o canon bíblico não fora fechado de modo que alguns escritos apócrifos influenciaram o pensamento judaico. Um desses escritos é o Testamento dos Doze Patriarcas, que identifica o pecado de Sodoma como perversão da natureza. Associada a uma leitura superficial de Genesis 19, a perversão da natureza foi identificada como atos homossexuais entre homens.

Para os judeus deste período, a sexualidade estava fundamentada na procriação. Filo de Alexandria (25 A.C – 50 D.C), um influente historiador judeu Helenista, difundiu tal ideia e reforçou a interpretação equivocada sobre Sodoma. Séculos mais tarde, Tomás de Aquino (1225 – 1274 D.C) popularizou o termo sodomia.¹¹⁶

Todavia, a teologia inclusiva afirma que o pecado de Sodoma não era a homossexualidade, mas, como já demonstrado, a falta de hospitalidade. Estuprar estrangeiros seria uma prática comum na antiguidade, usada para humilhar e subjugar o inimigo. Teólogos desta linha afirmam que nem Ló pensava que a multidão fosse composta por homossexuais, já que oferece mulheres para satisfazê-los. Portanto os pecados que levaram a destruição da cidade foram ganância, prosperidade egocêntrica, falta de solidariedade com os mais pobres, ausência de justiça social e ausência de preocupação com o estrangeiro e viajante.

¹¹⁵ EVERDING, Edward et al. **Homossexualidade**: perspectivas cristãs. Brasil: Editora Fonte Editorial, 2008.

¹¹⁶ Ibid. p.25.

Tal interpretação é corroborada no texto bíblico de Ezequiel 16:49:

Eis que esta foi a iniquidade de Sodoma, tua irmã: soberba, fartura de pão e próspera tranquilidade teve ela e suas filhas; mas nunca amparou o pobre e o necessitado. Foram arrogantes e fizeram abominações diante de mim; pelo que, em vendo isto, as removi dali.¹¹⁷

Outro texto que está em constante debate na relação da homossexualidade como pecado é Levítico 18:22¹¹⁸. Este texto afirma: “não te deitarás com um homem como se deita com uma mulher, isso é abominação”. Este texto complementa outro, que diz: “Quando um homem se deita com um homem como se deita com mulher, ambos cometem uma abominação. São réus de morte e o sangue deles recaia sobre ele”¹¹⁹ (Levítico 20:13). Estes dois textos são os únicos do Antigo Testamento que fazem menção direta a condenação da homossexualidade. Para alguns teólogos, essas propostas de Deus para o povo Hebreu serve para distingui-los dos demais povos que cultuavam outros deuses. Isso ajudaria os judeus a manter fortes seus limites morais. A homossexualidade é, no sentido destes textos judaicos do Antigo Testamento, a prática das penetrações homossexuais, caracterizada por uma “perversão” que poderia estar ligada a idolatria. Aqui, as leis de santidade apresentam essa prática como “abominação”, com certa ligação com a própria idolatria. Além disso, a homossexualidade envolvia atos como um homem deitar com outro “como se fosse mulher”, que era visto pelos hebreus como uma prática heterossexual antinatural.¹²⁰

Para a teologia inclusiva tais textos não condenam a homossexualidade, como orientação sexual, pois a mesma não fazia parte da compreensão da sociedade judaica na época. Por isso é importante salientar que as escrituras não distinguem o comportamento homossexual da orientação sexual. A bíblia limita-se a condenar a relação unissexual entre homens como prática apenas, jamais como constituição sexual natural de um indivíduo.

O sexo entre homens em levíticos é chamado de abominação porque tal prática estava relacionada a alguma prática ritual. Entre outras religiões era comum rituais da fertilidade tendo como prática o sexo entre homens. Acreditava-se que um homem ao

¹¹⁷ Bíblia. Ezequiel 16: 49 50. Versão Almeida corrigida e revisada. Sociedade Bíblica do Brasil.

¹¹⁸ Op.cit. Levíticos 18:22

¹¹⁹ Op.cit: levíticos 20:13.

¹²⁰ MONTALVÃO, Sérgio Aguiar. **A Homossexualidade na Bíblia Hebraica – Um Estudo Sobre a Prostituição Sagrada no Antigo Oriente Médio**, 2009. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de São Paulo. p.104.

receber o sêmen de outro teria sua fertilidade aumentada. Também quando o livro e Levítico proíbe que homem se deite com outro como se fosse mulher, retrata a identidade patriarcal e misógina.

Sobre isso Feitosa afirma:

“As religiões cananeias enfatizavam a capacidade reprodutora da terra, as colheitas e tudo que estava ligado á fertilidade, visto que aqueles povos eram essencialmente agrícolas. Essa ênfase explica a importância dos intercursos sexuais em suas cerimônias. Seus cultos incluíam ritos, muito comuns naquelas religiões, como a prostituição sagrada ou cultural, rituais em honra a fecundidade, celebrados com práticas orgíacas, principalmente em devoção aos deuses Moloque, Milcom, Astarote e Baal. Tais rituais, acreditava-se, traziam benção sobre as estações, as plantações, os rebanhos e as colheitas. Escavações arqueológicas revelaram que os seus templos eram centro de vícios orgíacos, com sacerdotes agindo como prostitutas homossexuais e sacerdotisas prostitutas.”¹²¹

Os próximos textos da bíblia com nova interpretação pela teologia inclusiva são I Coríntios 6. 9 – 11 e I Timóteo 1. 8 - 10 que dizem o seguinte:

Não sabeis que os injustos não hão de herdar o reino de Deus? Não erreis: nem os devassos, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os efeminados, nem os sodomitas, nem os ladrões, nem os avaros, nem os bêbados, nem os maldizentes, nem os roubadores herdarão o reino de Deus. E é o que alguns têm sido; mas haveis sido lavados, mas haveis sido santificados, mas haveis sido justificados em nome do Senhor Jesus, e no Espírito do nosso Deus.¹²²

Sabemos, porém, que a lei é boa, se alguém dela se utiliza de modo legítimo, tendo em vista que não se promulga lei para quem é justo, mas para transgressores e rebeldes, irreverentes e pecadores, ímpios e profanos, parricidas e matricidas, homicidas, impuros, sodomitas, raptos de homens, mentirosos, perjuros e para tudo quanto se opõe á doutrina, segundo o evangelho da gloria de Deus bendito, do qual fui carregado.¹²³

Estes dois textos são os mais utilizados pelos cristãos tradicionais para a condenação da homossexualidade. Nestes dois textos Paulo usa termos genéricos na sua lista de vícios, entretanto, ao citar atos homogenitais, somente uma das palavras se refere exclusivamente ao sexo masculino. Seria o termo arsenokai (vocábulo raro

¹²¹ FEITOSA, Alexandre. Bíblia e homossexualidade verdades e mitos; Rio de Janeiro. Editora Metanoia. p.55.

¹²² Bíblia. I Coríntios 6. 9 – 11. Versão almeida corrigida e revisada. Sociedade Bíblica do Brasil.

¹²³ Op.Cit. 1º Timóteo 1. 8 – 10.

formado por arseno=homem, e koitos=cama), que teria o significado literal mais próximo como “homem-cama.”

Outro termo importante desse texto é *malakoi*, comumente traduzido como “efeminados”. É interessante notar que as palavras *malakoi* e *arsenokoitai* aparecem juntas em 1º Coríntios 6.9. O significado de *malakoi*, nesse caso utilizado de forma metafórica. O contexto em que ambas as palavras estão inseridas não apresenta elementos conclusivos que nos indiquem seus significado real, a única coisa que se sabe que se trata de algo ruim, já que aqueles que praticam tais coisas não herdarão reino dos céus segundo a bíblia.¹²⁴

Logo, quem seriam os *arsenokoitai*? Na sociedade romana contemporânea a Paulo era comum a prática da exploração sexual masculina, principalmente na relação senhor e servo. No trecho de Timóteo, o apóstolo menciona, juntamente com *arsenokotai*, os traficantes de escravos, o que reforça que o termo se refere a um tipo de abusador sexual.

Alguns eruditos, valendo-se deste contexto, traduziram *arsenokotai* como “pederastas”, ”pedófilos” e “abusador de”. Por sua vez, algumas traduções em inglês apresentam o mesmo sentido. Essas versões, segundo a teologia inclusiva, são coerentes com o contexto sociocultural das epístolas, pois revelam uma prática sexual abusiva, ato totalmente incompatível com o conceito de relacionamentos homoafetivas.

Já o termo *malakoi*, diferentemente de *arsenokoitai*, é usado em vários trechos da bíblia; Significa literalmente, macio, delicado, suave ao toque, mole. O texto de Paulo adquiriu um sentido figurado. Os dicionários teológicos associam *malakos* a um homem efeminado, mas também reconhecem que o termo pode significar pessoas em geral dadas aos prazeres da carne. Inclusive na literatura helenista o termo é usado várias vezes como referência a heterossexuais, exprimindo fraqueza moral em excesso. Não há nenhuma conotação sobre atos homogenitais nessa tradução, coerente com um dos possíveis significados apresentados em dicionários teológicos.¹²⁵

Portanto, nota-se que o debate anglicano foi muito além da inclusão de LGBTs no interior de sua comunidade religiosa. Ele favoreceu a discussão que lançou

¹²⁴ Ibid.89

¹²⁵ Ibid. 47

as bases da teologia inclusiva, onde essa ramificação do cristianismo encontra seus fundamentos.

3.2 - Entrevista com reverendo da Paroquia de Todos os Santos e na pastoral Episcopaz.

Analizados os debates sobre homossexualidade nas conferências de Lambeth entre 88 e 2008, assim como seus desdobramentos na IEAB, apresentaremos neste capítulo a entrevista com duas lideranças anglicanas. O reverendo Daniel Rangel Cabral, líder da Paroquia de Todos os Santos localizada em Niterói, e com um membro da Pastoral Anglicana Episcopaz que trabalha no combate da LGBTfobia, realizando campanhas em defesa dos direitos humanos. Relacionando as respostas das entrevistas com as recentes resoluções das conferências de Lambeth com respeito à inclusão dos LGBT+.

3.1 – Paroquia Anglicana de Todos os Santos em Niterói.

A paroquia presidida pelo Reverendo Daniel tem sua importância na cidade de Niterói, a mesma foi fundada em 1922. Em 1810, os anglicanos celebraram, pela primeira vez em solo brasileiro uma missa, contudo só em 1890, surge a primeira Igreja Anglicana voltada para os brasileiros, em Porto Alegre, fundada por dois missionários americanos: Lucien Lee Kinsolving e James Watson Morris, esses missionários estavam vinculados à Igreja Protestante Episcopal dos Estados Unidos da América. Dessa forma, a Igreja não era conhecida como ‘Anglicana’, e sim, como ‘Igreja Episcopal’:¹²⁶

Os contatos desse grupo com os imigrantes britânicos eram bastante esporádicos e superficiais. O primeiro bispo brasileiro (Athálcio Theodoro Pithan) só foi sagrado em 1940, mas o controle da igreja ainda era dos norte-americanos. A Igreja Episcopal do Brasil só adquiriu sua autonomia em 1964. A partir de então é que foram tecendo acordos com a Igreja da Inglaterra para incorporação das capelinas e paróquias britânicas.¹²⁷

Com a sua autonomia em 1964, a Igreja Episcopal do Brasil foi reconhecida pela Comunhão Anglicana enquanto igreja nacional. Assim, a Instituição passou a ter

¹²⁶ MONTEIRO, Larissa Mary Merecci. **A imigração inglesa na cidade de Niterói: Uma análise sociológica de sua contribuição para a comunidade fluminense.** Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, p.14

¹²⁷ CALVANI, Carlos Eduardo B. *Anglicanismo no Brasil.* São Paulo, SP: REVISTA USP, n.67, p. 36-47, setembro/novembro 2005. p.40

liberdade de criar seus próprios regulamentos, foi pioneira, por exemplo, na aprovação da ordenação feminina (1985) antes mesmo da Inglaterra. Cabe ressaltar o caráter também migratório dessa Igreja por esta ser ‘nacional’, assim sendo, a instalação do anglicanismo no Brasil, passa a ter influencia com a migração inglesa, como demonstra Carlos Calvani:

Em 1810, Portugal e Inglaterra estabelecem um tratado comercial que incluía a permissão para o estabelecimento nos territórios do reino de Portugal de cemitérios, hospitais, clubes e igrejas, desde que essas realizassem os cultos em inglês, fossem freqüentadas apenas por britânicos e não tivessem aparência exterior de templo. Assim, em 1819, foi inaugurada em solo brasileiro a primeira capela não-católica romana, a Christ Church (localizada até hoje na Rua Real Grandeza, em Botafogo, RJ) e posteriormente a St. Paul’s (São Paulo), Holy Trinity (Recife), St. George (Salvador), St. Mary (Belém), All Saints (Niterói), Capela dos Marinheiros (Santos) e a Capela da Companhia de Mineração (São João Del Rey, MG). Várias outras foram se estabelecendo durante a primeira metade do século XIX. Eram capelas freqüentadas por britânicos, com clérigos enviados diretamente da Inglaterra para atendimento das famílias e jurisdicionadas a dioceses britânicas. Muitas delas até hoje celebram missas em inglês e não têm qualquer preocupação proselitista por entenderem que católicos romanos ou evangélicos devem buscar seu crescimento espiritual nas próprias igrejas de origem. Contentam-se com a auto-reprodução familiar, mas são abertas a acolher pessoas que queiram se integrar ao grupo.¹²⁸

Essa falta de proselitismo do anglicanismo leva a Paroquia a ter algumas dificuldades de manutenção, tanto que para arrecadar fundos, já que é um grupo pequeno para auto sustentação, o templo é alugado para outras igrejas protestantes. Por conta disso o templo perdeu símbolos como a bandeira anglicana que ficava hasteada dentro do templo, assim como às bandeiras brasileiras e inglesas. Foi colocado um teclado no altar, descaracterizando o ambiente ritualístico anglicano.

¹²⁸ Idem.

Figura 10: Paróquia de todos os Santos, localizada em Icaraí/Niterói.



Fonte: <https://www.culturaniteroi.com.br/blog/?id=481>

A Igreja Anglicana começou a ser idealizada, em Niterói, em 1914, pelos empregados da Western Telegraphic, da Estrada de Ferro Leopoldina Railway e da Companhia Cantareira (controladas por capital inglês). Em benefício da ideia, eles promoveram uma quermesse e com o dinheiro arrecadado adquiriram, em 1915, um terreno na atual Rua Andrade Neves. Posteriormente, este terreno foi vendido para compra de um outro em Icaraí. Contudo, a eclosão da I Guerra Mundial impediu que o material importado para a construção do templo chegasse ao Brasil adiando, assim, sua edificação. A inauguração somente ocorreu em 30 de junho de 1922, com a celebração do culto por Salomão Ferraz e do americano John Gay Meen, o qual tornou-se o primeiro pastor da Igreja.

Edificada em centro de terreno, com inspiração no revival inglês, onde o neogótico foi amplamente utilizado, esta igreja possui um caráter predominantemente romântico. Suas fachadas são composições ao gosto rústico inglês, revestidas por pedras não aparelhadas. As janelas, com ogivas em lanceta, são emolduradas por decorativismo sóbrio feito em cimento. A cobertura de telhas francesas tem o ponto de cumeeira muito elevado, criando águas muito inclinadas e, portanto, frontões alteados. É interessante observar alguns contrafortes dispostos ao longo das fachadas.¹²⁹

¹²⁹ <https://www.culturaniteroi.com.br/blog/?id=481> . Consultado no dia 28/11/2018

Apresenta uma planta em cruz, com nave principal e transepto. Sua entrada se faz por um pequeno vestíbulo cuja portada é em arco ogival de tijolos maciços e aparentes. Na nave principal encontram-se, no seu início, uma pia batismal e o púlpito, localizado junto ao arco-cruzeiro. No transepto estão localizados o órgão e o coro. A capela-mor possui um vitral de motivos figurativos estilizados situado atrás do altar. Esta igreja faz parte de uma tipologia de edifícios religiosos protestantes construídos nas três primeiras décadas deste século.

A sua fundação está inserida no processo de influência econômico-cultural inglesa que consolidou-se no século XIX, principalmente, a partir a vinda da Família Real Portuguesa para a colônia, em 1808. A idéia de modernidade tomava conta do imaginário brasileiro, e, nos anos seguintes, foram efetuados, por parte dos poderes público e privado, investimentos em reformas urbanas, através das quais tentava-se fabricar um modo de vida que seguisse os padrões da Inglaterra e de outras nações "civilizadas". .

Os ingleses instalaram-se no Rio de Janeiro, através de companhias como: Western Telegraph, The Leopoldina Railway, Rio de Janeiro Traction, Light and Power, Bank of London, entre outras. Ao lado do trabalho, desenvolveu-se uma teia de empreendimentos de lazer e cultura que buscavam manter a identidade cultural da comunidade anglicana. Foi assim que apareceram, em Niterói, as primeiras instituições: a "Chácara dos Ingleses" - que serviu de alojamento aos funcionários da Western Telegraph e o "Rio Cricket" - clube de inverno da colônia. No verão, o espaço mais freqüentado era o Yacht Clube Sailing; os idosos tinham seu pouso garantido no Niterói Rest Home. E no que diz respeito às crianças e adolescentes, havia a "British Scholl", que imprimia uma rígida educação à maneira inglesa. A Prefeitura Municipal tombou o imóvel através do decreto nº 6536, de 30 de dezembro de 1992, como marco da presença inglesa na cidade.

3.3 - Entrevista com Reverendo Daniel Rangel Cabral.

A entrevista que será apresentada neste tópico foi realizada no dia 01/09/2018 através do preenchimento de uma questionário com perguntas semi-estruturadas com 7 perguntas cada, os mesmos foram enviados via email, e seus principais pontos abordados são: As recentes resoluções da conferencia de Lambeth

com respeito a sexualidade, o que diz teologia anglicana referente a inclusão de LGBT+, a posição da IEAB sobre a inclusão dos LGBT+ na comunhão anglicana e sobre a interpretação das igrejas tradicionais com respeito a inclusão dos LGBT+.

Questionário.

I – Quanto tempo você congrega e participa das atividades na igreja anglicana?

17 anos

II – Qual cargo exerce ou exerceu na IEAB e qual foi o motivo de ter se tornado anglicano.

Sou sacerdote. O motivo de ingressar na Igreja é que ela é uma Igreja arejada sem preconceitos e claramente aberta ao novo, mas sem se esquecer da tradição e da sua herança Cristã.

III – Há algum tempo tem um grande debate no interior do anglicanismo com respeito à inserção dos LGBT+, sobretudo com a sagração do bispo Gene Robinson, que é assumidamente homossexual. Como você vê a repercussão destes debates e os resultados que trouxeram para a igreja anglicana?

Muita alegria e muita dor também! Alegria, porque ela sempre foi uma das poucas Igrejas que na sua teologia tinha a compreensividade e a inclusão como bases epistemológicas, mas nunca conseguia avançar nisso plenamente, a primeira tentativa foi com as mulheres abrindo as portas para ordenação, mais em algumas Províncias com limites. Quando a possibilidade dos LGBT+ de ingressar na Igreja se confirmarem, houve outra limitação com a ordenação. Quando começou a surgir em algumas Províncias (USA, CANADA e Escócia) as possibilidades de mulheres e LGBT+ irem além de serem ordenados e serem Bispos, isso causou furor nas alas conservadoras da Igreja, mas alegria é efetivada, porque estávamos realmente exercendo aquilo que pregávamos a Inclusão de todos. Ai começa as dores as divisões na Igreja, pois os conservadores queriam continuar na sua zona de conforto, não enxergar a benção de Deus que é conviver, interagir e amar realmente “o próximo”

(marginalizado, excluído e abandonado pela sociedade). Alegria de ver as Igrejas muito mais parecidas com as comunidades de Cristo e dores, pois as pessoas começam a sair e não entender as possibilidades do convívio e da real necessidade de estar com outro (totalmente diferente de você). Mas a nossa Igreja é assim queremos sempre amar todas as pessoas sem exceção.

IV – A IEAB em 1997 e 2007 publicou duas cartas abertas em que apoiavam abertamente a diversidade humana e inclusão dos LGBT+ na igreja anglicana. Como você vê o apoio da IEAB a essa causa?

Muito positiva e onerante! Positiva, pois fomos à primeira Igreja a falar abertamente destes irmãos e irmãs que já estavam na Igreja, mais não tinham o direito de se declarar abertamente em nenhuma Igreja Cristã, com isso fomos à primeira Igreja no Brasil a aceitar eles nos nossos bancos sem precisar de mascaras e de armários (rsrs), lógico que depois vieram as Igrejas Inclusivas, mas a primeira Igreja histórica a falar e debater isto abertamente fomos nós. Onerante, porque com esta posição nos abrimos à caixa de Pandora e começamos a ter guerras internas e Clérigos, Comunidades e Dioceses dividindo a Igreja para declarar seu ponto de vista como único e correto diante dos outros.

V –Muitos consideram o Livro do reverendo anglicano Derrick Bailey “Homossexualidade e tradição cristã ocidental” como um dos precursores para dar base a teologia inclusiva. Você considera que o debate no interior do anglicanismo sobre sexualidade humana influenciou outras vertentes do cristianismo a realizar este debate?

Não só ele mais outros teólogos e pensadores anglicanos, também falaram sobre isto como John T Robinson e John Spong. Com total certeza, metade das Igrejas Históricas fora do Brasil, que assumiram esta visão foram graças a eles. Temos relatos de clérigos e membros das Igrejas Metodistas e Presbiterianas que quando leram estes autores abriam a mente sobre o assunto.

VI –Muitas igrejas usam certos versículos da bíblia para condenar os LGBT+, como por exemplo: Romanos 1, 21-28, Levítico 18, 22 e 20,23 Gênesis 18-19, 1 Coríntios 6, 9-10 e Timóteo 1:10. Qual sua opinião sobre a posição destas igrejas com respeito a interpretação destes textos para condenar ou excluir qualquer LGBTs de sua comunhão?

Eles usam uma hermenêutica e uma exegese medievais e pré medievais que algumas vertentes das Igrejas da reforma retomaram, mas com mais qualidades pois era um descortinar de idéias na época. Já passou! Entender tudo literalmente é abandonarmos os avanços teológicos, filosóficos e científicos da nossa época. Nem nas Universidades se pensa mais assim, nem as pessoas comuns pensam mais assim. Se fosse assim teríamos que vender nossos filhos, mulheres não falarem no Templo e ainda ser mordido por cobras. Nem tem mais sentido ver a bíblia mais assim.

VII – Você convidaria um LGBT para se tornar anglicano? Por que?

Não convidaria, porque não somos proselitistas. Mas se ele for uma pessoa que foi excluído da sua Comunidade de fé, por causa de sua natureza, e ele gostaria de vivenciar uma espiritualidade ao mesmo tempo antiga e moderna, e se conectar com uma comunidade extremamente acolhedora e amável faria o convite para vir a celebração e tirar sua prova.

Nesta entrevista com o reverendo Daniel é possível destacar algumas respostas que expressam o atual pensamento anglicano sobre a sexualidade humana. Na terceira pergunta ele faz um breve análise dos resultados referente aos debates nas conferências de Lambeth com respeito a homossexualidade. O reverendo destaca que ao mesmo tempo que serviu para muita alegria causou grande desconforto no interior do anglicanismo.

Na sua fala percebe-se que a teologia anglicana da inclusão ainda está em desenvolvimento, através da escuta de relatos pastorais com pessoas vulneráveis em cada diocese e distrito missionário da IEAB. Este debate é acompanhado pela experiência ecumênica para superar concretamente a realidade da violência no Brasil contra as minorias sexuais, hoje identificada com as pessoas LGBT+.

Também, na reflexão teológica anglicana são vários os pensadores que ajudam no desenvolvimento da uma doutrina anglicana inclusiva, um deles é o bispo anglicano Gene Robinson, que por sua vez defende a imagem de um Deus “todo-vulnerável”, em solidariedade com as pessoas excluídas da sociedade. Esta imagem tem

servido como suporte para a inclusão de todas as pessoas na vida da igreja, bem como na sociedade em seu livro “No Olho da Tempestade: varrido ao centro por Deus”.¹³⁰

O Arcebispo Anglicano Desmond Tutu também é um dos expoentes deste pensamento inclusivo no anglicanismo, pois este defende em seus sermões uma teologia genuinamente anglicana da inclusão, onde todos são chamados a amar, recusando-se a acreditar em um Deus homofóbico.¹³¹

Alguns teólogos anglicanos brasileiros de igual modo desenvolveram a Teologia inclusiva em seus artigos sobre a sexualidade humana. Por exemplo, o bispo anglicano Dr. Humberto Maiztégui Gonçalves propõe uma nova abordagem bíblica orientada para o aconselhamento pastoral e a vida cristã em seu artigo “Uma abordagem teológico-antropológica da sexualidade na Bíblia”, explicando um modelo baseado no Cântico dos Cânticos, Lidando com erotismo e companheirismo ético-amoroso, muito além dos modelos tradicionais, permitindo a possibilidade de uma relação entre duas pessoas que se amam, abrindo o caminho para uma relação homoerótica. Ele também desenvolve um argumento teológico de inclusão em comunidades cristãs anteriores no artigo “Teologia da Inclusão em Atos dos Apóstolos 15, 1-35”¹³²

O Sumo Takatsu em seu artigo “Homossexualismo no Anglicanismo” diz que a Comunhão Anglicana é enriquecida com a presença de pessoas LGBT+, mas não são ordenadas em algumas províncias devido a antecedentes teológicos e culturais. São considerados um grupo vulnerável em nosso meio.¹³³

O Revd. Mario Ribas preparou um sermão para o Serviço Eucarístico na II Consulta Anglicana sobre a Sexualidade Humana, no Rio de Janeiro, em 2002, sobre “Abraão e Sara: chamado para ser um casal proativo”. Deus chama as pessoas a serem pró-ativas para o gênero humano, não apenas procriadoras. A única saída para a compreensão humana seria ouvir e compreender. Ouvir as histórias de pessoas diferentes de si mesmo e acreditar nelas. Não se pode concluir apenas a partir de uma única perspectiva, sobre isso Robinson explicita:

¹³⁰ ROBINSON, Gene. *No olho da tempestade. Varrido ao centro por Deus*. Nova Iorque: Church Publishing Incorporated, 2008. p.9.

¹³¹ TUTU, Desmond. *Sermão para a IX Assembléia do CMI*. Porto Alegre, 2006.

¹³² GONÇALVES, Humberto Maiztegui. Uma abordagem teológica-antropológica da sexualidade na Bíblia. Em: CALVANI, Carlos Eduardo (org). *Bíblia e Sexualidade – Abordagem teológica, pastoral e bíblica*. São Paulo, Fonte Editorial, 2010.

¹³³ TAKATSU, Sumio. Homossexualidade no Anglicanismo. *Mandrágora*, São Bernardo do Campo, n. 5, p. 42, 1999.

Jesus esteve sempre do lado daqueles que foram proscritos pela sociedade e suportaram o fardo injusto de desprezo, discriminação e preconceito. É muito provável que ele olhasse para lésbica moderna, gays, bissexuais e transgêneros e mantivesse verdadeira simpatia por eles e por sua situação. Ele teria entendido as implicações de um sistema criado para beneficiar a maioria heterossexual sobre a minoria homossexual. É difícil imaginar Jesus ingressando na discriminação por atacado contra pessoas LGBT. Não parece lógico que ele seria solidário com jovens adolescentes gays que assumem suas próprias vidas ao invés de conviver com o estigma associado à sua orientação sexual? Será que ele não seria encontrado falando uma palavra de apoio, encorajamento e esperança para eles? Será que ele não estaria buscando uma mudança nos corações daqueles que os tratam como párias?¹³⁴

Na pergunta 4, quando indagado sobre a resposta de apoio da IEAB com respeito inclusão de LGBT+, o mesmo afirma “fomos a primeira igreja do Brasil a aceitar eles(sic) nos bancos sem precisar de mascaras ou armários.” Esta afirmação denota uma das características do anglicanismo que é manter a unidade na diversidade. IEAB reconhece que as relações de gênero permeiam todos os níveis da sociedade e atingem todos os níveis hierárquicos da igreja, e muitas vezes baseiam-se no abuso de poder sobre o outro. Muitas iniciativas surgiram para construir as chamadas comunidades terapêuticas dentro das paróquias e missões anglicanas, e também ecumenicamente, onde as relações saudáveis podem ser fundadas e construídas. O trabalho começa com a mudança das políticas eclesiais e programas pastorais em todos os níveis. O trabalho deve avançar para desenvolver e fortalecer políticas públicas que facilitem a vida na sociedade.

O princípio anglicano da unidade na diversidade deixa claro que ninguém deve se considerar superior a qualquer outro, pois o cristão não tem o direito de rejeitar alguém que foi aceito por Deus. Na teologia anglicana, percebe-se a preocupação em ensinar que a coexistência entre as diferentes pessoas é possível. As relações pessoais não podem ser prejudicadas por diferentes maneiras de pensar e agir, nem você pode condenar outra pessoa simplesmente porque você pensa de forma diferente ou agir de forma diferente dos outros. Há espaço para a aceitação dos outros, para refletir juntos, para a mudança de pensamento e realidade. A Teologia Anglicana oferece espaço para resgatar a dignidade da pessoa LGBT+, dentro da compreensão da dignidade de cada pessoa humana.¹³⁵

¹³⁴ Robinson Gene; **God believes in love: Straight Talk About Gay Marriage.** New York: Knopf, 2012. p.110-111.

¹³⁵ Idem.

E por fim a pergunta 6 o reverendo é indagado sobre os discursos LGBTfobicos de igrejas mais tradicionais e sobre sua opinião com respeito a este tipo de interpretação bíblica. A condenação a este tipo de interpretação foi enfática pelo reverendo chamando-as de “medievais e pré-medievais” complementando que “entender tudo literalmente é abandonarmos os avanços teológicos, filosóficos e científicos da nossa época.”

Esta fala do reverendo denota uma outra característica da teologia anglicana que é a recusa do uso da religião como instrumento para exclusão dos mais vulneráveis. A religião tem sido uma fonte constante de discriminação social, cultural, étnica, de gênero e orientação sexual, contribuindo para uma cultura de violência entre os seres humanos. O grande desafio enfrentado pelas igrejas que procuram seguir o Evangelho de Cristo tem sido superar todas as formas de discriminação contra as pessoas marginalizados em cada geração. O resultado desse empreendimento é o reconhecimento da vulnerabilidade existencial que afeta todo ser humano, encorajando uma sociedade mais justa.

O bispo Gene Robinson, reflete sobre a realidade da religião que condena as pessoas, especialmente os jovens LGBT+ em sua sociedade. O bispo anglicano afirma que a religião, quando acompanhada pela rejeição total da homossexualidade, desempenha um papel crucial na onda de suicídios de adolescentes. Sobre isso Robinson afirma:¹³⁶

Ao utilizarmos essas sete passagens nas Escrituras parece claro que não devem ser usadas no serviço de condenar a homossexualidade como a conhecemos hoje. [...] Há, no entanto, muito nas Escrituras acerca da compaixão para com os outros seres humanos, o chamado por empatia e justiça para os marginalizados, e um padrão de honestidade, reciprocidade e amor em todas as relações. No final, Deus acredita em amor. Portanto, eu diria que a Escritura que nos dá grande orientação e duradoura para a realização de nossos relacionamentos, sejam eles com estranhos, amigos ou parceiros ao longo da vida.¹³⁷

No Brasil, adolescentes e jovens LGBT+ sofrem ao tentar sobreviver em nossa sociedade heteronormativa. Eles estão tentando descobrir quem são, tentando esboçar suas ações, apesar dos sentimentos confusos dessa idade, tentando discernir o

¹³⁶ ROBINSON, Gene. **Como a religião está matando a nossa juventude mais vulnerável**. Washington: Centro para o Progresso Americano, 2010. p.28.

¹³⁷ Robinson, Gene. **God believes in love: Straight Talk About Gay Marriage**. New York: Knopf, 2012. P.101 – 103.

propósito para o qual Deus os criou. Eles não precisam de julgamento, nenhuma mensagem de condenação, solidão, isolamento ou uma vida de desespero. Eles precisam de modelos de relacionamentos saudáveis. No entanto, os jovens têm sido frequentemente perseguidos, espancados, levados ao suicídio ou mortos. Sobre isso o bispo Anglicano Celso Franco de Oliveira alerta:

O que precisamos entender é que cada pessoa é um ser único e que não há duas pessoas iguais. Não existe uma causa ou padrão de desenvolvimento que determine a orientação sexual, seja ela heterossexual, bissexual ou homossexual. O que existem são dados científicos, cada vez mais convincentes, de que a homossexualidade, assim como a heterossexualidade, não podem ser consideradas por si só uma doença, perversão ou patologia. E se não é uma patologia, uma doença, curar o quê? Não se pode sugerir tampouco que os homossexuais não sofram de sérios conflitos. Tais conflitos, entretanto, não vêm de sua sexualidade, mas das pressões da sociedade que definiu a norma sexual em termos exclusivamente heterossexuais.¹³⁸

O autor continua dizendo:

Finalmente, o que significa ser um homossexual? Um homossexual tem como objeto de desejo e fantasias sexuais preferencialmente uma pessoa do mesmo sexo. É simplesmente não apropriado se pensar em doença ou escolha quanto a esse assunto. Que heterossexual escolhe sua sexualidade? Quem escolhe ser daltônico, destro ou canhoto? O maior problema para o homossexual é o olhar de suspeição do outro. Como bem disse um psicanalista brasileiro, “e me pergunto se, ao olhar para alguém com desconfiança – não vá ser que seja o que não deve ser – não fabricamos nele um ser altamente desconfiável. E o pior é que me respondo que sim.” Se é preciso haver mudanças, estas não devem ser direcionadas ao homossexual (“sua escolha”, “possibilidade de cura”), mas às percepções da sociedade e seu arsenal repressor, e tentar modificar o objeto do desejo é uma tarefa inalcançável.¹³⁹

Por um lado, os religiosos conservadores estão reproduzindo todos os tipos de preconceitos e condenações, em nome de um Deus “amoroso”; Classificando a atração do mesmo sexo como impura e antinatural; Declarando a possibilidade de cura; E designando as uniões do mesmo sexo como moralmente repugnantes e contra a lei da natureza de Deus. Crianças gays em denominações conservadoras crescem ouvindo dia e noite que são abominações diante de Deus, passando por um trágico processo de autopiedade e auto-alienação, causando dor e profundas cicatrizes emocionais.

Por outro lado, as denominações mais progressistas permanecem caladas diante dessas tragédias. O silêncio equivale à sentença de morte para os jovens. A tolerância em relação às diferentes maneiras como as pessoas vivem sua sexualidade não é suficiente para redimir o uso da religião como um instrumento de morte. A

¹³⁸ OLIVEIRA, Dom Celso Franco. **Sobre sexualidade**. Centro de estudos anglicanos. 2007.p. 3

¹³⁹ Idem. p.4.

solução é defender e apoiar as pessoas que vivem na diversidade sexual, uma vez que é uma questão de vida ou morte. É imperativo responder ao chamado da fé e ser proativo na vida eclesial, inclusive lutando por políticas públicas de combate à violência de gênero.¹⁴⁰

3.4 – Movimento Episcopaz.

O Movimento Episcopaz é uma iniciativa de anglicanos, aliados pró-diversidade e pela paz; que, por sua vez, se reúnem como uma pastoral de direitos humanos ligada à paróquia da Santíssima Trindade na Diocese Anglicana do Rio de Janeiro, localizada no Meier. Justamente porque abraça o propósito em favor dos direitos humanos é que diversas frentes em prol das minorias fazem parte da atuação dessa pastoral. A questão da inclusão numa perspectiva ligada à diversidade sexual, por exemplo, é uma dessas frentes.

Para se falar dos objetivos da pastoral é importante destacar a força do termo pastoral, que segundo o anglicanismo vem de pastoreio, implica em ver a figura do Cristo como o bom pastor dos excluídos e marginalizados, por isso a atuação da pastoral deve ser combater a exclusão de qualquer grupo social. A pastoral segue três caminhos de ação: participação efetiva da construção de uma sociedade mais igualitária, temperar a existência com os sabores da Graça de Deus que a ninguém exclui e denunciar todas as formas de injustiça e opressão, sobretudo aquelas feitas em nome da religião. Obviamente, tudo isso sem perder o foco da religioso que se realiza dentro da dimensão pastoral (catequese, profetismo, evangelização, cuidado pastoral e iniciativas ecumênicas).

Inserido nestas três aspectos de atuação, debate frequentemente os perigos do avanço do fundamentalismo religioso, contando com ativistas LGBTs em seus encontros, participam do evento da Diversidade Católica na Unirio sobre homossexuais na Igreja, e realizaram um amplo debate sobre o matrimônio igualitário que teve uma grande adesão.

¹⁴⁰ SOUZA, Inamar Correa de; **Deus não é homofóbico: Uma contribuição anglicana para superar a homofobia.** Conferencia Nacional do Brasil, Recife. p.3

Figura 10: Uma das campanhas do Movimento Episcopaz.

traga seu depoimento

compartilhe a fé

II Encontro do Episcopaz
Matrimônio Igualitário
Desafio ou evolução de conceito para a Igreja?

roda de conversa troca de ideias ofício ecumênico

10 Novembro, 17h | Paróquia da Santíssima Trindade
Rua Carolina Méier, 61, Méier, RJ

Fonte: <http://episcopaz.blogspot.com/search/label/Episcopaz%20em%20otos>

Figura 11: Discussões promovidas pela Episcopaz com respeito ao casamento igualitário.



Fonte:<http://episcopaz.blogspot.com/search/label/Episcopaz%20em%20fotos>

Apesar do Episcopaz estar ligado a uma paróquia, que por sua vez, está no contexto de uma diocese, não é como se estivesse subordinado à Roma, como as pastorais católicas, ou seja, a organização tem certa autonomia para promoção de suas pautas. E também, apesar das divergências de opinião no seio do anglicanismo como já mostrado nos debates de Lambeth, a igreja anglicana não teme se reformar para melhor acompanhar as transformações no mundo e não tem costume de silenciar grupos internos com pautas progressistas.¹⁴¹

Por isso, considerando a relevância do Movimento Episcopaz para o debate da diversidade sexual dentro da igreja anglicana do Brasil, escolhemos um membro ativo da pastoral para ser entrevistado, Jefferson Fernandes, 32 anos, é homossexual assumido em uma relação estável e também anglicano desde 2013. Jefferson atuou ativamente nas campanhas da Episcopaz em favor do matrimônio igualitário. Ele concedeu entrevista para realização desta pesquisa no dia 04/09/2018 por meio de

¹⁴¹ <http://episcopaz.blogspot.com/search/label/Episcopaz%20em%20fotos> site consultado dia 30/10/2018.

questionário com 7 perguntas, com os mesmos pontos abordados na entrevista do reverendo Daniel: As recentes resoluções da conferência de Lambeth com respeito a sexualidade, o que diz teologia anglicana referente a inclusão de LGBTQ+, a posição da IEAB sobre a inclusão dos LGBTQ+ na comunhão anglicana e sobre a interpretação das igrejas tradicionais com respeito a inclusão dos LGBTQ+.

3.5 – Entrevista com Jefferson Fernandes, membro ativo do Movimento Episcopaz.

I – Quanto tempo você congrega e participa das atividades na igreja anglicana?

Eu comecei a participar das atividades da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil (IEAB) em 06 de janeiro de 2013. Todavia, oficialmente, eu fui recebido em comunhão na Igreja Anglicana em 30 de março de 2013.

II – Qual cargo exerce ou exerceu na IEAB e qual foi o motivo de ter se tornado anglicano.

Na Igreja Anglicana, eu fui membro da Pastoral Episcopaz, que é uma pastoral formada por anglicanos, amigos e aliados que anuncia o Evangelho por meio de ações que promovem a Inclusão, a Justiça e a Paz, em respeito à dignidade de todas as pessoas. Os trabalhos da pastoral visam à promoção do respeito à diversidade dentro e fora da Igreja Anglicana. Por isso, foram feitas campanhas para a aprovação do casamento homoafetivo, eventos sobre o papel da ordenação feminina e o acesso das mulheres aos cargos mais altos da igreja, entre outros. O principal motivo para minha conversão para Igreja Anglicana foi a abertura para pessoas lgbtis. Sempre fui muito religioso, era catequista e membro de grupo de jovens e de adoração dentro da Igreja Católica. Todavia, o fato de eu não poder me casar, por ser homossexual, era algo que me incomodava. Os principais motivos para minha conversão para a Igreja Anglicana foram o seu discurso inclusivo e o fato de o casamento homoafetivo religioso começar a ser aprovado em outras províncias. Quando entrei para a Igreja Anglicana, houve um sentimento maior de pertencimento.

III – Há algum tempo tem um grande debate no interior do anglicanismo com respeito a inserção de LGBTQs, sobretudo com a sagração do bispo Gene Robinson,

que é assumidamente homossexual. Como você vê a repercussão destes debates e os resultados que trouxeram para a igreja anglicana?

Esses debates, primeiramente, trouxeram o tema para discussão e reflexão. A partir dessas reflexões iniciaram-se grupos de estudos teológicos e bíblicos sobre a possibilidade de uma igualdade de acesso aos sacramentos para as pessoas LGBTs, o que alguns chamam de cidadania eclesial plena. Acredito que os debates tiveram um papel para que a comunidade anglicana refletisse sobre a incompatibilidade entre o discurso de amor e inclusão de Cristo e a segregação e discriminação sofridas por fiéis LGBTs.

IV – A IEAB em 1997 e 2007 publicou duas cartas abertas em que apoiavam abertamente a diversidade humana e inclusão de LGBTs na igreja anglicana. Como você vê o apoio da IEAB a essa causa?

Tais cartas ajudaram a trazer à tona a situação das pessoas lgfts dentro da Igreja Anglicana e o seu esforço em acolhê-las do jeito que nós somos, além de começarem a atrair fiéis que se sentiam oprimidos em igrejas de outras denominações. Certamente, isso trouxe uma renovação para Igreja, tendo em vista que muitas pessoas passaram a fazer parte da Igreja Anglicana ao saber de seu posicionamento inclusivo. Essas cartas ajudaram a construir a imagem da IEAB como uma igreja aberta para acolhida de pessoas de diferentes orientações sexuais.

V – Muitos consideram o Livro do reverendo anglicano Derrick Bailey “Homossexualidade e tradição cristã ocidental” como um dos precursores para dar base a teologia inclusiva. Você considera que o debate no interior do anglicanismo sobre sexualidade humana influenciou outras vertentes do cristianismo a realizar este debate?

Em países que possuem um número maior de seguidores anglicanos como Estados Unidos, Inglaterra, Escócia e Canadá, considero que houve uma influência da Igreja Anglicana sobre outras vertentes, principalmente, por ela ser uma igreja protestante tradicional. Os estudos e os livros de lideranças anglicanas chamaram a atenção dos líderes religiosos e dos fiéis de outras igrejas. Nesses países, como a Igreja Anglicana tem um espaço maior no cenário político e religioso, a sua doutrina tem um impacto maior nas relações sociais e religiosas.

No Brasil, o número de anglicanos é ainda muito pequeno, de maneira que essa influência se torna menor. Quando saiu a notícia da aprovação do casamento gay na Igreja Anglicana no Brasil, houve algumas matérias falando sobre o assunto, mas isso não ganhou grandes repercussões.

Acredito que essa aprovação começará a trazer novos fiéis para a Igreja aos poucos e aí sim com o seu crescimento, eu acredito que a visão inclusiva da IEAB possa gerar um impacto maior em outras vertentes do Cristianismo no Brasil.

VI – Muitas igrejas usam certos versículos da bíblia para condenar LGBT+, como por exemplo: Romanos 1, 21-28, Levítico 18, 22 e 20,23 Gênesis 18-19, 1 Coríntios 6, 9-10 e Timóteo 1:10. Qual sua opinião sobre a posição destas igrejas com respeito a interpretação destes textos para condenar ou excluir qualquer LGBTs de sua comunhão?

Estas igrejas utilizam essas passagens para justificar a exclusão e o preconceito. Fazem uma interpretação letrista da Bíblia, de maneira a reproduzir preconceitos e visões conservadores do passado. Na Igreja Anglicana, o que permitiu a inclusão de pessoas LGBTs foi a valorização de uma interpretação histórico-crítica da Bíblia, de maneira a tentar compreender tais passagens dentro de um determinado contexto.

Além disso, tais passagens não se coadunam com a mensagem de amor, paz e inclusão, de Jesus Cristo. Quando se lê a Bíblia é importante fazer essa filtragem não apenas em relação a essas passagens, mas também em outras que, claramente, não se enquadra no famoso “ame ao próximo como se fosse a si mesmo”.

VII – Você convidaria um LGBT para se tornar anglicano? Por quê?

Sim. Primeiramente, porque congregar em uma igreja, que lhe aceita do jeito que você é, traz uma paz espiritual muito grande. Saber que há um ambiente em que você possa viver a sua espiritualidade, sem abrir mão de sua afetividade, é reconfortante. Em segundo lugar, porque seria ótimo ter uma igreja tradicional inclusiva com muitos fiéis, já que seu poder de influenciar a opinião pública e outras vertentes religiosas seria maior. Em uma época em que a religião tem sido utilizada politicamente para perseguir pessoas lgbs, ter uma igreja que luta pela causa pode

trazer impactos sociais e políticos muito positivos para a construção de uma sociedade mais tolerante no que tange à diversidade sexual.

Na entrevista concedida com Jefferson, é possível ver algumas características semelhantes da entrevista do Reverendo Daniel, com respeito a inclusão de LGBTQ+, entretanto é possível notar algumas diferenças no tocante ao sentimento de inclusão que o entrevistado encontrou na Igreja anglicana por ser homossexual.

Na pergunta 3 quando questionado sobre o debate no interior do anglicanismo referente a temática da inclusão dos LGBTQ+ e o apoio aberto a esta pauta, ele afirma dois elementos importantes para o avanço da pauta LGBTQ+. Quando diz “Acredito que os debates tiveram um papel para que a comunidade anglicana refletisse sobre a incompatibilidade entre o discurso de amor e inclusão de Cristo e a segregação e discriminação sofridas por fiéis LGBTQs”. Essa fala denota um dos aspectos da teologia anglicana, que é a crença da vulnerabilidade divina.

Muitos teólogos do século XX desenvolveram uma teologia da vulnerabilidade divina em oposição ao conceito clássico de onipotência divina, com base em novos métodos de hermenêutica bíblica usando o método histórico-crítico para entendimento da Bíblia. Estes estudiosos procuram um entendimento comum de um Deus sofredor em Jesus Cristo, participante nos sofrimentos do mundo, como uma forma de expressar Seu amor por toda a criação.

Gene Robinson é um dos maiores defensores do conceito de vulnerabilidade divina, defendido no seu livro *In The Eye Of The Storm* a partir de sua perspectiva dos LGBTQ+, no meio de uma tempestade, a partir do anúncio de sua eleição ao episcopado, envolvendo sua família, sua integridade como ser humano, sua diocese, a Igreja Episcopal Americana, a Comunhão Anglicana pelo mundo afora, além de toda atenção da mídia de seu país e da mídia internacional.

Robinson avalia a existência de muitos muros separando os seres humanos uns dos outros: pobreza, doença, raça, gênero, preconceito e medo. Para o teólogo, este muro tem tomado bastante tempo, energia, e gerado discussões passionais na vida cristã. Este mesmo muro que separa pessoas lésbicas, gays, bissexuais ou transgêneros, da comunidade maior de cristãos e cristãs. Dentro da igreja anglicana ela aconteceu porque

nos últimos anos muitas pessoas assumiram sua homossexualidade diante de suas famílias e continuaram frequentando suas paróquias anglicanas, levando ao reconhecimento que esse é um tema familiar. Eles, os LGBT, tornaram-se “nós”, levando a igreja a enfrentar a situação.¹⁴²

Ao refletir sobre a existência dessas pessoas na vida da igreja, partindo do caminho percorrido dentro das famílias ao falar no assunto e buscar aceitação, a Igreja Episcopal Americana decidiu falar também sobre o assunto, aliando a prática pastoral com a reflexão teológica.

O presbiteriano William Carl Placher aprofunda o conceito sobre a vulnerabilidade de Deus, mostrando que o Deus revelado em Jesus Cristo é retratado na escritura como um Deus que arrisca sua vulnerabilidade, a fim de amar plenamente sua criação. Para Placher, a suposição de que Deus significa poder é bem conhecida na história, e a maioria dos cristãos se apegam ao modelo tradicional de onipotência divina. Deus é capaz de fazer qualquer coisa por alguém, mas ninguém é capaz de causar dor a Deus.¹⁴³

Segundo o teólogo presbiteriano, Deus é perfeito, e quem quiser alcançar a própria perfeição, deve almejar ser poderoso. A maioria das pessoas associa Deus ao poder; associa poder à dominação alheia, inclusive com violência; associa sucesso humano com riqueza; associa patriotismo com triunfo militar. Algumas imagens de Deus corroboram com a visão da sociedade atual, ao priorizar o poder e sucesso, apresentando um Deus poderoso, invulnerável, indiferente aos sofrimentos do mundo. A Confissão de Fé de Westminster, por exemplo, afirma um Deus “sem corpo, sem partes, sem paixões, imutável.” Muitas pessoas que nos dias de hoje estão lutando na retaguarda para preservar o poder e os privilégios, para retardar a justiça, usam versículos bíblicos ou falam em nome de Jesus. Muitas mulheres, gays e lésbicas afirmam que a Bíblia e as doutrinas cristológicas têm sido usadas contra elas, servindo de instrumentos de opressão dos menos favorecidos pelo poder.

A boa nova de Deus em Cristo, contudo, revela um Deus muito diferente, encarnado, desejoso em ser vulnerável a dor em nome do amor. A maioria das pessoas

¹⁴² ROBINSON, Gene. **In the eye of the storm**: swept to the center by God. New York: Church Publishing Incorporated, 2008. p.9

¹⁴³ PLACHER, William Carl. **Narratives of a Vulnerable God**: Christ, Theology, and Scripture. Louisville: Westminster John Knox Press, 1994.p.3.

não percebe a ideia radical de Deus proposta pelo evangelhos, Isso acontece porque o tipo de Deus que se acredita molda o tipo de vida que se quer viver.

Admiravelmente, muitos teólogos o século XX enfatizam a vulnerabilidade de Deus, criando uma tendência, como Ronald Goetz, sobre a emergência de um Deus sofredor, os alemães Barth, Bonhoeffer, Moltmann e até Jung, passando pelos criativos asiático, latino-americanos da teologia da libertação, teólogos e teólogas feministas americanos. Utilizam novos métodos populares de hermenêutica, como análise retórica, como resposta do leitor, a aproximação histórico-crítica, procurando um senso comum.¹⁴⁴ As pessoas cristãs solidárias com os sofrimentos do mundo, desconfiadas do poder pelo uso da força, estarão inclinadas a uma teologia que inicia com a busca por Jesus nos relatos bíblicos

No século XXI, quando muitas pessoas permanecem excluídas da possibilidade de salvação pela teologia tradicional e pelo fundamentalismo bíblico, encontra-se o fortalecimento da teologia da vulnerabilidade divina como uma maneira de superar as exclusões humanas, refletindo como um Deus que sofre com o sofrimento de qualquer uma de Suas criaturas seria mais acessível ao ser humano contemporâneo. Cada vez mais a hermenêutica bíblica contemporânea tenta lidar com os conflitos humanos atuais, encontrando maneiras de superar as diferenças, especialmente na área da sexualidade humana. Sobre esse aspecto da teologia anglicana Robinson afirma:

Parece-me, então, que a vulnerabilidade e auto-revelação estão no centro do que entendemos sobre a natureza de Deus. E a razão pela qual eu acredito que gays e lésbicas são pessoas espirituais é que temos participado muito da vulnerabilidade e auto-revelação, especialmente no processo de sair do armário. Quando uma pessoa compartilha com você quem ela realmente é, consiste numa oferta especial. Quando essa partilha representa risco de rejeição, consiste num dom sagrado e profundo.¹⁴⁵

A Comunhão Anglicana em todo o mundo gastou muito tempo e energia, proporcionando workshops e discussões teológicas sobre a barreira que separa as pessoas lésbicas, gays, bissexuais ou transgêneros da comunidade maior de cristãos. A discussão atual gira em torno de argumentos sobre a aceitação ou condenação divina dessas pessoas LGBT, tenham ou não um papel a desempenhar na vida e liderança ordenada da igreja. Na Igreja Anglicana isso acontece porque nos últimos anos muitas pessoas assumiram publicamente sua homossexualidade e continuaram a frequentar

¹⁴⁴ DE SOUZA, Inamar Corrêa. **A Vulnerabilidade divina no contexto de pessoas vulneráveis: uma abordagem teológica-bíblica, anglicana, inclusiva e feminista**. Porto Alegre: ESTEF, 2014.p.16.

¹⁴⁵ Op.cit. p.120.

suas paróquias anglicanas, levando ao reconhecimento de que este é um tema dentro da agenda comunitária. “Eles”, pessoas LGBT, se tornaram “nós”, levando a igreja a enfrentar a situação.¹⁴⁶

Na pergunta 6, Jefferson é indagado sobre a interpretação tradicional das igrejas para condenação da homossexualidade, e faz uma crítica a posição afirmando que “essas igrejas utilizam essas passagens para justificar a exclusão e preconceito. Fazem uma interpretação letrista da Bíblia, de maneira a reproduzir preconceitos e visões conservadoras do passado.”

Sua resposta denota a o quanto a interpretação histórico crítico é predominante hoje no anglicanismo brasileiro. A interpretação bíblica em tempos de grandes transformações na humanidade deve levar em conta o ser humano integral, a realidade da homossexualidade humana, o testemunho dos relacionamentos homossexuais, evitando uma visão única da sexualidade humana e a insistência em atos normativos isolados nas relações sexuais.

A Bíblia é citada amplamente para condenar os homossexuais. Há inúmeros textos polêmicos e crescentes estudos sobre a homossexualidade na Bíblia. Para citar apenas um exemplo muito sucinto, há muitos séculos se tem atribuído a destruição de Sodoma e Gomorra à homossexualidade. Porém, um estudo atento do texto bíblico tem muito a nos revelar sobre as reais transgressões dessas duas cidades antigas. Atualmente, respeitados teólogos defendem que o pecado de Sodoma nada tem a ver com homossexualidade, mas com falta de hospitalidade, xenofobia, orgulho, crueldade e egoísmo. Há grande literatura sobre esse assunto sendo produzida em língua portuguesa ou sendo traduzida, colaborando com uma hermenêutica bíblica LGBT

Ao utilizarmos essas passagens nas Escrituras parece claro que não devem ser usadas no serviço de condenar a homossexualidade como a conhecemos hoje. [...] Há, no entanto, muito nas Escrituras acerca da compaixão para com os outros seres humanos, o chamado por empatia e justiça para os marginalizados, e um padrão de honestidade, reciprocidade e amor em todas as relações. No final, Deus acredita em amor. Portanto, eu diria que a Escritura que nos dá grande orientação e duradoura para a realização de nossos relacionamentos, sejam eles com estranhos, amigos ou parceiros ao longo da vida.¹⁴⁷

¹⁴⁶ Idem. p.4

¹⁴⁷ Op.Cit. **God believes in love: Straight Talk About Gay Marriage.** New York: Knopf, 2012. p.101 -102

Conclusão .

Uma vez que o debate acerca da homossexualidade ainda é uma questão não resolvida na igreja anglicana e em outros ramos da cristandade; na conclusão, percebe-se que a assimilação das afirmações se tornaram não conclusivas. Por exemplo, a Igreja Anglicana permanece no diálogo, apesar de diversas dioceses agirem segundo seu entendimento de Igreja Local (autonomia da igreja frente às Províncias – conjunto de dioceses).

Entende-se, entretanto, que este é um momento importante para o debate e formação de um novo período de diálogo entre as religiões, como ferramenta para a promoção da paz e dos direitos de liberdade de expressão. E se tratando de liberdade o respeito ao diferente é essencial para a promoção da mesma. A construção do pluralismo e da diversidade se dará através da consciência que as categorias religiosas sofrem transformações mediante o desenvolvimento da cultura e do processo de formação de suas opiniões.

Deste modo, entende-se que o diálogo acerca da prática homossexual passa por um momento de construção. A pluralidade de afirmações das diversas correntes do cristianismo forma uma teia que corresponde bem ao momento histórico que vivemos, um momento de luta pela aceitação do que não é padronizado nas categorias da sociedade. Entende-se, neste trabalho, que a proposta da tolerância e do conhecimento da diversidade da cultura humana que se revela nos comportamentos e nas aceitações marcam o próximo passo desta geração.

Assim como cada pessoa é cidadã na sociedade onde vive, todo indivíduo é igualmente influenciado pelos males dessa sociedade, naturalizando práticas de discriminação ou algum tipo de violência, geralmente a violência contra minorias.

As igrejas por sua vez reproduzem em seu meio a banalização do mal e a violência de umas pessoas contra as outras. A papel principal de uma comunidade religiosa deveria ser promover a justiça e a paz. No decorrer da pesquisa é possível notar que esse objetivo está sendo alcançada pela busca de uma nova hermenêutica bíblica que leva em conta os mais vulneráveis da história.

A saída para as comunidades de fé na atualidade é desconstruírem a ideia de um Deus punitivo, e descobrir um Deus vulnerável e acessível ao sofrimento humano. Este objetivo só pode ser alcançado dedicando tempo para ouvir as histórias de sofrimento do mundo, histórias de vulnerabilidade das pessoas, a história das minorias.

A teologia contemporânea tem condições de oferecer orientações para novas formas de convivência humana, baseadas no amor mútuo. Na medida em que se conhecem as histórias de pessoas que passaram pelo sofrimento e exclusão, a mente humana pode se libertar dos preconceitos, pensamentos existentes somente em seu interior, partindo para a convivência com pessoas diferentes, pois suas histórias passam a fazer parte da história pessoal.

Deste modo, entende-se que o diálogo acerca da prática homossexual passa por um momento de construção. A pluralidade de afirmações das diversas correntes do cristianismo forma uma teia que corresponde bem ao momento histórico que vivemos, um momento de luta pela aceitação do que não é padronizado nas categorias da sociedade. Entende-se, neste trabalho, que a proposta da tolerância e do conhecimento da diversidade da cultura humana que se revela nos comportamentos e nas aceitações que marcam o próximo passo desta geração.

Graças à coragem de seus ministros e fiéis, o anglicanismo permite constatar que o processo de adaptação histórico e cultural do cristianismo é viável, não só pela questão do cisma experimentado por esta corrente, mas, especialmente pelo que foi vivenciado nos anos de história desta parcela do cristianismo histórico. Entende-se, por fim, que os debates nas conferências de Lambeth, no anglicanismo proporcionou um constante processo de mudança em seus dogmas, comportamentos e as afirmações absolutas, incentivando que a inclusão da comunidade LGBTQ+ inclusive chegasse a outras denominações cristãs.

Bibliografia.

AQUINO, Jorge. **Anglicanismo: Uma introdução**. Recife: Perfilgráfica e Editora, 2000.

Anglican Consultive Council. The Report “**The Truth Shall Make you free**”, Church House Publishing, 1988.

Anglican Consultative Council, *The report of the Lambeth Conference 1978* (Londres: ACC, 1978), p. 64-65.

Bíblia. Coríntios 6. 9 – 11. Versão Almeida corrigida e revisada. Sociedade Bíblica do

BAILEY, D. Sherwin. "**Homosexuality and the Western Christian Tradition**" London: Longmans, Green & Co., 1955; reprint, Hamden, CT: Shoestring Press, 1975.

BONFIM, Silvano Andrade. **Homossexualidade, direito e religião: Da pena de morte. A criminalização da homofobia e seus reflexos na liberdade religiosa**. Revista Brasileira de Direito Constitucional. 2011

CAVALCANTI, Robinson. **Doutrina Anglicana IX – O anglicanismo e sua história**. Disponível em <http://www.dar.org.br/biblioteca/65-doutrina-anglicana/552-doutrina-anglicana-ix-o-anglicanismo-e-sua-historia.html>.

_____. **Reforçando as Trincheiras: análise da problemática do homossexualismo à luz do cristianismo histórico**. São Paulo, Editora Vida, 2007. p.26

CALVALNI, Carlos Eduardo B. **Anglicanismo no Brasil**; REVISTA USP, São Paulo, n.67, p. 36-47, setembro/novembro 2005.

_____; CALVANI, Carlos Eduardo B. **Sexualidade – o prazer que liberta**. Revista Inclusividade – Centro de Estudos Anglicanos – Ano I – Julho de 2002.

Disponível em <http://centroestudosanglicanos.com.br/site/revista-inclusividade/inclusividade-numero-2/> . Acesso em 21/04/2018.

CARVALHO, Elton Roney da Silva. **(Homo)sexualidade em diálogo: imaginário cristão, intolerância religiosa e cisma anglicano**; UFPB; João Pessoa/CE, 2014.

CESCANI, Luis Filipe Paganella. **Os Direitos Humanos e a Igreja Episcopal Anglicana do Brasil (IEAB) – Diocese do Recife**. João Pessoa .UFPB. 2003

CHILDS, K. HARRIS, J. CISNEROS, A. **Anglicans and Sexuality: A Way Forward?** Institute Public Affairs.

CROMPTON, L., **Homosexuality and Civilization**, Cambridge Mass., Belknap Harvard UP, 2003.

EVERDING, Edward et al. **Homossexualidade: perspectivas cristãs**. Brasil: Editora Fonte Editorial, 2008.

GONÇALVES, Humberto Maiztegui. Uma abordagem teológica-antropológica da sexualidade na Bíblia. Em: CALVANI, Carlos Eduardo (org). **Bíblia e Sexualidade – Abordagem teológica, pastoral e bíblica** . São Paulo, Fonte Editorial, 2010.

FERNANDES, Estevão Rafael; **Desmitificando sexualidades:Enquadramentos coloniais e homossexualidade indígena no Brasil e nos Estados Unidos**

FERREIRA, Daniel Rogers de Souza; **Ousar dizer o nome: Movimento homossexual e o GRAB no Ceará**. UECE. 2003.

FEITOSA, Alexandre. **Conhecendo a Teologia Inclusiva: Um retorno ao evangelho**.

_____; FEITOSA, Alexandre. **Introdução a teologia inclusiva: Bíblia & Homossexualidade**. Oasis editora. Brasília-DF. p.11.

GOLIN, Célio, WEILLER, Luís Gustavo (Orgs.). **Homossexualidades, Cultura e Política**. Porto Alegre: Sulina, 2002. p.169.

GREEN, James Naylor. **Além do carnaval. A homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. São Paulo: UNESP, 2000.

CHAUÌ, Marilena. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária**. 5. Imp. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2000.

CESCANI, Luís Filipe Paganella. **Os Direitos Humanos e a Igreja Episcopal Anglicana do Brasil (IEAB)** UFPB, 2003

Lambeth Conference 2008 Reflections – Spanish. Disponível em:
http://www.anglicancommunion.org/media/72581/documento_de_reflexiones.pdf
Acessado em 31/04/2018.

LENNOX, Corinne e WAITES, Matthew, **Direitos Humanos, Orientação Sexual e Identidade de Gênero na Commonwealth: da História e do Direito ao desenvolvimento de diálogos ativistas e internacionais**. Estudos de Sociologia, Recife, 2016, Vol. 2 n. 22.

WILSON, Nancy. **Nossa Tribo: gays, Deus, Jesus e a Bíblia**. Rio de Janeiro: Metanoia, 2012.

WEEKS, J.; HOLLAND, J.; WAITES, M. (eds.). 2003. **Sexualities and Society: A Reader** Cambridge: Polity Press

KINSEY, Alfred; POMEROY, Wardell & MARTIN, Clyde. **Conducta sexual del Varón**. México: Editorial Interamericana, 1949.

FOX, Mathew, **Whee! we, wee all the way home: a guide to sensual, prophetic spirituality**, p. 237.

NATIVIDADE, Marcelo. LOPES, Paulo Victor Leite. Os direitos das pessoas GLBT e as respostas religiosas: da parceria civil á criminalização da homofobia. In: MENEZES, R. A. ; DUARTE, L. ; GOMES, E. ; NATIVIDADE, M. **Valores Religiosos e Legislação no Brasil**. Garamond. 2009.

MARANHÃO, Eduardo Meinberg de Albuquerque. **Teologia Queer e Cristrans: transições teológicas nas igrejas da comunidade metropolitana**. Revista Mandragorá, v.22. n. 2, 2016, p. 155.

MENEZES, R. A. ; DUARTE, L. ; GOMES, E. ; NATIVIDADE, M. **Valores Religiosos e Legislação no Brasil**. Garamond. 2009.

MUSSKOPF, André Sidnei. A sistematização do pensamento teológico gay no Brasil, 2010. In: CALVANI, Carlos Eduardo (org.). Bíblia e sexualidade – abordagem teológica, pastoral e bíblica. São Paulo: Fonte Editorial, 2010. p.259 – 260.

MONTEIRO, Larissa Mary Merecci. **A imigração inglesa na cidade de Niterói: Uma análise sociológica de sua contribuição para a comunidade fluminense.** Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, p.14

MOTT, Luiz. **Bahia: Inquisição e sociedade.** EDUFBA; Salvador, 2010.

_____; **A igreja e a questão homossexual no Brasil;** Artigo publicado em MANDRAGORA, N.5, 1999, p.37-41

PERRY, Troy. **História da MCC:** compilamento de entrevistas e escritos. 2004 .p.8 Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?q=PERRY%2C+Troy.+História+da+MCC%3A+compilamento+de+entrevistas+e+escritos.+2004&oq=PERRY%2C+Troy.+História>>. Acesso em: 20 Maio 2018.

REUNIÃO DOS PRIMAZES DA COMUNHÃO ANGLICANA (2005). **Declaração dos Primazes da Comunhão Anglicana.** Porto Alegre: Igreja Episcopal Anglicana do Brasil. Documentos. Disponível em: http://www.ieab.org.br/documentos/dec_primates05.pdf. Acesso em: 31/04/2008.

RIBAS, Mario. Revista inclusividade nº 2, **O Debate sobre a Homossexualidade na Comunhão Anglicana e a “Nova Moralidade” de John Robinson Centro de Estudos Anglicanos**

ROBINSON, John A.T. **Honest to God,** Londres: SCM Press, 1963

ROBINSON, B. A. (2006a). Activities Related to the consecration Of Bishop-Elect Robinson. **The Episcopal Church (USA) and Homosexuality (Part 10),** Ontario Consultants on Religious Tolerance. Disponível em: http://www.religioustolerance.org/hom_epis10.htm. Acesso em: 16/01/2008.

ROBINSON, Gene. **No olho da tempestade. Varrido ao centro por Deus . Nova Iorque:** Church Publishing Incorporated, 2008. p.9.

SENA, Tito. Revista Fazendo Gênero nº 9, **Os Relatórios Kinsey: Práticas sexuais, estatísticas e processos de normali(ti)zação**

SOUZA, Felipe Nicodemos de; CABRAL, Newton Darwin de Andrade; **Fragmentos, imagens e ideologias da sexualidade gay: uma história da homossexualidade no ocidente cristianizado**. Unicap. 2010. p.333.

VAINFAS, R. **Trópicos dos Pecados: moral, sexualidade e inquisição no Brasil**/ Ronaldo Vainfas – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

SPENCER, Colin. **Homossexualidade: uma história**. Tradução de Rubem Mauro Machado. Rio de Janeiro: Record, 1999.

St. Andrew's day statement', in Timothy Bradshaw (ed.) **The Way forward?** (Londres: Hodder & Stoughton, 1997), p. 7.

SOARES, Aldenor. **A igreja Anglicana e o conflito ritual a respeito da ordenação e casamento de Homossexuais**. 26^a. Reunião Brasileira de Antropologia. Porto Seguro, Bahia, 2006

SOARES, Aldenor Alves (2003a). **Sociologia do Anglicanismo**. Olinda: Editora Livro Rápido.

RETAMERO, Marcio. Manual de Liturgia. Igreja da Comunidade Metropolitana. Apostila impressa e divulgada no Retiro de Páscoa da igreja em 2010.

TAKATSU, Sumio. Homossexualidade no Anglicanismo. *Mandrágora*, São Bernardo do Campo, n. 5, p. 42, 1999.

TREVISAN, J. Silvério. **Devassos no Paraíso: A Homossexualidade no Brasil da Colônia à atualidade**. Rio de Janeiro: Record, 2000. P.365

TUTU, Desmond. **Sermão para a IX Assembléia do CMI**. Porto Alegre, 2006

XAVIER, Luiz Felipe. O método histórico-crítico: origem, características e passos metódicos. p.1. **Revista Davar Polissêmica**, vol 3, n 1, 2012. Disponível0e:<<http://sistemabatista.edu.br/SEER/index.php/teo/article/view/95/85>>. Acesso em: 26 Maio. 2018.

